



ESCOLA SUPERIOR
DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

Processos de seleção noticiosa no jornalismo
internacional - A experiência de correspondentes
estrangeiros em Portugal

EVA MASSY

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Jornalismo

Orientadores:

Prof.^a Doutora Júlia Leitão de Barros, Professora Adjunta em Ciências
Sociais, Escola Superior de Comunicação Social

Prof. Doutor Paulo Moura Antunes, Professor Adjunto em *Media* e Jornalismo, Escola
Superior de Comunicação Social

Setembro, 2021

Declaração Anti-Plágio

Declaro que a presente dissertação, requisito necessário para a obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, é exclusivamente da minha autoria. Mais informo que todas as citações e referências a outros autores estão devidamente identificadas, segundo a 6ª edição da Norma APA. Este trabalho, intitulado "Processos de seleção noticiosa no jornalismo internacional - A experiência dos correspondentes estrangeiros em Portugal", é publicado pela primeira vez em setembro de 2021, na Escola Superior de Comunicação Social. Nunca foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. Também não deverá ser utilizado posteriormente sem a devida citação identificada. Declaro ainda ter consciência de que a prática de plágio constitui um ilícito académico.

Setembro de 2021

Eva Massy

Resumo

O objetivo deste trabalho é entender de que forma é que os correspondentes estrangeiros escolhem e selecionam as informações que transmitem, de Portugal para o mundo. A cobertura jornalística dos correspondentes é essencial: são eles quem nos abre a janela para o mundo. Cada vez mais, as agências tendem a monopolizar esse espaço de informação. No entanto, os órgãos jornalísticos continuam a apostar na figura do correspondente estrangeiro, porque o olhar será diferente. O que os leva então a cobrir determinado assunto, em detrimento de outros? Como tomam as suas decisões? O que fazem no dia-a-dia e porque é que as suas rotinas são diferentes das dos restantes jornalistas?

Para poder responder à questão inicial da seleção noticiosa, é necessário entender como é que estes jornalistas evoluem nas suas rotinas profissionais. O presente trabalho parte da opinião de que temos uma ideia muito reduzida daquilo que os jornalistas, e neste caso, os correspondentes estrangeiros, fazem no dia-a-dia, como e porquê. Este trabalho pretende erguer-se face ao preceito de uma morte lenta mas segura da profissão de correspondente. Num contexto de abundância de informação, serão os correspondentes estrangeiros considerados como cada vez mais necessários enquanto “produtores de significado”?

Palavras-chave: jornalismo internacional, seleção noticiosa, *gatekeeping*, *agenda setting*, globalização

Abstract

The purpose of this research is to understand how does the work routine of foreign correspondents evolves, and how do they choose the subjects they cover in Portugal and publish all over the world. Foreign correspondents are essential actors of the international news, they are the gatekeepers of world events. But their key role face many obstacles like the omnipresence of internet, the abundance of information and the monopolization of some international agencies in the world news panorama. Why is their work essential and brings distinction and diferenciation to the media they work for ? How do they select the events that will turn into « news » ? How do they take decisions and what is their routine like ?

I started the study from the principle that news receptors in general have no idea of what foreign correspondents do and how do they behave in their everyday lives. Yet, those moments define the way they make decisions concerning the selection of events to be covered. I intend to rise up against the precept of a sure but slow death of the foreign correspondent profession. Shouldn't we, more than ever, specially in this context of abundance of information, consider foreign correspondents as essential gatekeepers and « meaning producers »?

Keywords: international journalism, news selection, *gatekeeping*, *agenda setting*, globalization

Agradecimentos

Devo uma grande parte da realização deste trabalho ao entusiasmo e ardor que me deram os meus amigos e familiares durante este período. Poderia, portanto, começar por dizer que, sem eles, este trabalho não teria sido feito. É verdade, mas não seria nem justo nem fiel aos meus sentimentos, não começar por agradecer a minha Professora e orientadora Júlia Leitão de Barros, quem demonstrou uma força gigante para me acompanhar, à distância, num projeto com o qual me senti eu própria, por vezes, distante. Foi um acompanhamento essencial, sem o qual nunca teria atingido um décimo do que aqui fiz.

Um obrigado especial à minha mãe, sempre presente, sempre atenta, sempre disponível, sempre investida, sempre certa, sempre amiga, e mãe.

Agradeço, sem que compreendam a língua que uso para o fazer, os meus amigos em Marselha, (Héloïse, Laure, Angèle, Marion), com quem aprendi a descobrir esta cidade fascinante e turbulenta, por me terem recusado saídas, intimando pelo contrário: “*va travailler sur ta thèse!*”. Agradeço aos meus amigos em Lisboa (Diogo, Pedro, Constança, Cuca, Inês) e aos que estão fora, Berlin, Paris, Bruxelas (Blaise, Nadine, Mélody, Jeanne, Zé), por enriquecerem a pessoa que sou, por serem quem são e me darem a certeza de uma amizade eterna que a distância e os encontros vão reforçando. Um obrigado especial ao António.

Não posso terminar sem expressar a minha admiração pelos jornalistas do serviço Internacional do jornal Ouest-France, onde estagiei ao mesmo tempo que acabava este trabalho. O tempo que me disponibilizaram para explicar como trabalhavam com os seus correspondentes estrangeiros, os critérios, os compromissos a atingir, as reações às propostas feitas pelos correspondentes, tudo isso representou uma enorme mais-valia para a minha compreensão do jornalismo internacional. Pude assim situar-me na esfera oposta daquela que tinha estudado: já não estava do lado dos correspondentes, mas do lado onde são tomadas as decisões finais, numa redação central. Eternamente agradecida.

Índice

Introdução	1
Capítulo I. O papel dos correspondentes: tendências e desafios atuais	3
1.1 - A informação internacional na era da globalização	3
1.2 - Perfil do correspondente: um conceito dinâmico	6
1.3 - Desafios atuais da profissão de correspondente estrangeiro	10
1.3.1 - Concorrência do jornalismo-cidadão	11
1.3.2 - O monopólio das agências e o protagonismo crescente dos <i>freelancers</i> ...	12
1.3.3 - A informação "glocal"	14
Capítulo II. Rotinas profissionais dos correspondentes e processos da seleção noticiosa.....	16
2.1 - Estratégia metodológica	16
2.2 - Perfil dos correspondentes	18
2.2.1 - Estatuto profissional e zona de cobertura	18
2.2.2 - Ritmos de trabalho	21
2.2.3 - Os correspondentes e o imperativo da cobertura generalista.....	23
2.3 - Portugal e a atualidade portuguesa no sistema da informação internacional	25
2.3.1 - Valor noticioso da atualidade portuguesa no contexto internacional	25
2.3.2 - A noção de atualidade em debate	28
2.4 - Práticas de seleção de temas	30
Capítulo III - Estudo de caso: análise dos conteúdos jornalísticos	32
Considerações finais	45
Referências bibliográficas	47
Anexos	50

Introdução

A presente dissertação foi realizada no âmbito do mestrado em Jornalismo. O objetivo da investigação é analisar a forma como os correspondentes escolhem os eventos e as facetas portuguesas a contar no estrangeiro. O que escrevem sobre Portugal? Quais são os critérios que os levam a achar uma estória digna de interesse? Para um correspondente, uma realidade nacional pode se tornar uma notícia internacional.

Outros trabalhos foram realizados sobre a imagem de Portugal na imprensa estrangeira. O que faz que uma notícia sobre Portugal adquira importância a nível internacional já foi objeto de estudo (Baptista e Henriques, 2014; Laranjeiro, 2009; Rodrigues, 2008). Uma vez estudado e analisado o ponto de vista das redações estrangeiras, pareceu-me interessante entrar na subjetividade dos que estão no terreno, os correspondentes. Interessou-me saber o que é, para eles, uma informação suscetível de atravessar fronteiras, o que, para eles enquanto observadores e testemunhos diretos, faz uma notícia. Como é que as escolhem. Como funciona a subjetividade do jornalista estrangeiro enquanto *gatekeeper*.

Todos os dias nos deparamos com estórias vindas do outro lado do mundo. Por detrás desses acontecimentos, há sempre uma voz que fala, que transmite, que pretende divulgar. Inseridos em realidades por vezes muito diferentes daquela que conhecem, os correspondentes procuram estórias que possam ser reveladoras de uma outra realidade que aquela que o público conhece. Esforçam-se por transmitir valores culturais e sociais.

No entanto, a figura do correspondente enquanto enviado para os quatro cantos do mundo e constituindo a elite do jornalismo, já não é adequada. Esta figura tornou-se um mito. O correspondente estrangeiro atual já não usufrui de vários benefícios e de condições económicas adequadas ao seu estatuto (Laranjeiro, 2009). Atualmente, a maioria trabalha como freelancer, para vários órgãos mediáticos e por vezes, de forma bastante precária. Daí surge a questão de saber como é que, numa fase de crises mediáticas, os correspondentes encaram o seu papel de transmissores de valores culturais e sociais, de forma a estabelecer pontes entre dois ou vários países. A problemática que guiou esta dissertação resume-se então da seguinte forma: Como é que os correspondentes estrangeiros em Portugal procedem à seleção noticiosa e transformam acontecimentos em notícias destinadas a países estrangeiros?

Este trabalho baseia-se num corpus literário e na análise de conteúdo de duas matérias: as produções jornalísticas e entrevistas com cinco correspondentes estrangeiros residentes em Lisboa. O conjunto divide-se em três partes. Primeiramente, procurei estabelecer um quadro contextualizador da informação internacional enquanto na era da globalização. Nessa mesma primeira parte, abordam-se as características da profissão de correspondente estrangeiro, cujo perfil tende a ser um conceito dinâmico, em evolução, e que responde a vários desafios, também questionados.

Numa segunda parte, entrecruzei as entrevistas realizadas com os cinco correspondentes para analisar e compreender a forma como procedem à seleção noticiosa, as fontes que utilizam, os hábitos que entretêm e, finalmente, traçar um esboço das suas rotinas profissionais. Questionei-me sobre o valor noticioso da atualidade portuguesa no panorama da informação internacional. Foram igualmente revelantes as noções de atualidade e de cobertura generalista, no sentido de saber se os correspondentes percecionam essas noções como imperativos jornalísticos da mesma forma que jornalistas locais. Por fim, procedi a uma análise não exaustiva das produções jornalísticas de cada correspondente, com base no material disponível.

Este trabalho pretende demonstrar que os correspondentes estrangeiros agem como “pontes culturais” (Sambrook, 2010, p.52) e que essa missão é cada vez mais essencial, num mundo globalizante, cosmopolita e habitado por múltiplos choques civilizacionais, mas também cada vez mais precário.

Capítulo I

O papel dos correspondentes: tendências e desafios atuais

1.1 - A informação internacional na era da globalização

"Globalisation is used to explain the developments that are taking place in international journalism and the changes in the capacity and ability of foreign correspondents to understand and interpret world events"

(Williams, 2011, p.2)

O jornalismo internacional, definido por Williams (2011) como o "processo pelo qual homens e mulheres recolhem, elaboram e divulgam notícias e informação do mundo inteiro" (p.1), está, atualmente, a passar por uma fase de transformações. Vários autores consideram que o fenómeno da globalização acompanhada pela nova tecnologia digital é um dos fatores que conduz a evoluções significativas na forma como a atualidade internacional é produzida e divulgada (Archetti, 2011; Laville, 2003; Sambrook, 2010; Weaver e Willnat, 2012).

Num mundo cada vez mais interconectado e interdependente (Sauvageau, 2003), em que o volume de comunicações e os fluxos de migração aumentam, onde é cada vez mais fácil viajar e os interesses dos países se relacionam uns com os outros (Sambrook, 2010), a informação internacional tende a ser cada vez mais significativa. Face a este cenário, impulsionado pela globalização, os limites do que constitui a atualidade internacional tornam-se, por vezes, questionáveis.

Os acontecimentos locais adquirem frequentemente importância a nível internacional (Laville, 2003; Sauvageau, 2003) e a noção de "fronteiras" dilui-se nos interesses comuns de pessoas e locais geograficamente afastados (Sambrook, 2010). A diversidade das nossas sociedades multiculturais faz com que o papel dos correspondentes, que consiste em "estabelecer pontes entre culturas" (p.52), adquira maior importância.

Para Williams (2011) e Sambrook (2010), os média têm o papel fundamental de fazer com que o público esteja consciente de que, na era da globalização, os vários países do mundo se encontram altamente interconectados e dependentes uns dos outros. Um

acontecimento raramente poderá ser interpretado de forma isolada e as ramificações entendem-se dentro de esquemas que incluem vários fatores exteriores.

A informação internacional impõe-se como uma necessidade para entender o mundo, e tem um impacto na vida de qualquer leitor, ouvinte ou espectador. Por outro lado, os correspondentes estrangeiros dos órgãos de comunicação social tendem a desaparecer (Hamilton, 2009; Khalaf, 2019) e as agências internacionais e nacionais dispõem do monopólio da informação internacional (Laville, 2003). O paradoxo levantado por Williams (2011) revela que, aqueles que estão encarregues de nos informar sobre o que acontece em outros locais, os correspondentes, estão cada vez menos presentes, apesar de nunca ter sido tão fácil viajar e deslocar-se para um maior número de destinos, apesar de nunca ter havido tantas "oportunidades de saber, aprender e compreender mais sobre o mundo" (pp.4-5) e de não parar a proliferação de notícias.

A informação internacional não deixará de existir, mas o seu processo de realização passa por grandes transformações.

Argumentando no sentido do monopólio crescente das agências noticiosas na produção da informação internacional, Willnat e Weaver (2012) indicam um contexto: informação digital mais acessível, mas menos variada porque proveniente de uma menor quantidade de fontes. Os autores realçam a decrescente quantidade de fontes, escrevendo que "more and more news is produced by fewer professional journalists every day." (p.497). O papel das agências é central neste processo de "gatekeeping", e foi identificado logo desde os anos 1970 por investigadores e historiadores (Mattelart, 2016). Estes atores constituem-se como filtros, que visibilizam certos acontecimentos para que passem a ter valor informativo e se constituam como notícias.

Um estudo apontado pelo académico Tristan Mattelart revela que as fontes utilizadas pelos sites web da CNN, MSNBC ou pelo site do New York Times, no que toca à temática internacional, provêm principalmente das breves enviadas pela Reuters e pela Associated Press (Paterson, 2007, citado por Mattelart, 2016).

Numa análise quantitativa à atualidade sobre o estrangeiro divulgada por 223 sites web de jornais e televisões de 73 países do mundo, em 2007, três investigadores revelam uma estrutura altamente hierarquizada e elitista da informação internacional, em que apenas alguns países do mundo, como os Estados-Unidos, o Reino-Unido e alguns outros,

são alvo de grande cobertura mediática, em detrimento dos países do hemisfério Sul que permanecem invisíveis (Himmelboin *et al.*, 2010, citado por Mattelart, 2016).

A situação é a mesma, ou pior ainda, no que toca aos dois principais agregadores de informação, o Yahoo ! News e o Google News, tidos como atores dominantes da atualidade na web. Foi através de uma análise comparativa da cobertura da atualidade internacional proposta por estes dois agregadores, nos Estados- Unidos e na Índia, em 2011, que se destacou a clara convergência de conteúdos em ambos os países (Watanabe, 2013, citado por Mattelart, 2016). Os resultados mostraram como a atualidade dos países desenvolvidos é sobre-representada, ao mesmo tempo que os países em desenvolvimento quase não têm visibilidade.

Por outro lado, Mattelart (2016) desconstrói o argumento de uma maior diversidade oferecida pela internet, já que o ambiente mediático da informação internacional online reproduziu as características da informação internacional distribuída no offline, pelas rádios, televisões e imprensa. Estas características assentam no monopólio de alguns atores dominantes, as agências, e traduzem desigualdades no tratamento da informação internacional.

Com base nestes estudos, Mattelart (2016) insiste portanto em afirmar que a abundância da informação na internet é apenas um simulacro de diversidade. Na realidade, segundo o universitário, descobre-se uma grande uniformidade e homogeneidade de conteúdos quando se analisam os processos de produção e de circulação da informação internacional.

1.2 - Perfil do correspondente: um conceito dinâmico

Os correspondentes de um órgão de comunicação social seja rádio, televisão, imprensa escrita ou sites encontram-se geralmente em determinado país porque a atualidade local tem um valor jornalístico constante, ou ainda porque na zona do mundo em que se encontram e se deslocam, os acontecimentos têm o valor noticioso requerido pelo órgão para o qual trabalham.

A presença destes profissionais explica-se, portanto, "por critérios de interesse jornalístico durável, isto é, não sujeito a uma atualidade mais ou menos passageira" (Mesquita e Rebelo, 1994, p.111). O tempo de permanência, assim como a dimensão da área geográfica formam a principal característica que diferencia o trabalho do correspondente e do enviado especial. De facto, este último desloca-se para cobrir um acontecimento "delimitado no tempo e no espaço" (Mesquita e Rebelo, 1994, p.111).

Por outro lado, estabelecendo-se no local, o correspondente poderá criar várias redes de fontes e contactos e poderá dominar com maior facilidade a cultura e a língua local, facilitando o contato com as pessoas. Na realização dos seus artigos, espera-se que tenha maiores capacidades para estabelecer analogias com situações anteriores, para contextualizar e para realçar aquilo que não foi dito, as omissões e os subentendidos dos seus interlocutores, que o destinatário precisará de entender num contexto com o qual pode não estar familiarizado.

O correspondente deve ter idealmente um bom conhecimento histórico, social, político do país onde trabalha. Nunca pondo de parte a possibilidade do seu leitor, ouvinte ou espetador não dominar os temas internacionais, o correspondente deverá procurar simplificar os temas complexos, para isso tem a vantagem de conhecer o terreno em que se move. O seu elevado nível de conhecimento das dinâmicas locais e a familiaridade com a cultura e a mentalidade dos habitantes que frequenta é quase uma obrigação para o bom resultado da sua produção jornalística. A missão do enviado especial difere nesse aspeto.

Num contexto de crise económica dos média a par de processos de racionalização de custos, torna-se frequente a questão, para as empresas mediáticas, de optar entre um correspondente a tempo inteiro e um enviado especial. No debate que opõe as vantagens

e as desvantagens entre um e outro, o antropólogo Hannerz (2004) confronta a perspectiva de um trabalho de integração realizado a longo prazo pelos correspondentes, com o "olhar fresco" do enviado especial, de quem se espera que desperte e mantenha os interesses e modelos do seu país. Nas palavras de José Rebelo (1994), o enviado especial poderá ter "um olhar novo que o correspondente, por demasiado embrenhado na atualidade que é a sua, dia após dia, terá dificuldade em conseguir" (p.112). Por um lado, um maior conhecimento e a experiência do terreno contribuem para bases sólidas no trabalho efetuado pelos correspondentes, por outro lado, o enviado especial poderá ter mais facilidade em chegar a questionamentos simples e necessários para o destinatário da informação. Com o hábito, o correspondente corre o risco de perder o distanciamento que precisa para se questionar sobre aquilo que testemunha. No entanto, por falta de tempo e de conhecimento, o enviado especial também corre o risco de "cair em lugares-comuns e de usar de uma certa displicência no tratamento de questões e de personagens" (Mesquita e Rebelo, 1994, p.112).

As práticas jornalísticas dos correspondentes também não devem ser confundidas com as dos jornalistas dos países de acolhimento. O trabalho dos correspondentes tem a sua singularidade. Depois de uma investigação em que traça o perfil dos correspondentes estrangeiros em Portugal, em 2008, Ana Luísa Rodrigues expôs algumas das principais dinâmicas de trabalho que diferem daquelas que seguem os restantes jornalistas da redação. Baseados em países estrangeiros, os correspondentes funcionam como representantes do seu órgão de comunicação, têm maior autonomia que os jornalistas da redação e estão "menos expostos às hierarquias organizacionais" (Rodrigues, 2008, p.53). O elevado grau de responsabilidade e autonomia revela-se, por exemplo, na possibilidade de escolherem os temas dos seus artigos, o que é legitimado por serem eles quem se confrontam com a atualidade do país, por estarem no terreno e conhecerem a realidade local.

Por outro lado, ao contrário do que se passa na redação em que os jornalistas trabalham para determinada secção, os correspondentes tratam de vários temas que poderão ser incluídos nas várias áreas do seu órgão jornalístico, permitindo que haja uma maior diversidade nos trabalhos que realizam (Rodrigues, 2008).

Para uma definição mais concreta, sobre o que é um correspondente, optei por citar Hannerz (2004): "Indivíduos deslocados dos seus países de origem, com o objetivo

de reportar eventos e aspetos característicos da região onde se instalaram, utilizando meios de comunicação com sede fora dessa região (a maior parte das vezes no país de onde os correspondentes são originários)." (p.5)

É então possível realçar o papel singular do correspondente e o requisito do seu perfil. Implícita a esta parte da definição, relativa ao trabalho do correspondente, está a dualidade entre o país de origem e o país onde trabalham. A dificuldade em conciliar, por um lado, a necessidade de reportar o que acontece, por entre constrangimentos e práticas jornalísticas que, por vezes, lhe são estranhas, por outro fazê-lo em função dos padrões e dos interesses do país destinatário. Uma coisa é certa, a função do correspondente é estabelecer e manter a ligação entre os dois países.

Hannerz continua: "Apesar de este ser o cenário mais comum, no mundo real da correspondência internacional os limites desta categorização tornam-se, contudo um pouco difusos, devido a alterações no recrutamento, na mobilidade geográfica e na definição de públicos." (Hannerz, 2004, p.5)

O "cenário mais comum" a que Hannerz se refere é, portanto, aquele em que o correspondente vive num país estrangeiro, trabalhando para um órgão jornalístico do seu país de origem. No entanto, Hannerz admite que, sendo a norma, este perfil tem variantes. A definição do antropólogo serve de prelúdio às classificações dos vários tipos de perfis de correspondentes internacionais, que veremos mais à frente.

Naquilo que apresenta como a "definição dos correspondentes tradicionais", Archetti (2011, p.8) acrescenta ainda outra noção, relativa ao perfil destes jornalistas: "*in the words of Morrison and Tumber (1981: 16): an individual who correspond/report, regardless of nationality, full time on a staff basis for a news organisation, whose headquarters are based outside the United Kingdom*" (Morrison e Tumber, 1981, citado por Archetti, 2011, p.8).

Na perspetiva de Hannerz, o correspondente é necessariamente estrangeiro no país em que se encontra ("indivíduos deslocados dos seus países de origem") e tem geralmente a mesma nacionalidade que o órgão para o qual trabalha. Pelo contrário, na definição avançada por Archetti, o correspondente e o média podem não ser originários do mesmo país ("*regardless of nationality*"). Um jornalista londrino, que trabalha em Londres mas para um órgão estrangeiro, será também considerado como correspondente estrangeiro.

Por sua vez, Archetti (2011) reconhece que um número cada vez maior de jornalistas não se encaixa na definição tradicional de correspondente. O perfil dos correspondentes, conceito dinâmico, adequa-se à época em que vive e evolui com ela.

Argumentando no sentido de uma diversidade crescente de tipos de perfis, Hamilton toma como base a "idade de ouro" da profissão de correspondente, que situa no século XX. Durante o século XX, uma grande quantidade de jornalistas reportava sobre o que se passava no mundo, trabalhando para jornais, revistas e para a rádio, que vivia os seus primeiros anos. Segundo Hamilton (2009), esses jornalistas beneficiavam de uma larga autonomia e independência das suas redações. Escolhiam, portanto, os assuntos a tratar segundo critérios estabelecidos por eles próprios. Os acontecimentos que decorreram ao longo do século XX também contribuíram para enaltecer o seu trabalho e a importância das reportagens que divulgavam pelo mundo. *"The news - two world wars, Communist revolutions, the emergence of global interdependence- was of towering significance. The celebrity and expertise of correspondents were never greater."* (Hamilton, 2009, §10).

Com os desenvolvimentos tecnológicos que acompanharam a passagem para o século XXI, e o advento da internet e a crescente mundialização, Hamilton (2009) notou uma variedade crescente de tipos de correspondentes, que já não se encaixavam na figura tradicional do jornalista que noticia para o seu país o que se passa no país estrangeiro onde se encontra. Em 2009, John Maxwell Hamilton classifica, portanto, sete tipos de perfis em que os correspondentes se encaixam. É o início de uma nova "era", em que operam vários tipos de correspondentes estrangeiros de forma simultânea, mas com práticas diferentes, com novas formas de recolher e distribuir informação: *"We might call this era a confederacy of correspondents."* (Hamilton, 2009, §12).

Para não desnaturalizar o sentido das nomeações, considerou-se preferível mantê-las na sua língua de origem, em inglês, e sempre do ponto de vista do autor que as estabeleceu, ou seja, tomando como exemplo de base os meios norte-americanos.

O primeiro perfil, o *"foreign correspondent"*, refere-se a cidadãos estrangeiros que trabalham para organizações noticiosas norte-americanas. Segundo Hamilton (2009), este perfil torna-se cada vez mais comum. Num inquérito que o autor realizou em 2000, 69% dos correspondentes de meios norte-americanos tinham nacionalidades estrangeiras.

1.3 - Desafios atuais da profissão de correspondente estrangeiro

Assiste-se, no jornalismo internacional, a uma redução drástica da quantidade de correspondentes estrangeiros, ou, por outras palavras, ao "declínio" da profissão (Hamilton e Jenner, 2004). O investigador dos média Marvin Kalb escreveu que apesar de ainda existirem correspondentes baseados no estrangeiro, "*the genre known as 'foreign correspondent' is becoming extinct.*" (Kalb, 1990, citado por Hamilton e Jenner, 2004, p.211).

Face a desafios de vários tipos, e interligados, que se impõem às rotinas jornalísticas dos correspondentes, alguns questionam-se sobre a possibilidade da profissão vir a desaparecer (Archetti, 2012; Hamilton, 2009; Sambrook, 2010). Outros mencionam uma possível e crescente redundância do seu papel e do trabalho que produzem (Sambrook, 2010). Para além disso, Sambrook (2010) realça ainda um paradoxo importante: os meios atribuídos ao jornalismo internacional diminuíram, mas as possibilidades de se informar sobre o mundo aumentaram: "*The traditional foreign news bureaux have shrunk, the opportunities to find out about the world have greatly increased.*" (Sambrook, 2010, p.27).

A redefinição do modelo económico dos média e os desenvolvimentos tecnológicos são dois dos fatores mais decisivos na evolução do papel dos correspondentes (Hamilton, 2009). Os antigos modelos económicos desmoronaram precisamente na sequência da criação de novas tecnologias mediáticas. Estas mudanças trazem novas formas de informar os cidadãos do mundo sobre o mundo (Hamilton, 2009). O jornalista já não é o único produtor e emissor da informação.

1.3.1 - Concorrência do jornalismo-cidadão

O que a tecnologia digital tem vindo a transformar particularmente é a forma de recolher a informação, e de distribuí-la. No caso do jornalismo, foi o que possibilitou a abordagem de um "modelo em rede" (Sambrook, 2010, p.43) mais acessível à intervenção de todos, profissionais e não-profissionais, conduzindo ao fenómeno do "jornalismo-cidadão". No caso da cobertura de assuntos internacionais, as transformações foram ainda maiores, dado que foi possível atingir audiências maiores e mais longínquas, assim como surgiram múltiplas e variadas formas de distribuir informação. Alguns alarmam-se com esta redundância crescente e quase inevitável da figura do correspondente, como o jornalista Kevin Williams. Se todos podemos fazer jornalismo-cidadão, produzir e divulgar informação, de que forma é que os correspondentes continuam a dar sentido ao seu trabalho?

"With every individual possessing the potential to become a journalist, many believe that there is no future for the specialist international news gatherer. According to the veteran American television correspondent Garrick Utley (1997), today's communication technology means that 'anyone sending information from one country to another is a de facto foreign correspondent'." (Williams, 2011, p.6)

Os correspondentes, que até então eram os principais protagonistas da informação internacional, terão que trabalhar num contexto em que surgem blogs, agregadores de notícias, modelos de informação online low-cost, redes sociais e outros. Para não deixar de ter visibilidade, os correspondentes terão que saber posicionar-se num ambiente em que abundam as fontes de informação internacionais, oficiais e não oficiais, verificadas ou não. Para Sambrook, este é um dos desafios que a profissão enfrenta: *"Foreign news desks must adopt a more networked approach to reporting the news, taking advantage of the range of social media and other sites available, of the flexibility of the new digital freelancers, local journalists and stringers."* (Sambrook, 2010, p.100).

Podem-se acrescentar ainda dois fatores. Um deles diz respeito ao modo de produção jornalística. É atualmente possível realizar uma peça inteira sobre um acontecimento sem ter estado no local, graças às tecnologias de informação e de comunicação que permitem comunicar à distância através de vídeos, imagens, sons e texto, e de forma instantânea. Existem de facto algumas empresas jornalísticas que produzem informação internacional sem sair do território (Laville, 2003).

Por fim, estas facilidades de comunicação tornaram algumas distâncias mais curtas, os contatos do correspondente com a redação tornaram-se mais frequentes e imediatos, levando a que haja um maior controle sobre as suas produções (Rodrigues, 2008). Esta relação de maior proximidade induziu mais pressão e menos independência (Rodrigues, 2008), revelando a perda de autonomia do correspondente no que toca à seleção dos acontecimentos a divulgar nos países de origem.

Esta última característica é particularmente interessante no presente trabalho, centrado sobre o processo de seleção noticiosa. De facto, procura-se saber como é que os correspondentes escolhem os acontecimentos que serão divulgados nos seus países de origem, e quais são os fatores que podem influenciar as suas escolhas e decisões. A questão será analisada tendo em conta o contexto de desafios que se põem às condições profissionais dos correspondentes e as incertezas quanto ao seu papel, perfil e futuro.

1.3.2 - O monopólio das agências e o protagonismo crescente dos *freelancers*

Quando surgiu a figura do correspondente internacional, em meados do século XIX, o jornalismo já contava com informação internacional (Hamilton, 2009). As notícias sobre o que se passava no mundo eram recolhidas em jornais estrangeiros que chegavam por barco, ou em cartas enviadas por cidadãos, normalmente figuras da elite política e económica, com algo a anunciar.

Apesar de ainda não existir nenhuma seção especialmente dedicada à atualidade estrangeira, nem editores, nem repórteres internacionais, "*newspapers carried a greater percentage of foreign news than at any time since.*" (Hamilton, 2009, §8). As notícias sobre o mundo chegavam portanto aos leitores antes de existir a figura do correspondente estrangeiro. Poderemos estar a voltar a uma fase, em que, uma vez mais, a figura do correspondente estrangeiro já não é nem primordial nem central na forma como apreendemos a atualidade internacional (Sambrook, 2010).

Ao longo do século XX, os atores que dominaram a informação internacional foram as agências generalistas internacionais e os grandes médias nacionais (Nicey, 2016; Mattelart, 2016). Segundo Willnat e Weaver (2012), o sistema mediático foi perturbado, no seu todo, pelas alterações dos modelos económicos dos média, que acompanharam a passagem para o digital, mas com incidência especial na produção internacional. As

tecnologias contribuíram para a concentração de meios e para o desinvestimento no jornalismo internacional.

As organizações jornalísticas têm vindo a reduzir, no século XXI, a quantidade dos seus correspondentes e passaram a recolher notícias internacionais por outros meios. Esta circunstância leva a que, muitas vezes, as notícias sejam menos diversificadas, mais repetitivas e menos rigorosas.

"Finally, the uptake of a raft of rapidly developing media tools has ensured that international newsmaking has extended in scope, scale and speed, and it now embraces bloggers, tweeters, texters and citizen journalists alongside conventional correspondents." (Clarke e Bromley, 2012, p. 3)

A multiplicação de fontes aparece também como uma potencial desvantagem para o correspondente, aumentando a concorrência e diminuindo o seu protagonismo. Este declínio acontece a par com o monopólio de agências noticiosas nacionais e internacionais (Souto, 2010; Laille, 2003). Em 2018, um estudo organizado por Boumans et al. (citado por Cardoso, Baldi, Couraceiro, Paisana, Pais e Quintanilha, 2020, p.9) confirmou que cerca de 75% dos artigos produzidos pelas agências noticiosas são utilizadas nos meios online.

As agências noticiosas são as primeiras fontes a divulgar a informação, não só devido aos recursos e à dimensão da cobertura que têm, como, em grande parte também, devido ao desinvestimento dos órgãos de comunicação em correspondentes internacionais próprios. Em Portugal, o protagonismo da Agência Lusa é muito elevado.

Segundo Laille (2003), as três principais agências de informação encarregadas de recolher e distribuir informação a nível mundial são a Associated Press, a Reuters e a Agência France-Presse, todas do mundo ocidental.

Posteriormente recuperada por diferentes órgãos jornalísticos, grande parte da informação que provém dessas agências é considerada como "reciclada" e moldada consoante as necessidades e as características de cada órgão, fazendo com que "a distribuição globalizada [da informação] acelere a imitação" (Gitlin, 2003, citado por Rodrigues, 2008, p.52).

Mattelart (2016) considera que estes atores se constituem como filtros, decidindo quais são os acontecimentos, protagonistas, e de que parte do mundo, com valor

informativo e que serão noticiados nos médias de outros países. Assim, as agências noticiosas têm o poder de definir o que são as informações internacionais de atualidade, diminuindo mais uma vez a autonomia do correspondente na escolha dos acontecimentos a divulgar (Laville, 2003).

Por outro lado, as organizações noticiosas tendem a recorrer cada vez mais a *freelancers*, sem vínculos laborais e que representam menos custos, acrescentando outro tipo de concorrência aos correspondentes estrangeiros oficiais.

Num estudo sobre o perfil da comunidade de correspondentes estrangeiros em Portugal, em 2008, Ana Luísa Rodrigues (2008) apontava para a forte possibilidade de aumento da quantidade de *free-lancers*, face a fatores como “a feminização da profissão, com mais mulheres *free-lancers* e mães trabalhadoras que dividem o seu tempo entre o exercício da profissão e a vida pessoal”, o crescimento do trabalho em *part-time*, assim como o “auto-emprego”, referindo-se a trabalhadores que asseguram a existência do seu próprio posto de trabalho de forma independente de um empregador.

1.3.3 - A informação "glocal"

Por fim, a globalização alterou significativamente a forma como a informação é recolhida, produzida e divulgada. Este movimento complexificou algumas noções: *"In multicultural societies the notion of 'foreign' is more complex. International and domestic news agendas have merged to a significant degree."* (Sambrook, 2010, p.2). O que acontece a nível local tem muitas vezes repercussões a nível mundial e por vezes a fronteira entre um e outro é ténue. Ao modificar a noção de "fronteiras", a globalização modificou o conceito de informação internacional (Laville, 2008).

Ora, um novo desafio da profissão de correspondente é o desinteresse do público pelas notícias internacionais, a favor da atualidade local (Willnat e Weaver, 2012). Este fenómeno, que não é recente, vem-se alastrando desde o século XIX (Hamilton, 2004) e insere-se num círculo vicioso em que, como consequência, os editores decidem desafetar recursos às secções internacionais, aquelas que já eram as mais penalizadas pelas conjunturas de crise económica. Assim, a informação local tem vindo a aumentar, em detrimento da informação internacional (Willnat e Weaver, 2012).

"At the beginning of the second decade of the century there was greater uncertainty about what constituted 'international news' and who made it and what might comprise 'international news' into the future." (Clarke e Bromley, 2012, p. 3)

Se atualmente as audiências preferem a informação local, talvez seja porque é disso que é feita a maioria da oferta disponibilizada pelas organizações jornalísticas. Laville (2008) recorda que quando se acelerou o fenómeno da globalização, após o fim da guerra fria, foram criados diversos canais de televisão por satélite, como a CNN, a TV5 Monde, a Euronews, que procuravam atingir a maior audiência internacional. A estratégia era "inclusiva", o objetivo era oferecer a mesma informação ao máximo de indivíduos. No entanto, o sucesso esperado não foi alcançado e a estratégia teve de ser repensada da parte dos países ocidentais. Assim, surgiu o processo de localização.

Para Laville (2008), a função do correspondente estrangeiro deveria consistir em adaptar a informação internacional aos interesses locais, do país para o qual trabalha, já que, do seu ponto de vista, "um dos desafios do jornalismo atual consiste em ancorar localmente as informações de maior alcance" (p.38).

O caso do canal internacional Euronews é um bom exemplo da forma como os media internacionais começaram a incorporar estratégias de "localização" nas suas formas de fazer informação mundial. Nos anos 2010, o canal começou a repensar o seu modelo editorial para fazer informação "glocal", ou seja, tratar a atualidade no mundo, simultaneamente com informação local. Foi por essa razão que a organização investiu para abrir novas redações em vários pontos do mundo. Em 2012 foi inaugurada uma redação autónoma em Atenas, na Grécia, com 30 jornalistas. Em 2013 outra redação foi criada em Budapeste, na Hungria. No total, a Euronews conta hoje com redações e línguas pelo mundo, cada uma com a sua própria grelha de informação, orientada para a informação internacional, mas adaptada a padrões locais.

"O nosso posicionamento é 'glocal'", afirmava em 2012 Michael Peters, presidente e diretor-geral da Euronews. Glocal, ou seja, informações mundiais divulgadas na língua da audiência (e não somente em inglês), com a inserção de programas locais (Brousse, 2012).

Capítulo II

Rotinas profissionais dos correspondentes e processos da seleção noticiosa

2.1 - Estratégia metodológica

A realização do presente trabalho apresenta-se em três etapas. A primeira fase corresponde às entrevistas, a segunda fase corresponde à análise das produções de cada correspondente, e a última fase compreende a redação do conjunto.

Primeiramente, realizei entrevistas individuais e semi-diretivas com os cinco correspondentes. Semi-diretivas porque o guião foi realizado de forma a ser inicialmente o mesmo para todos, mas adaptando-se a cada um consoante a o curso da conversa. Os temas a abordar estipulavam no guião mas alguns temas não previamente pensados eram finalmente abordados. A escolha deste tipo de entrevistas permitiu descobrir peculiaridades no percurso de cada correspondente, e compará-los.

As entrevistas foram todas realizadas durante os meses de abril e maio de 2020. Duas delas realizaram-se à distância, por videochamada, por motivos sanitários no caso de Alison Roberts, ou por devido à distância no caso de Javier Martín del Barrio que, na altura, se encontrava de férias em Barcelona. Os outros três correspondentes aceitaram proceder a entrevistas presencialmente, em espaços públicos ou na sede da SIC no caso de Leonardo Monteiro. Quando foram feitas presencialmente, as entrevistas tiveram uma maior duração. A mais curta compreendeu 52 minutos e a mais longa 108 minutos (1h48).

Procedi depois à transcrição de cada entrevista (juntas em anexo), para finalmente realizar uma tabela que reúne os temas abordados, de forma a ter uma melhor perceção dos pontos comuns, das diferenças, e das divergências nos pontos de vista.

Numa segunda fase, recolhi e analisei as produções jornalísticas dos correspondentes. O período escolhido para a análise das produções foram os meses de janeiro e fevereiro de 2020. A escolha incidiu sobre o período que precedeu a pandemia de coronavírus, tentando manter-me o mais possível na atualidade. Considerei necessário

escolher um período em que não houvesse nenhum acontecimento de tal maneira importante que justificasse a atenção simultânea de todos os correspondentes. Se assim fosse, o trabalho perderia o seu interesse, já que não se poderiam notar as possíveis diferenças de abordagem à atualidade portuguesa.

O tema forte a partir de meados de março de 2020 foi incontestavelmente a pandemia. Os ângulos seriam diferentes, mas os temas similares. Nas palavras de Marie-Line Darcy: “O resto, se não for tão forte, passa a insignificante”. O que está em jogo, nessa altura, é a faculdade de encontrar temas ainda mais peculiares, que se desmarquem e que não se encontrem noutra parte do mundo. Um exemplo desses ângulos que interessou no estrangeiro foi a regularização de imigrantes, medida excecional, temporária, e só vista em Portugal.

Por essa razão escolhi o período que precedeu a pandemia e optei por janeiro e fevereiro porque os correspondentes informaram que a produção foi pouco intensa e por vezes, no espaço de uma semana não produziram nada, foi então preferível alargar a dois meses.

Baseei-me numa metodologia qualitativa de investigação, por julgar mais adequado o caráter descritivo e interpretativo. O objetivo foi valorizar o significado do papel dos correspondentes na construção da realidade, e conhecer as especificidades dos contextos de cada um. O método é exploratório para preencher as lacunas, e levantar informações que não resultem em conclusões estatísticas.

2.2 - Perfil dos correspondentes

2.2.1 - Estatuto profissional e zona de cobertura

Os jornalistas entrevistados, todos correspondentes para médias estrangeiras, possuem estatutos profissionais ligeiramente diferentes. Dois dos cinco entrevistados são correspondentes oficiais do média que os emprega, isto é, trabalham de uma forma regular, constante e os médias para os quais trabalham recorrem a eles, e apenas a eles, naquela que é a sua área de cobertura. É o caso de Leonardo Monteiro, correspondente do canal brasileiro *TV Globo*, e de Javier Martín del Barrio, correspondente do jornal espanhol *El País*.

Os outros três entrevistados trabalham em regime de *freelance*, são "correspondentes *freelancers*". O estatuto de *freelance* não tem enquadramento jurídico e designa um trabalhador independente, cuja remuneração não é regular e depende apenas de cada trabalho efetuado. O jornalista *freelance* não se insere numa relação de subordinação para com o cliente, tem autonomia nas tarefas e é dono da sua própria agenda. Se é verdade que trabalham para vários órgãos de comunicação, com quem têm uma relação profissional já estabelecida e a quem propõem os seus artigos (ou para quem realizam reportagens solicitadas), dois deles realizam grande parte do seu trabalho jornalístico apenas para um média. É o caso de João Carlos, jornalista são-tomense, que apesar de ter estatuto de *freelance* trabalha com base regular para a *Deutsche Welle*, uma empresa mediática internacional sediada na Alemanha. É igualmente o caso de Alison Roberts, jornalista *freelance* britânica que trabalha de forma regular para a *BBC*, para além de trabalhar de forma menos regular para múltiplas rádios estrangeiras dos Estados-Unidos, da Grã-Bretanha e ainda do Canadá, todas de língua inglesa.

O caso de Marie-Line Darcy pode ser considerado como um exemplo típico do "jornalista *freelance*". Colabora com vários órgãos de comunicação franceses, rádio e imprensa, de forma livre e espontânea. Compreende um grande leque de clientes a quem "vende" os artigos ou peças radiofónicas, em função do tema abordado assim como da identidade e da linha editorial do órgão. As rádios *RFI* (Radio France International), *France Info*, jornais como *Ouest-France*, *La Croix*, *Courrier International* e ainda os canais *France 24* e *TV5* são alguns dos órgãos com quem trabalha.

Todos estes cinco jornalistas vivem e trabalham principalmente na capital de Portugal, centro económico e político do país. No entanto, a área geográfica de cobertura estende-se à totalidade do país. Exceto os países de grande dimensão, como os Estados- Unidos, são raros os países onde vários correspondentes trabalham para o mesmo média, cada um a partir de uma cidade. Os correspondentes devem, portanto, tornar-se ubíquos, serem capazes de estar em qualquer sítio. São os únicos representantes em Portugal dos medias para os quais trabalham e como tal têm uma obrigação implícita de tratar tudo o que seja potencialmente relevante para o público estrangeiro.

O caso de Leonardo Monteiro, correspondente oficial da TV Globo em Portugal, distingue-se dos restantes por cobrir uma área por vezes mais vasta, já que realizou viagens enquanto enviado especial em outros países, em casos esporádicos, geralmente para substituir outros correspondentes que não tinham disponibilidade. Assim, viajou para Cabo Verde para substituir a correspondente da TV Globo em Madrid que voltou para o Brasil por razões familiares, viajou para França e Itália quando os correspondentes locais se encontravam de férias, e fez uma reportagem em Espanha que abordava a questão da "turismofobia" porque fazia continuidade com trabalhos já efetuados por ele Lisboa.

Em todos os casos, os correspondentes entrevistados vivem e trabalham em Portugal por decisão própria, seja pessoal ou profissional. Ao contrário dos enviados especiais, que como o nome indica, são enviados para zonas determinadas e por um período definido, os correspondentes adquirem o estatuto ao cabo de circunstâncias próprias que os levaram a estabelecerem-se em países estrangeiros. A decisão parte deles. Os media que ainda propõem a jornalistas da redação de se tornarem correspondentes, e que contam com uma política de "turnos", são raros. A TV Globo, por exemplo, enquadrava-se nesse exemplo, até recentemente no caso português. O correspondente permanecia em Lisboa por um período de cinco anos e era substituído. Uma escolha editorial assente na ideia da necessidade de manter um certo "olhar fresco" vindo do exterior, para não se deixar enlutar no hábito, que comporta o risco de perder a visão, mentalidade, prisma do país de origem.

Leonardo Monteiro veio a Lisboa no âmbito dos seus estudos, numa altura em que a TV Globo tinha retirado o correspondente em Portugal, escolhendo não substituí-lo e abdicar da vaga em território lusófono. Como já era conhecido pelo grupo, para quem trabalhou no Brasil antes da sua vinda a Portugal, foi a ele que recorreram, enquanto

freelance, para cobrir a detenção duma figura importante da operação Lava Jato em Lisboa. A partir daí, foi o Leonardo que se encarregou de provar a importância de uma correspondência em Portugal. Ainda hoje, cinco anos depois, esforça-se todos os dias para propor temas atraentes e confirmar a importância do seu papel. "Vale a pena ter um correspondente em Portugal", disse Leonardo, na altura, aos seus chefes atuais. "Essa frase ainda me persegue todos os dias. Eu não descanso, não posso, porque eles têm motivos suficientes para não ter ninguém aqui". Os "motivos suficientes" para não custos que representa manter um correspondente no estrangeiro, a tempo inteiro; a presença das agências noticiosas; o baixo valor noticioso que a atualidade portuguesa representa no Brasil.

O perfil dos correspondentes entrevistados tem uma característica comum, à exceção de João Carlos. Todos eles trabalham para médias sediados nos seus países de origem (Reino Unido, França, Espanha e Brasil), exceto João Carlos, cujo media é internacional e engloba várias versões, mas tem a sua sede na Alemanha. Como consequência, João Carlos não se dirige a um grupo de público-alvo específico. O correspondente são-tomense não se dirige a um grupo de leitores alemães, muito menos a um grupo de leitores são-tomense. O que define o seu público é serem leitores lusófonos, espalhados pelo mundo, e com interesse na atualidade dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa). O correspondente aborda a atualidade portuguesa, através do prisma dos PALOP e quando o acontecimento em Portugal tem uma relação com os PALOP.

Esta diferença realça o facto de não haver um padrão único e definido de tipos de correspondentes. Os correspondentes do mundo encaixam-se em vários perfis, diferentes consoante o tipo de remuneração, a regularidade com que trabalham e o público-alvo a que se dirigem.

2.2.2 - Ritmos de trabalho

Em todos os casos, foi difícil estabelecer um padrão geral e representativo do que significa uma semana de trabalho. Ao contrário de grande parte dos jornalistas locais que observam um trabalho mais regular imposto pela atualidade nacional contínua; os correspondentes vivem ritmos profissionais muito variados. A questão da atualidade portuguesa simultaneamente com a atualidade internacional e a dos países que os correspondentes representam é aqui essencial. Como explica Javier Martín del Barrio, o nível de importância dos acontecimentos portugueses dependerá da atualidade de outros países. "A atualidade de outros países, como os Estados-Unidos, prima", explica o correspondente do El País. Como tal, tem meses em que escreve todos os dias, outros em que escreve apenas duas ou três vezes por semana. Esta hierarquia a nível interno da seção internacional verifica-se entre hierarquias.

O ritmo de trabalho não depende, portanto, apenas da atualidade portuguesa, mas de toda uma conjuntura internacional em que a atualidade de alguns países prima sobre a de outros, seguindo uma hierarquia de importância jornalística. Essa importância ou valor jornalístico define-se pelo país em questão (Estados-Unidos terão mais visibilidade que países menores como Portugal), mas depende também do media para o qual se trabalha. Assim, o El País, órgão espanhol, será mais suscetível de se interessar por acontecimentos portugueses do que a BBC, pela ligação histórica, cultural e geográfica entre os dois países vizinhos. Talvez seja a razão pelos quais certos medias mantêm os seus correspondentes oficiais em Portugal, outros preferam recorrer a correspondentes *freelancers*, e outros ainda se baseiem apenas nas informações divulgadas pelas agências internacionais quando algo justifique o interesse.

A precariedade do estatuto de *freelance*, e a eventual baixa intensidade noticiosa, leva vários jornalistas a exercerem atividades paralelas, desde que deontologicamente compatíveis. Alison Roberts participa na realização de guias turísticos sobre Portugal, traduz notícias da agência Lusa para a versão em inglês e faz outros tipos de traduções, nomeadamente quando a atualidade noticiosa em Portugal é fraca. Marie-Line Darcy faz gravações vocais para audioguias, assim como alguns trabalhos de *fixer*, em que presta apoio aos enviados especiais que vêm a Lisboa, aconselhando contactos, ângulos a abordar e com ajuda na tradução. Foi aliás uma das principais atividades da correspondente, durante o mês de fevereiro 2020. Marie-Line colaborou com colegas da

rádio pública francesa France Inter para reportagens com temas relacionados com o turismo em Lisboa e os seus impactos sobre a vida dos habitantes e a economia da cidade¹.

Leonardo Monteiro, para além do seu trabalho de correspondente para a TV Globo é também jornalista na SIC. É ele quem observa o ritmo mais peculiar, tendo que se adaptar ao ritmo português e viver com o horário do Brasil, simultaneamente. Tem dois telemóveis, duas televisões e segue constantemente e a atualidade dos dois países, também pelas notificações que ativou.

Deita-se às 5h da manhã e acorda ao meio-dia, quando são 8h da manhã no Brasil. Importa realçar que o ritmo que adotou foi decisão dele, sem que seja a obrigação de um correspondente. A vantagem é conseguir tornar-se muito disponível para qualquer direto. Graças a tal flexibilidade, os chefes de serviço no Brasil sabem que podem contar com um direto de Leonardo Monteiro para o jornal das 20h, porque o correspondente ainda está ativo.

Todos os meses, o correspondente faz um balanço com os chefes de redação no Brasil. Se "o mês for fraco a nível da atualidade", as "reportagens frias" serão propostas. Na altura em que convencia a TV Globo sobre a importância de haver um correspondente em Portugal, Leonardo Monteiro apresentou uma lista de cinquenta sugestões de temas que poderiam ser tratados em qualquer altura. Cada vez que uma ideia lhe parece pertinente, junta à lista. A última que apontou tinha a ver com os problemas de aquecimento em Portugal que tornam os invernos rigorosos, apesar de ser um dos países europeus menos frios.

A reportagem e o tempo que demora a fazer dependem também da emissão da TV Globo, dividida entre jornais, essencialmente fatuais e com atualidade "quente", e os programas, com peças mais pensadas. Fez uma reportagem de trinta minutos sobre a turismofobia, entre Lisboa e Barcelona, para o programa "Sem Fronteiras", realizado pela rede de correspondentes da Globo. Realizou peças mais curtas para o programa "Mundo SA" que destaca empresas inovadoras. Nesse caso, a redação impõe o tema e o Leonardo trata de procurar e propor empresas².

¹ A crise pandémica começou a afetar Portugal apenas em março 2020.

² Natura Pura, no Porto, produz roupa sem tinta para bebés; sabonetes produzidos com azeite, em Loulé, etc...

2.2.3 – Os correspondentes e o imperativo da cobertura generalista

O facto de serem "únicos representantes" em Portugal dos media para os quais trabalham é uma das razões pelas quais nenhum destes correspondentes se especializou numa dada temática, como existe o jornalismo desportivo, jornalismo político ou económico, entre outros. Os temas que abordam vão desde o turismo, a atividades económicas de empresas, a viagens e tendências, sem esquecer os acontecimentos políticos marcantes ou temas sociais mais próximos da população portuguesa e das suas tradições.

Esta abrangência de temas é tornada necessária pelo facto de serem poucos os correspondentes em Portugal e terem que tratar da atualidade ao mesmo título que os restantes jornalistas, a que se junta a necessidade de maximizar o volume de trabalho no caso dos que trabalham em *freelance*. Os correspondentes são portanto jornalistas generalistas.

No entanto, cada um deles tem naturalmente uma facilidade para certas temáticas, como a área económica e financeira no caso de Alison Roberts, antigamente especializada nessa área quando trabalhava em Londres e na Alemanha para órgãos locais. No caso de Alison Roberts, jornalista da BBC, o prisma da abordagem será mais próximo de geopolítica e relacionado com uma agenda política e institucional, tal como João Carlos, da Deutsche Welle, porque trabalham ambos para emissões internacionais.

Alison Roberts afirma que os temas que prefere são os de sociedade, que, "infelizmente", tem menos oportunidades de tratar, já que, como explica, "demoram mais tempo a realizar, são trabalhos mais aprofundados e planeados com mais antecedência".

É igualmente o "lado humano e emocional" dos temas de sociedade que a correspondente francesa afeta. A realidade do terreno, o testemunho da população, a simplicidade e a forma que as pessoas têm de pôr em perspetiva certos assuntos é o que Marie-Line Darcy procura.

Javier Martín del Barrio prefere privilegiar temas frios, que não dependam da atualidade. O correspondente explica que a variedade de suplementos do El País permite abordar temas que saiam da esfera da geopolítica e das relações internacionais, para abordar os modos de vida e a cultura portuguesa. João Carlos, da agência Deutsche Welle, abrange temas de sociedade a política, passando pela cultura e economia também. Parte-

se, portanto, do princípio de que o correspondente é "especialista" do país em que trabalha, e não de uma temática específica.

Para Leonardo Monteiro, correspondente da TV Globo, o essencial é estar presente no terreno porque, segundo ele, a missão do correspondente, talvez mais ainda do que a do jornalista local, é "estar na rua, não pode ficar no escritório". Verifica-se este princípio deontológico no discurso de todos os entrevistados. Ambos têm a convicção de que o seu papel é estar no terreno, ver com os próprios olhos e falar diretamente com as pessoas. Sem isso, não trariam nenhuma diferença à informação distribuída pelas agências. Têm que marcar a diferença.

É interessante notar que nem todos os correspondentes se consideram "jornalistas internacionais". Marie-Line Darcy expressou, por exemplo, a sua dificuldade em acompanhar o programa internacional da RTP no qual participa, "Mundo Sem Muros". A correspondente francesa afirmava: "Não sou especializada em temas internacionais. O meu trabalho é falar de Portugal para fora de Portugal. O que sei das temáticas internacionais é o mesmo do que qualquer outra pessoa".

Nota-se também que os correspondentes investem maior atenção na atualidade local, do que na atualidade dos seus países de origem. Isto revela que não precisam tanto de "estar em sintonia" com as questões estrangeiras, mas sim com os acontecimentos que os rodeiam de perto.

2.3 – Portugal e a atualidade portuguesa no sistema da informação internacional

2.3.1 - Valor noticioso da atualidade portuguesa no contexto internacional

O valor jornalístico dos acontecimentos que ocorrem em Portugal, do olhar de quem vive fora, no estrangeiro, depende, portanto, não só da atualidade do país de origem (quanto mais atualidade nacional, menos espaço para a atualidade internacional) como da atualidade a nível internacional. Leonardo Monteiro, correspondente da TV Globo, explica assim que os correspondentes de medias europeus que trabalham no Brasil terão "um volume de trabalho maior" do que ele, em Portugal, já que Brasil é um grande país com importância elevada no continente sul-americano e com vários padrões noticiosos de interesse. Apesar da relação histórica que liga Portugal ao Brasil e de partilharem a mesma língua, o interesse jornalístico entre os dois países varia. Nas palavras de Leonardo Monteiro, "um telejornal português será mais suscetível de apresentar uma peça sobre o Brasil do que o contrário".

A mesma observação é feita por Javier Martín del Barrio, para quem as diferentes temáticas jornalísticas se dividem por sua vez em hierarquias de interesse e importância. Na sua opinião, "a vida política portuguesa não é muito forte e intensa", o que o leva a tratar temas ligados à cultura, à economia, ao desporto e às viagens. Aqui entra também em conta a identidade do media para o qual trabalha.

De facto, o El País possui muitos suplementos, o que permite "trabalhar em temas bastante diferentes da política internacional". Uma realidade que o correspondente espanhol preza. Os temas que prefere tratar saem da esfera política, prefere escrever "sobre a sociedade, sobre os portugueses e os seus modos de vida". São "temas frios", não tão constrangidos pelo ritmo intensivo e imposto da atualidade.

Os temas fortes da atualidade portuguesa que reuniram o interesse de todos os correspondentes sem exceção, qualquer que seja o formato do órgão e o país para o qual trabalham são acontecimentos que reúnem simultaneamente múltiplos fatores de interesse jornalístico. Os media selecionam os acontecimentos consoante vários critérios de noticiabilidade, num contexto de "superabundância de acontecimentos", nas palavras de Mauro Wolf (1987, p.82). Esses valores-notícia respondem à pergunta: "quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?" (Wolf, 1987, p.85). Os critérios de

noticiabilidade que se aplicam aos acontecimentos ocorridos em países estrangeiros são diferentes. Desde logo porque o conceito de proximidade é totalmente diferente, "quer como vizinhança geográfica, quer como afinidade cultural" (Wolf, 1987, p.89). A proximidade faz parte do valor-notícia que corresponde ao impacto sobre a nação e o interesse nacional. Sem ela, é pouco provável que um acontecimento tenha a "capacidade de influir ou de incidir no interesse do país". Se não tiver proximidade geográfica, o acontecimento poderá ter alguma afinidade cultural. A partilha de pressupostos comuns e a concordância com os valores ideológicos do país em questão irão determinar a importância do acontecimento. Assim, para ser significativo, o acontecimento terá que ser "suscetível de ser interpretado no contexto cultural do ouvinte ou do leitor" (Galtung & Ruge, 1965, citado por Wolf, 1987, p.88).

O incêndio que devastou Pedrógão Grande em junho de 2017 e que fez mais de sessenta mortos foi um acontecimento com relevância no estrangeiro, pela quantidade de mortos e pela componente drástica e excecional da situação. Nessa altura, quando os correspondentes em regime de *freelance*, como Marie-Line Darcy, não propunham artigos a determinados media, eram as redações estrangeiras que a contactavam para requerer a cobertura dos incêndios. Foi o caso do Luxemburger Worst, jornal online baseado na Suíça, onde a comunidade portuguesa é importante. O jornal regional Ouest-France também lhe submeteu algumas proposições, que Marie-Line Darcy não pôde satisfazer por falta de tempo.

A crise económica dos anos 2010 e o período de austeridade que se seguiu foi outro período de alto interesse por parte de medias estrangeiros. Foi um "período intenso", confirma Marie-Linda Darcy. Os correspondentes entrevistados afirmam de forma unânime terem tido um volume de trabalho muito mais elevado, com peças regulares e por vezes várias peças por dia. No caso de Marie-Line Darcy, era frequente "acumular meia-dúzia de artigos por dia, sem contar com as intervenções de rádio".

A eleição da "Geringonça" em 2015 foi outro momento forte da atualidade portuguesa a nível internacional. O carácter excecional dessa coligação política interessou a União Europeia, que viu a iniciativa como inovadora e prometedora.

À exceção desses momentos "fortes", Portugal é visto como um pequeno país, pacato, que não gera informações supranacionais ou de extrema relevância para o resto da Europa. Como explica Marie-Line Darcy, correspondente francesa, "Portugal não é

um grande fornecedor de informações, pondo de parte acontecimentos como os incêndios, o turismo, a crise económica". As personalidades políticas portuguesas não terão a mesma visibilidade que outros homólogos europeus. "Um discurso de António Costa ou de Emmanuel Macron não terão o mesmo impacto a nível mundial. Emmanuel Macron nem precisa de fazer referência à Europa para ser mediatizado, ao contrário de António Costa", explica Marie-Line Darcy.

O resultado desse "vazio informacional" pode ser visto, paradoxalmente, como bastante produtivo, no sentido em que leva os correspondentes estrangeiros a procurar, investigar e sondar formas de falar de Portugal que sejam interessantes. "Não têm que ser temas interessantes só porque se relacionam com alguma ação política portuguesa ou porque irá influenciar o curso do mundo, têm que ser interessantes sem esses elementos", conclui a correspondente francesa.

A capacidade de contar histórias baseadas no "aspeto do 'interesse humano', do ponto de vista insólito, das pequenas curiosidades que atraem a atenção" (Wolf, 1987, p.90), é também altamente valorizado. Esses acontecimentos mais ligeiros são apreciados pelas redações sobretudo quando o ambiente global reflete histórias de conflitos, de guerras, de catástrofes naturais e injustiças. A intenção não é "esconder" as informações negativas, mas encontrar espaços para contrabalançar com informações mais positivas.

2.3.2 - A noção de atualidade em debate

Que pertinência tem a noção de "atualidade" para os correspondentes estrangeiros? Estes profissionais do jornalismo têm a mesma relação de obrigação para com os fatos de atualidade? Ou, pelo contrário, terão mais liberdade na escolha dos temas a cobrir e a possibilidade de abordar temas de forma mais livre, incluindo temas "frios", sem seguir o ritmo imposto pela atualidade nacional? A particularidade da vida profissional de um correspondente é viver e ter que se situar entre a atualidade de dois países. A atualidade do país de origem primará sempre sobre aquela do país em que trabalha e que relata para o estrangeiro. Por exemplo, Marie-Line Darcy pode trabalhar num tema "frio" que não seja de atualidade em Portugal e publicar a reportagem em França, em eco com alguma situação da atualidade francesa.

No entanto, o trabalho do correspondente tem sempre que ter um "gancho temporal", nas palavras de Alison Roberts. Para a correspondente britânica é necessário haver uma razão que justifique abordar um tema numa altura certa, e essa necessidade seria ainda mais presente no caso dos correspondentes porque "um jornalista que trabalhe no seu próprio país é muitas vezes especializado numa rúbrica particular, como o desporto ou a sociedade, o que é em si uma justificação para as peças que publica".

O correspondente pode até encontrar-se em situações em que tem uma ideia definida e material recolhido, mas terá que esperar até que a atualidade justifique a publicação da matéria. Muitas vezes, Alison Roberts encontra-se nesse caso e para fazer uma ligação com a atualidade, faz pesquisas para saber se o tema é discutido no Parlamento, se há alguma manifestação programada sobre o assunto, etc.

A "missão dupla" que cabe ao correspondente e que consiste em adaptar-se ao presente factual de duas realidades jornalísticas é um fator decisivo na qualidade do seu trabalho. "Penso na atualidade do país onde vivo, Portugal, mas também penso naquilo que é suscetível de interessar o público espanhol. Ou então, tento transformar essa atualidade para torná-la interessante aos olhos do meu público espanhol", esclarece Javier Martín del Barrio. Durante o verão, visto como um período de baixa intensidade jornalística (porque a vida política e económica abrandam), o correspondente espanhol propõe temas "mais frívolas", em adequação com os interesses do público, como artigos sobre viagens, publicados num suplemento especial do El País.

A experiência de Leonardo Monteiro, da TV Globo, difere ligeiramente. O correspondente brasileiro faz muitas reportagens "frias", "atemporais", precisamente porque a atualidade do Brasil é sempre prioritária. Daí decorre a necessidade de vincular as reportagens numa temporalidade longa, de forma a poder propô-las em qualquer altura, ou adia-las para mais tarde. "Temos que ter essa manobra do 'não fatual', do 'frio', como se diz, porque se o noticiário no Brasil for intenso, com notícias sobre política, corrupção ou outros escândalos frequentes, eu tenho que encontrar forma de tornar as minhas reportagens intemporais. Caso contrário, elas nunca serão publicadas, nem no dia em que as proponho, nem mais tarde", explica o correspondente.

Enquanto correspondente estrangeiro e jornalista da SIC, Leonardo Monteiro vive essa experiência no dia-a-dia e distingue as duas formas de trabalhar: "Enquanto o media português precisa da peça urgentemente, eu tenho várias reportagens para a Globo que foram rodadas há muito tempo e que ainda são válidas", com temas sobre os vistos Gold, ou sobre o programa Regressar, que ainda podem ser atualizadas.

2.4 – Práticas de seleção de temas

Nos anos 1990, o jornalismo internacional desenvolveu-se, na opinião de Williams (2011), com as novas problemáticas trazidas pela globalização. Entre elas, a pandemia de VIH nos anos 1990 ou a SARS, em 2004, as alterações climáticas e as questões ambientais, as migrações e os direitos humanos nos anos 2000 (Williams, 2011). O advento destas novas temáticas obrigou o jornalismo internacional a adotar uma nova perspetiva sobre as notícias mundiais. Os correspondentes tiveram que lidar com novos tópicos e formas de encontrar novas histórias e enquadramentos. Estas mudanças levaram-nos a cultivar novas fontes.

Nas suas rotinas profissionais, os correspondentes estrangeiros entrevistados no âmbito desta investigação revelam consultar intensivamente os media locais, não só para se manter a par da atualidade como para aferir ideias para futuras reportagens ou artigos. Muitos temas abordados nos media locais são "reutilizados", à maneira de cada um deles.

Mesmo com um tema "reaproveitado", o correspondente fará as suas próprias entrevistas e um trabalho de terreno específico. É o caso de Marie-Line Darcy, cuja inspiração se alimenta muito da imprensa local, como o caso de Leonardo Monteiro, para quem trabalhar na SIC facilita a proximidade com o jornalismo nacional para saber o que é feito por cá e o que pode interessar no Brasil.

Alison Roberts consulta a imprensa local de forma mais oficial, não tanto como forma de sugerir temas paralelos, mas para alimentar uma agenda jornalística. Neste caso, a imprensa local "funciona como uma espécie de alerta", que lhe dará indicações sobre, por exemplo, as propostas em debate no Parlamento. Os eventos são apontados na agenda de forma a manter-se preparada para cobrir o assunto na altura certa, com uma parte de pesquisa já efetuada e eventualmente algumas entrevistas já feitas. Este tipo de jornalismo de agenda, em que o acontecimento é conhecido com antecipação, permite oferecer uma ou várias peças no dia certo. Quando em Portugal surgiu o debate sobre a legalização da eutanásia, a correspondente britânica participou em vários eventos a que foi convidada. No dia em que a medida foi votada, já se encontrava preparada para falar sobre o assunto e realizar papéis jornalísticos com maior conhecimento sobre o tema. Na sua abordagem mais institucional, comparando com os outros correspondentes entrevistados, a Agência

Lusa é o media que mais consulta, e fá-lo de forma intensiva também porque a Lusa fornece uma alta proporção da produção feita pelos media portugueses.

O consumo dos media locais não é, no entanto, um imperativo para todos os correspondentes. Se Javier Martín del Barrio consulta a imprensa local para se manter a par "do que se passa por cá e procurar histórias", o correspondente foca-se sobretudo no universo mediático espanhol, como forma de estar em sintonia com a atualidade do seu país e criar concordância entre as suas peças jornalísticas e as tendências em voga em Espanha. É assim que resume a sua abordagem aos media, também João Carlos, que consulta a imprensa local tanto como a imprensa internacional: "para estar a par do que acontece lá e do que pode estar a acontecer aqui".

De resto, o consumo mediático de cada um depende em grande parte do tipo de formato com o qual trabalham. Assim, Alison Roberts ouve a Antena 1 com bastante regularidade "para saber como é que os media portugueses preparam o dia"; a TSF com menos regularidade porque aponta a presença publicitária como um defeito; e os telejornais. Assiste também a programas televisivos como o *Prós e Contras*³ mas insiste que é por interesse pessoal que o faz, pois esse tipo de programas "não oferece síntese suficiente para ser útil" para o seu trabalho. O seu foco de interesse é essencialmente audiovisual.

Marie-Line Darcy, que trabalha maioritariamente para o formato papel, destaca os grandes títulos da imprensa nacional, print e web, como o *Público*, do qual é assinante, o *Diário de Notícias* e o *Observador* enquanto fontes importantes do dia-à-dia e porque propõem "ótimas análises e sujeitos de sociedade", que originam, paralelamente, ideias de reportagens. Consulta mais a imprensa do que programas radiofónicos, e televisão quando são assuntos importantes.

³ Programa semanal de debates da RTP, apresentado pela jornalista Fátima Campos Ferreira, durante 18 anos. O último episódio deu-se no dia 28 de setembro de 2020.

Capítulo III

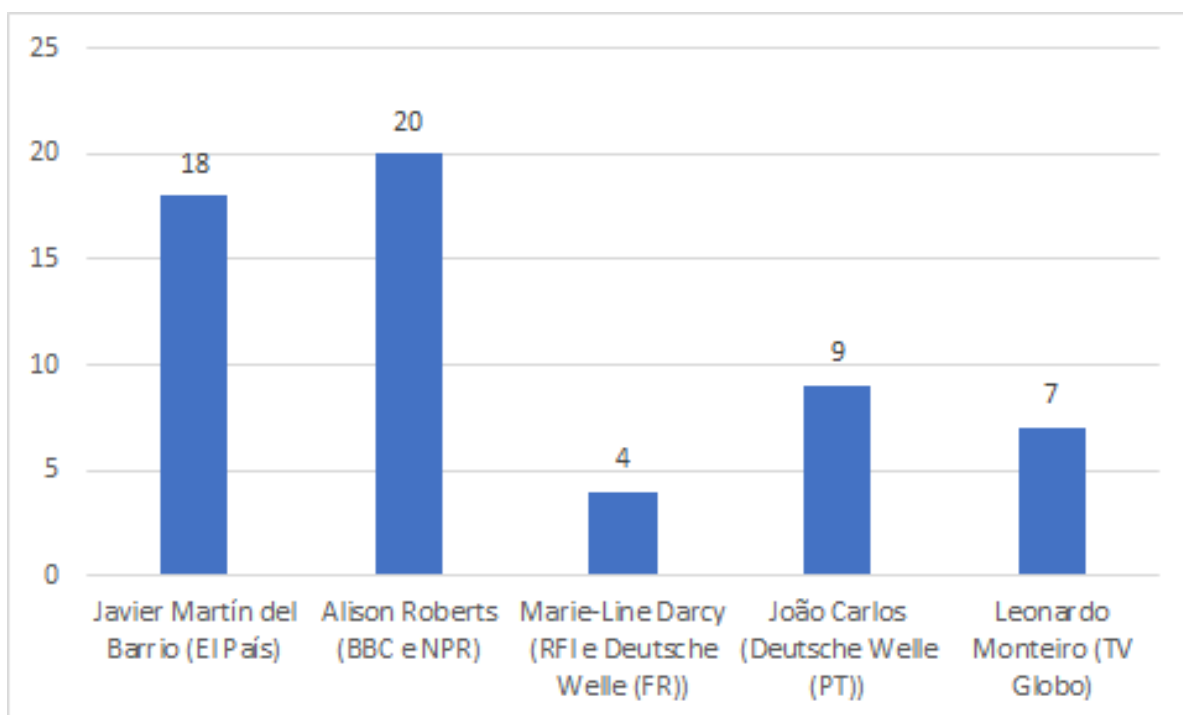
Estudo de caso : Análise dos conteúdos jornalísticos

As peças jornalísticas analisadas foram realizadas e divulgadas nos meses de janeiro e fevereiro de 2020. Incluem-se vários formatos. As produções de Javier Martín del Barrio (El País, versão online), João Carlos (DW), e Marie-Line Darcy (DW, RFI e TSF) foram analisadas na íntegra. As peças radiofónicas de Alison Roberts (BBC e NPR) foram estudadas na sua versão escrita, prontas para serem verbalizadas e algumas emitidas em direto. O único inconveniente surgiu com as produções de Leonardo Monteiro (TV Globo), que não teve possibilidade de enviar as peças em produto final. A análise da sua produção foi feita a partir de uma tabela com os temas das reportagens que realizou entre janeiro e fevereiro de 2020.

Importa lembrar que os dois meses analisados precederam o início da propagação do vírus covid-19 em Portugal, que marcou uma etapa nova e excepcional no mundo jornalístico. Os jornalistas tiveram que se adaptar ao contexto para poder continuar o trabalho de testemunhos, ultrapassando os obstáculos do confinamento e da rutura repentina da quase totalidade das atividades no país. O que motivou a escolha de se basear num período outro que o da pandemia foi precisamente o facto de ser um acontecimento inédito e mundial que monopolizou a informação e a atenção da maioria das pessoas pelo mundo. Não é surpreendente que, durante esse período, a pandemia e os seus efeitos no conjunto da sociedade tenham sido um tema comum a todos os correspondentes. O interesse e o motivo do presente trabalho baseavam-se na vontade de conhecer o que leva os correspondentes a fazer determinadas escolhas noticiosas e editoriais, e quais são as diferenças entre eles, na mesma unidade de espaço e tempo.

Os cinco correspondentes realizaram, durante os dois meses, um total de 58 peças. O seguinte quadro mostra a quantidade de peças realizadas por cada correspondente, desde reportagem escrita a curtas peças radiofónicas. A tabela indica também qual foi o media difusor das peças.

Figura 1. Volume de peças jornalísticas realizadas entre janeiro e fevereiro de 2020



Todos os correspondentes referiram que o período de janeiro a fevereiro se caracterizou por um vazio jornalístico, pelo fraco fluxo de acontecimentos. Nota-se uma diferença bastante grande na quantidade de produções efetuadas. Em dois meses, apenas dois deles (Alison Roberts e Javier Martín del Barrio) realizaram mais do que dez peças, contrastando com a baixa intensidade de realização dos outros três correspondentes. Estas diferenças são aleatórias e não se pode estabelecer nenhuma relação de causa a efeito entre o país de origem ou o média e a quantidade de peças produzidas. Cada correspondente gere o seu ritmo e efetua propostas ou aceita e recusa trabalhos consoante decisões individuais. Importa notar que o caso de Leonardo Monteiro é uma exceção ao que acaba de ser referido. O correspondente brasileiro tem menos autonomia que os seus colegas de outros países e a cobertura de determinado assunto é condicionada pelas decisões dos chefes hierárquicos da TV Globo.

No caso de Marie-Line Darcy, a correspondente francesa referiu que aproveitou a altura para realizar outras tarefas, como ajudar na preparação de reportagens de colegas franceses enviados a Lisboa (*fixing*), e a gravação de audioguias. Essas foram, aliás, as suas "atividades principais". No caso de Leonardo Monteiro, o facto de serem poucos os acontecimentos em Portugal que fossem suscetíveis de gerar reportagens nas antenas da

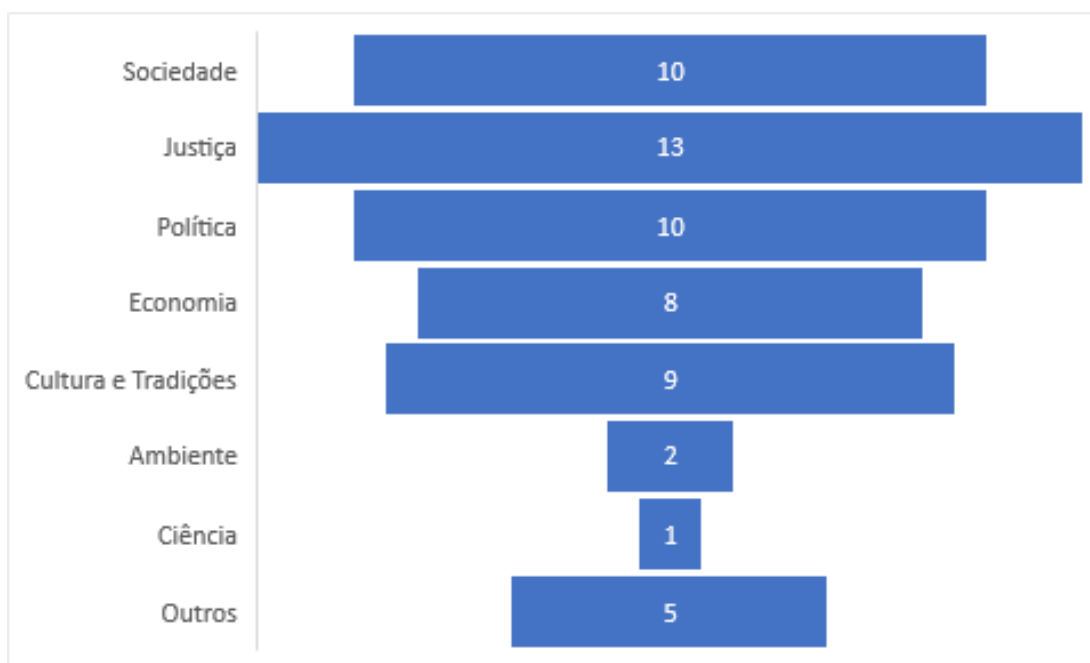
TV Globo, de acordo com as opiniões e decisões dos seus chefes, fez com que se concentrasse mais no seu trabalho de jornalista na SIC. João Carlos, correspondente da Deutsche Welle, chegou a escrever dois dos seus nove artigos sobre países africanos, sem que haja ligação com a atualidade portuguesa.

Para proceder à análise, decidi, numa primeira etapa, categorizar as produções consoante as áreas temáticas. Procurei entender se uma seção seria mais representada ou se, pelo contrário, os temas abordados fossem globalmente heterogéneos. Geralmente, nas seções categorizadas pelos medias, a área "Sociedade" engloba várias subcategorias, como a Saúde ou a Justiça. Foi precisamente nesta última divisão, a de "Justiça", que me deparei com a maior quantidade de artigos e, por isso, decidi tratá-la como uma categoria independente das outras. Ainda assim, a denominação "Sociedade" aplica-se a um conjunto alargado de subtemas, que vão de greves gerais, racismo, e imigração a questões reveladoras da opinião pública sobre direitos como a eutanásia.

Destaquei outras duas categorias que podiam fazer parte da secção "Sociedade", sendo essas categorias as temáticas relacionadas com o Ambiente e a Ciência. Fi-lo para evidenciar a pouca relevância que tiveram, dada a fraca quantidade de artigos que originaram. Por fim, a categoria designada por "Outras" reúne todos os temas que não se encaixam em nenhuma categoria e que não justificam uma divisão por si próprios.

Nesta categoria também incluí temas que são de âmbito internacional e que abordam questões geopolíticas ou de relações internacionais. Não fiz uma seção "internacional", porque à partida todos estes artigos são publicados na seção internacional do media que os divulga.

Figura 2. Áreas temáticas representadas



A repartição segundo a área temática é bastante homogênea, não se notam grandes discrepâncias entre os temas, exceto as áreas de ambiente e ciência. Estas duas últimas categorias são geralmente parte do grupo "Sociedade", mas cada vez mais carecem de uma atenção crescente por parte do jornalismo, sobretudo os temas ambientais. Destaquei-as para evidenciar a pouca cobertura que ainda lhes é dada.

É flagrante a pouca cobertura feita aos temas ambientais. No conjunto das 59 peças analisadas, apenas duas se debruçam sobre um tema com relação ao ambiente. As questões ambientais têm vindo a adquirir maior visibilidade nos media nos últimos anos, seguindo uma tendência a nível da opinião pública e a nível político. Ainda assim, o tema permanece muitas vezes secundário. No entanto, a pouca cobertura deste tema pode ser explicada pela ausência de matéria existente para o poder abordar. As questões ambientais e ecológicas alcançaram maior relevância com a pandemia de coronavírus, alguns meses depois do período aqui analisado.

Por fim, importa referir que a categorização das áreas temáticas é uma escolha subjetiva. Alguns temas encaixam em várias seções. Tentei sempre ser o mais objetiva possível, consoante o conteúdo da peça. Por exemplo, as peças sobre o Orçamento de Estado são questões políticas, mas também económicas. Decidi incluí-las na categoria "Economia" porque, afinal, tratam de decisões económicas, apesar dos debates que possam gerar entre partidos políticos.

As seguintes figuras classificam as produções de cada correspondente.

Figura 3. Produções jornalísticas de Javier Martín del Barrio (El País)

1- Economia	- Aprovação do Orçamento de Estado, sem os apoios habituais do PS (BE e PCP). <i>10.01.2020</i>
2- Economia	- Investimentos de Cristiano Ronaldo no setor hoteleiro. <i>02.02.2020</i>
3- Economia	- Fim dos paraísos fiscais para reformados estrangeiros em Portugal. <i>28.01.2020</i>
4- Economia	- Iberolux: união económica entre Portugal e Espanha (proposta do Presidente da Câmara do Porto). <i>05.02.2020</i>
5- Justiça	- Investigações dos negócios de Isabel dos Santos por Portugal. <i>21.01.2020</i>
6- Justiça	- Gestor financeiro de Isabel dos Santos encontrado morto em Lisboa. <i>23.02.2020</i>
7- Justiça	- Ordem de detenção contra Isabel dos Santos em Angola. <i>26.01.2020</i>
8- Justiça	- Abanca abandona compra da Eurobic, banco detido por Isabel dos Santos. <i>10.02.2020</i>
9- Política	- Portugal a um passo de aprovar a lei da eutanásia. <i>19.02.2020</i>
10- Política	- Primeira aprovação da lei da eutanásia no Parlamento. <i>20.02.2020</i>
11- Política	- Controvérsias políticas sobre a devolução de arte colonial (partido Chega e deputada do Livre Joacine Katar Moreira). <i>11.02.2020</i>
12- Política	- Iniciativa do governo de combate aos despejos. <i>17.01.2020</i>
13- Cultura	- Restauração de palácios/edifícios públicos: nova atração da cidade. <i>30.01.2020</i>
14- Cultura	- Vício pelas raspadinhas. <i>23.02.2020</i>
15- Sociedade	- Greve geral dos funcionários públicos, escolas e hospitais encerrados. <i>31.01.2020</i>
16- Sociedade	- Freiras para repovoar Portugal (construção de um mosteiro em Palaçoulo). <i>29.02.2020</i>
17- Ciência	- Científica portuguesa que inventou o microchip ecológico. <i>23.02.2020</i>
18- Ambiente	- Veículos privados movidos a combustível fóssil proibidos no centro de Lisboa. <i>31.01.2020</i>

Nota-se, na produção de Javier Martín del Barrio, a ambição de cobrir temas variados. O correspondente espanhol foi quem abordou o maior número de temáticas. Apenas um artigo estabelece uma ligação direta com o seu país de origem, O artigo em questão trata de uma proposta do presidente da Câmara do Porto: a Iberolux, uma união económica entre Portugal e Espanha. O nome faz referência a uma ideia já existente e reivindicada por personalidades públicas, a saber uma união económica reforçada entre os dois países.

A maioria dos temas abordados pelo correspondente são de atualidade. São assuntos que chegam facilmente ao conhecimento de um jornalista que se informa sobre a atualidade local. A seleção noticiosa neste caso realiza-se através de uma revisão e acompanhamento diário da atualidade local (em Lisboa e Portugal). No entanto, os temas culturais que Javier Martín del Barrio abordou partem de uma ideia original (no sentido de ser única) e pessoal. Com a reportagem sobre o vício dos portugueses pelas "raspadinhas", o correspondente espanhol ilustra a tarefa de um jornalista que consiste em observar o mundo à sua volta e saber destacar temas relevantes e, possivelmente, pouco visíveis. O papel de um correspondente passa por pousar um olhar exterior, e destacar questões que possam parecer comuns a quem vive no contexto em que acontecem. O correspondente explicou que foi um dos hábitos dos portugueses que o interpelou, e foi assim que decidiu investigar sobre essa questão de sociedade.

Figura 4. Produções jornalísticas de Alison Roberts

1- Economia	- Debate sobre o Orçamento de Estado. PS sem apoio habitual do BE e PCP.	- BBC- Antena 5 Live
2- Economia	- Recorde do número de empresas criadas no ano passado, 2019 (50 000)	- BBC- Antena 5 Live
3- Economia	- Restrição programa Vistos Gold (medida prevista no OE)	- NPR
4- Economia	- EUA (maior mercado da EDP) avalia riscos inerentes ao investimento chinês (empresa China Three Gorges)	- NPR
5- Política	- Aprovação do projeto de lei da eutanásia	
6- Política	- Dissensões políticas em relação às touradas. OE: sob proposta do PAN, PS propõe acabar com taxa reduzida dos bilhetes	- BBC- Antena 5 Live
7- Política	- Proposta do PAN (proibir touradas) continua improvável, mesmo com evolução da opinião pública	- BBC- World Service
8- Justiça	- Depois das revelações Luanda Leaks, banco espanhol Abanca vai adquirir 95% do banco português de Isabel dos Santos, Eurobic.	- BBC- World Service
9- Justiça	- Rui Pinto (Football Leaks) terá também revelado documentos do caso LL.	- BBC- World Service
10- Justiça	- Encontrado morto o gestor financeiro de Isabel dos Santos.	- BBC- World Service
11- Justiça	- Isabel dos Santos vende ações da empresa Efacec (principal acionista).	- BBC- Antena 5 Live
12- Justiça	- Breve síntese do caso Luanda Leaks.	
13- Sociedade	- Padres lançam petição para organizar um referendo sobre o projeto de lei da eutanásia	- BBC- World Service
14- Sociedade	- Racismo. Insultos racistas em estádio de futebol (Marega)	- BBC- World Service
15- Sociedade	- Racismo. Reações do PR e PM ao caso Marega	- BBC- World Service
16- Sociedade	- Greve setor público (escolas, hospitais, serviços administrativos)	- NPR
17- Cultura e Tradições	- Bolo-Rei gigante em Loulé	- BBC- Antena 5 Live
18- Outros	- Relações internacionais: Perceções das autoridades portuguesas e PR sobre tensões entre EUA-Irão (divergências políticas)	- BBC- Antena 5 Live
19- Outros	- Relações internacionais: Perceção portuguesa (partido europeu Volt) sobre o Brexit	- BBC- Antena 5 Live
20- Outros	- Relações internacionais: Brexit e consequências na relação histórica Portugal/Reino-Unido	- BBC- Radio Scotland

As produções de Alison Roberts não têm menção da data em que foram divulgadas. Os dois medias para os quais trabalhou são a rádio pública britânica BBC e a americana NPR. No caso da BBC, trabalhou para dois programas. As Antenas 5 Live e

Radio Scotland pertencem à BBC e são emitidas no Reino-Unido. Pelo contrário, a BBC World Service é um programa divulgado pelo mundo, exceto no Reino Unido.

Alison Roberts e o seu colega espanhol foram os únicos a abordar o Orçamento de Estado (peça nº1). O ângulo escolhido é aproximadamente o mesmo e foca-se no debate entre partidos à volta do Orçamento e na sua aprovação pelo Partido Socialista, sem os seus "apoios habituais" do PCP e BE, nas palavras de Javier Martín del Barrio. A coligação do anterior governo entre estes três partidos foi vista a nível europeu como um sucesso um pouco insólito, pouco habitual e prometedor. O interesse sobre o funcionamento do atual governo do Partido Socialista faz parte de uma história já tratada e apresenta-se como a continuidade.

Outro tema que a correspondente tem em comum com o seu colega espanhol é a greve da função pública (peça nº16). No lançamento que precede a peça da correspondente, é dito que o bloqueio das escolas e hospitais "representa um ponto de viragem para o país mais pobre da Europa Ocidental". Uma forma de dar sentido ao acontecimento e torná-lo significativo para um público que vive no outro lado do mundo, nos Estados-Unidos. Alison Roberts faz também a ligação com a saída do Reino-Unido da União-Europeia, o que "ameaça a economia do continente e o turismo em particular, em locais como Portugal". A ligação aqui permite inserir Portugal num contexto mais alargado e ligar o país ao destino do continente europeu.

Por fim, a particularidade da produção de Alison Roberts consiste na importância atribuída a questões de relações internacionais. A tendência dos outros correspondentes é focar-se em questões locais ou com ligação ao país de origem. Neste caso, Alison Roberts aborda temas internacionais, passando pela visão de personalidades locais, como é o caso das peças sobre a opinião de um deputado do partido Volt sobre o Brexit, e da perceção de Marcelo Rebelo de Sousa sobre as tensões entre Estados-Unidos e Irão. Como a identidade do media reflete-se geralmente nas peças que divulga, é interessante notar que a BBC sempre foi uma rádio com vocação internacional. O facto de Alison Roberts abordar temas geopolíticos e de relações diplomáticas é lógico neste contexto.

Figura 5. Produções jornalísticas de Marie-Line Darcy

1- Cultura e Tradições	- Programa cultural 365 Algarve. 15.01.2020	- Deutsche Welle podcast
2- Cultura e Tradições	- Carnaval de Podence. 15.02.2020	- RFI
3- Sociedade	- Bombeiros voluntários confrontados com a falta de meios*. 09.01.2020	- RFI
4- Ambiente	- Lisboa capital verde europeia. 06.01.2020	- RFI

Com duas peças em fevereiro e duas peças em janeiro (sem contar com uma breve), a produção de Marie-Line Darcy é a mais escassa de todos os correspondentes. Durante a entrevista, a correspondente referiu que, nessa altura, com uma atualidade pouco intensa, optou por dedicar-se a trabalhos de fixing, com enviados especiais vindos de França, ou a colaborações para a realização de audioguias.

A criação de conteúdos para o seu site pessoal foi outra tarefa na qual se implicou. O site em questão, www.lisbonne-affinités.com, não tem nenhuma ligação direta com o seu trabalho jornalístico e os conteúdos não são os mesmos. No entanto, como afirma Marie-Line Darcy, a criação do site iniciou com dois objetivos: "conhecer locais novos, movimentar-se pelo país e conhecer pessoas". A criação do site permite também adquirir maior visibilidade e estabelecer uma ponte entre conteúdos pessoais e trabalho profissional.

A peça radiofónica sobre o programa cultural "365 Algarve" (peça nº1) foi realizada com origem num convite de uma agência de relações públicas encarregada de dar a conhecer a região. Jornalistas e bloggers de sites de viagem e operadores de turismo fizeram parte dessa *press trip*. A correspondente francesa explica que "acontece, por vezes, descobrir uma região durante uma *press trip* e utilizar a informação recolhida para uma produção jornalística" que propõe aos media com os quais colabora. O interesse pela cultura e as tradições do país é um dos temas privilegiados de Marie-Line Darcy.

O artigo sobre a falta de meios que os bombeiros voluntários dispõem (peça nº4) tem a particularidade de ser uma peça conjunta, realizada por vários jornalistas em três países europeus, França, Reino-Unido e Portugal. Neste caso, a ideia de reportagem vem da redação central da rádio internacional RFI, em Paris.

Figura 6. Produções jornalísticas de João Carlos (Deutsche Welle)

1- Justiça	- Corrupção em Angola e Luanda Leaks. Fragilidades do governo angolano na luta contra a corrupção. <i>16.01.2020</i>
2- Justiça	- Saída de Isabel dos Santos "não preocupa Efacec". <i>19.02.2020</i>
3- Política	- Entrevista a Joacine Katar (deputada LIVRE), sobre proposta de "descolonizar o conhecimento". <i>04.02.2020</i>
4- Política	- Proposta de Joacine Katar sobre devolução de bens culturais chumbada pelo Parlamento. <i>06.02.2020</i>
5- Sociedade	- Deputada Joacine Katar Moreira, alvo de insultos racistas pelo Chega. <i>31.01.2020</i>
6- Sociedade	- Polémica à volta do concurso Miss/Mister Black Portugal, angariadora de donativos para missões humanitárias em África. <i>07.02.2020</i>
7- Cultura	- Concerto de Madonna com as Batacadeiras de Portugal (de origem cabo-verdiana). <i>17.01.2020</i>
8- Outros	- Eleição do presidente Guineense Umaro Sissoco Embaló. <i>20.01.2020</i>
9- Outros	- David Simango, figura política de Moçambique, sobre Acordo de Maputo, que julga insuficiente para resolver conflitos armados. <i>29.01.2020</i>

Os artigos de João Carlos para a Deutsche Welle são publicados na versão portuguesa do site e têm como público-alvo principal os leitores dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. O correspondente procura, portanto, cobrir todos os assuntos em Portugal que tenham ligação direta ou indireta com os países e comunidades das antigas colónias portuguesas.

É o único correspondente que inclui, na sua produção, uma entrevista. A entrevistada, a deputada guineense do partido Livre, Joacine Katar Moreira, consta em vários artigos do correspondente. João Carlos foi o único a abordar o tema da devolução de bens culturais, iniciativa proposta pela deputada e chumbada pelo Parlamento (peça nº4).

Os dois últimos artigos (peças nº8 e nº9) não têm ligação nenhuma com Portugal e poderiam ter sido feitos a partir de qualquer outro país. Isto explica-se outra vez pela peculiaridade do público e do perfil de correspondente de João Carlos. O seu objetivo é noticiar temas relacionados com os PALOP, sobretudo quando estes tenham uma relação com Portugal, para um público lusófono espalhado pelo mundo. A seleção noticiosa, neste caso, não depende unicamente da atualidade portuguesa.

O papel de João Carlos enquanto colaborador da Deutsche Welle ilustra bem a variedade de perfis que os correspondentes podem endossar. Apesar de residir e trabalhar em Portugal, João Carlos escreve, por vezes, artigos sobre temáticas locais de países estrangeiros (PALOPS). É um exemplo de como a redução de custos leva empresas mediáticas a passar por jornalistas que não se encontram no local do acontecimento.

Figura 7. Produções jornalísticas de Leonardo Monteiro (TV Globo)

1- Política	- Lei da eutanásia aprovada no Parlamento. <i>25.02.2020</i>
2- Cultura e tradições	- Bolo Rei. <i>06.01.2020</i>
3- Cultura e tradições	- 35 anos do Rock In Rio. <i>09.01.2020</i>
4- Cultura e tradições	- Abertura do Carnaval de Ovar com Monobloco, um dos mais reconhecidos blocos de Carnaval do Brasil. <i>01.02.2020</i>
5- Justiça	- Três pastores evangélicos brasileiros presos em Portugal, sob suspeita de tráfico de pessoas e apoio à imigração ilegal. <i>10.01.2020</i>
6- Justiça	- Julgamento de um militar brasileiro preso em Espanha, por tráfico de cocaína. <i>24.02.2020</i>
7- Sociedade	- Recorde de imigração brasileira em Portugal. <i>16.01.2020</i>

Tal como os seus colegas Alison Roberts e Javier Martín del Barrio, Leonardo Monteiro considerou importante e de interesse público noticiar a aprovação da lei da eutanásia no Parlamento. O acontecimento foi suficientemente impactante e demonstrativo de uma evolução na sociedade portuguesa para ter o seu valor jornalístico no estrangeiro, nomeadamente no Brasil, onde a prática da eutanásia é considerada pela lei como um crime.

Outra reportagem que o correspondente brasileiro tem em comum com Alison Roberts é relacionada com a tradição portuguesa do bolo-rei (peça nº2), um tema que não teria necessariamente passado se a atualidade fosse mais rica durante esse período.

A maioria das peças de Leonardo Monteiro têm uma ligação direta com o Brasil, como é o caso das duas reportagens que constam na área "Justiça". Como afirmou Leonardo Monteiro: "Tudo o que se relaciona com brasileiros em Portugal, eu tento transformar em reportagem".

Ao contrário dos seus dois colegas Javier Martín del Barrio e Alison Roberts, o correspondente brasileiro não fez nenhuma peça sobre o Orçamento de Estado. No decorrer da entrevista, referiu que é tipicamente um tema que, segundo ele, não representa nenhuma mais-valia para o público brasileiro. O facto de ser um tema pouco facilmente representável por imagens pode também explicar a ausência de cobertura por parte do correspondente da TV Globo.

O caso Luanda Leaks

Neste período que precedeu a crise pandémica, o acontecimento preponderante no conjunto das produções jornalísticas dos correspondentes é o caso de fraude e corrupção "Luanda Leaks". O caso, revelado no dia 19 de janeiro de 2020 pelo Consórcio Internacional de Jornalistas de Investigação (ICIJ, na sigla em inglês), expôs a forma como Isabel dos Santos, filha do ex-presidente angolano José Eduardo dos Santos, efetuou transações financeiras que permitiram desviar dinheiro público de Angola para paraísos fiscais.

Optei por colocar na categoria "Justiça" todas as peças dos correspondentes relacionadas com o acontecimento. Parti do princípio de que cada acontecimento periférico partia do caso de corrupção, incluindo as consequências no mundo empresarial.

Este acontecimento teve um forte impacto na atualidade internacional, não só nos países diretamente relacionados com o assunto (entre os quais, Portugal e Angola). O facto de ter sido revelado pelo Consórcio Internacional de Jornalistas de Investigação, membros de algumas das mais prestigiadas redações do mundo, certamente contribuiu para a sua maior visibilidade. Mas as ramificações infinitas dos negócios de Isabel dos Santos, em vários países do mundo, também explicam o forte impacto jornalístico.

O caso Luanda Leaks foi fonte de imensa matéria para os jornalistas. Depois das primeiras suspeitas de corrupção por parte de Isabel dos Santos, o mundo dos negócios entrou em efervescência. Primeiro, o banco espanhol "Abanca" propôs adquirir 95% do banco detido na altura pela filha do ex-presidente angolano, o Eurobic. Os correspondentes Javier Martín del Barrio e Alison Roberts decidiram noticiá-lo e nota-se uma forma de complementaridade entre as suas peças. Alison Roberts cobriu a proposta inicial do banco espanhol (Abanca), e Javier Martín del Barrio noticiou a decisão final de

não proceder à compra da Eurobic. A morte do gestor financeiro de Isabel dos Santos captou, igualmente, a atenção de ambos. Alison Roberts, para além das notícias esporádicas sobre acontecimentos concretos relacionados com o caso, procedeu também a uma síntese do caso Luanda Leaks, de forma a contextualizar e a relembrar o sucedido aos seus ouvintes.

João Carlos, correspondente da Deutsche Welle versão portuguesa, tratou o caso de forma mais global sobre a situação em Angola. Permitiu assim fazer uma análise do estado da corrupção em Angola, apontada para as “fragilidades do governo angolano na luta contra a corrupção”.

No seu tratamento mais “frio” da atualidade, ou seja, interessando-se por assuntos atemporais, Marie-Line Darcy não atribuiu importância ao caso Luanda Leaks, e não produziu nenhuma matéria jornalística sobre o tema.

O mesmo se nota na produção de Leonardo Monteiro, o que à partida pode parecer surpreendente, mas que, como explicou o correspondente, faz sentido se olharmos para a quantidade de casos de corrupção no Brasil. Sendo um acontecimento menos “fora do comum” para um público “habitado” a estas histórias, não refletiu tanto interesse, na opinião do correspondente e dos seus chefes de redação.

Os interesses pessoais entram em conta na seleção dos temas a abordar. No entanto, o que dita as escolhas a efetuar, em última instância, são os acontecimentos da atualidade e não os critérios individuais. Como o caso de Marie-Line Darcy ilustra, os correspondentes são os primeiros a decidir o que querem ou não cobrir. Porém, esse grau de autonomia pode se tornar precário quando os correspondentes fazem a escolha de não propor temas ligados com a atualidade. As redações estrangeiras podem ver essa escolha como uma falha profissional. Quer queira, quer não, o correspondente está tão submetido ao dever de atualidade que os jornalistas locais, e deve ser o mais abrangente possível nas matérias que trata.

Neste sentido, os correspondentes referiram dois dos momentos mais intensos desde que se encontram em Portugal: o incêndio de Pedrógão Grande, em junho de 2017, e o período da crise económica e das medidas de austeridade. Estes foram momentos jornalisticamente intensos, impostos pela atualidade.

Considerações finais

Realizei este trabalho motivada por um interesse especial pelo jornalismo internacional, que sempre cultivei desde que comecei a estudar jornalismo e que espero seguir enquanto via profissional. A motivação foi grande, mas as lacunas são inevitáveis. Devem-se principalmente a uma disponibilidade parcial, tendo em conta que realizei uma grande parte deste trabalho em França, enquanto me dedicava simultaneamente à escola de jornalismo que frequento. Não existe, portanto, a pretensão de estabelecer uma verdade ou teorias irrefutáveis. Espero, no entanto, ter contribuído para dar vontade a outros de sondar esta área ainda pouco explorada.

O papel e a missão dos correspondentes estrangeiros saem reforçados à medida que parecem cada vez mais substituíveis. A informação das agências nacionais e internacionais aflui, a tecnologia e a internet permitem "estar presente" sem estar fisicamente presente, e tudo isto alimenta o fluxo da informação internacional. O que uma redação espera dos seus correspondentes é, portanto, que contribuam com mais e melhor do que as notícias das agências. Que proponham ângulos de abordagem estimulantes e originais sobre a atualidade, que se invistam com caráter e personalidade nos artigos e reportagens que realizam. Que ofereçam maior profundidade, mais investigação, mais esclarecimentos. Que ajudem a lutar contra as informações potencialmente falsas ou tendenciosas que circulam a nível mundial pelas redes sociais e pela internet, e que tornem as histórias mais relevantes para o seu público. Espera-se deles que contribuam com o conhecimento e as vivências que vão adquirindo da terra, da língua e da cultura do local onde se encontram. Os correspondentes são o elixir, a mais-valia, o esplendor da informação internacional para os média que recorrem a eles.

Relembro aqui as palavras de Leonardo Monteiro durante a entrevista realizada para este trabalho: "Lá no Brasil eu era só mais um repórter. Aqui, em Portugal, eu sou o único representante do jornalismo da TV Globo. A responsabilidade é muito maior, sou o porta-voz de Portugal para a comunidade brasileira."

Um porta-voz, um representante do seu país de origem. Uma ponte entre dois países. É isto que ser correspondente estrangeiro significa. O professor e jornalista Richard Sambrook invoca a imagem de "ponte cultural" para se referir a eles. Essa ponte cultural é cada vez mais necessária num mundo em as distâncias culturais permanecem

enormes e, muitas vezes, são fontes de tensões e conflitos. O sociólogo Dominique Wolton avançou a ideia de que o quadro cultural é mais importante ainda que as questões sociais ou políticas para compreender as problemáticas da comunicação (1999). A compreensão entre diferentes povos e nações segue provavelmente a mesma lógica. Os correspondentes agem como observadores num contexto que aprenderam a conhecer. Inseridos na vida local, têm a vantagem de possuir um olhar exterior, capaz de identificar aspetos aparentemente comuns e banais, mas no fundo, reveladores de formas de viver, pensar e fazer.

As distâncias comunicacionais certamente diminuíram, mas as distâncias culturais continuam grandes. Este é um dos maiores desafios que o século XXI enfrenta, e os correspondentes estrangeiros têm uma grande parte de responsabilidade. Para cumprir essa função, os correspondentes têm certamente que evitar lugares-comuns e estereótipos (o mundo e o ser humano são complexos e toda a simplificação pode se tornar contraprodutiva). Para qualquer bom trabalho jornalístico, é imperativo evitar clichés, comparações enganosas e amálgamas redutoras. No entanto, para permitir uma melhor identificação, o correspondente necessita, por vezes, recorrer a imagens representativas, que permitam ao seu público apreender as questões em jogo.

Com o aumento exponencial de atores (ou autores) que colocam a informação a circular pela internet, aumentando da mesma forma a diversidade de pontos de vista e perspectivas, o papel dos correspondentes estrangeiros é, mais do que nunca, ordenar e dar sentido a esta multiplicidade de informações. Toda a complexidade da profissão de correspondente reside neste ponto essencial: transmitir valores culturais, fazê-lo sem anular as complexidades do mundo em que vivemos.

Por fim, faço minhas as palavras de Archetti, que se interessou pelo futuro dos correspondentes e afirma, intransigente: “Rather than a 'crisis' of foreign correspondence, we could perhaps be witnessing its renaissance” (2012, p.1).

Referências bibliográficas

- Archetti, C. (2011, 16-19 de Março). *Reporting the Nation: Understanding the Role of Journalism in 21st Century Public Diplomacy*. Paper presented at the annual meeting of the International Studies Association Annual Conference "Global Governance: Political Authority in Transition". Manchester, United Kingdom.
https://www.academia.edu/471191/Reporting_the_Nation_Understanding_the_Role_of_Foreign_Correspondents_in_21st_Century_Public_Diplomacy
- Archetti, C. (2012). Which future for foreign correspondence? *Journalism Studies*, 13(5-6), 847-856. DOI: <http://dx.doi.org/10.1080/1461670X.2012.664352>
- Baptista, C., Henriques, C. (2014). Foreign correspondents in Portugal news from Portugal: Thanks to the debt crisis. In G. Terzis (Ed.), *Mapping Foreign Correspondence in Europe* (pp. 203-212). Routledge.
<https://doi.org/10.4324/9781315862965>
- Brousse, S. (2012, Outubro 11). Euronews, du mondial au “glocal”. *Stratégies*.
<https://www.strategies.fr/actualites/medias/196685W/euronews-du-mondial-au-glocal-.html>
- Clarke, J, Bromley, M. (2012). *International News in the Digital Age: East-West Perceptions of a New World Order*. Routledge.
- Cardoso, G., Baldi, V., Couraceiro, P., Paisana, M., Pais, P., Quintanilha, T. (2020, Janeiro). Agências de Notícias em reconversão – Novas agências para novas oportunidades. Publicações OberCom. <https://obercom.pt/agencias-de-noticias-em-reconversao-novas-agencia-para-novas-oportunidades/>
- Cooper, A., Taylor, O. (2014, 3 de Dezembro). *The New Global Journalism: Foreign Correspondence in Transition*. New York: Tow Center for Digital Journalism at Columbia University.
https://www.cjr.org/tow_center_reports/the_new_global_journalism.php

- Dell'Orto, G. (2013). *American Journalism and International Relations: Foreign Correspondence from the Early Republic to the Digital Era*. Cambridge University Press: New York.
- Hamilton, J.M., Jenner, E. (2004). Redefining Foreign Correspondence. *Journalism*. 5(3), pp. 301-321. doi: 10.1177/1464884904044938
- Hamilton, J. M. (2009, March-April). In the Foothills of Change: Foreign Coverage Seems Doomed, but It's Only Just Begun. *Columbia Journalism Review*. https://archives.cjr.org/essay/in_the_foothills_of_change_1.php
- Hamilton, J., Lawrence, R. (2012). *Foreign Correspondence*. (1st ed.). Routledge.
- Hannerz, U. (2004). *Foreign News: Exploring the World of Foreign Correspondents*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Khalaf, R. (2019, November 13). Bearing witness to history: how to adapt foreign reporting to the digital age. *Reuters Institute*. <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/risj-review/bearing-witness-history-how-adapt-foreign-reporting-digital-age>
- Laville, C. (2003). Le traitement de l'actualité internationale : avenir... et mirages de l'information planétaire. *Les Cahiers du Journalisme*, 12, 32-40. http://www.cahiersdujournalisme.net/pdf/12/02_Laville.pdf
- Laranjeiro, A.C.V. (2009). *Correspondentes estrangeiros em Portugal : O que faz a notícia*. [Dissertação de Mestrado]. Universidade da Beira Interior.
- Lewis, D. (2010, inverno). Foreign Correspondents in a Modern World: The Past, present and possible future of global journalism. *The Elon Journal of Undergraduate Research in Communications*. 1(1), 119-127. <https://www.elon.edu/u/academics/communications/journal/wp-content/uploads/sites/153/2017/06/12LewisEJSpring10.pdf>
- Mattelart, T. (2016). Déconstruire l'argument de la diversité de l'information à l'heure du numérique : le cas des nouvelles internationales. *Les Enjeux de l'information et de la communication*, 17/2(2), 113-125. doi:10.3917/enic.021.0113.
- Mesquita, M., Rebelo, J. (1994). *O 25 de Abril nos media internacional*. Porto, Portugal: Afrontamento.
- Nicey, J. (2016). Les correspondants de presse étrangère en France : Des modèles et des missions entre routines, bouleversements et paradoxes. *Sur le Journalisme*. 5(1), 30-41.

https://www.researchgate.net/publication/309608487_Les_correspondants_de_presse_etrangere_en_France_Des_modeles_et_des_missions_entre_routines_boueversements_et_paradoxes

- Picar, R. (2015, Maio). Journalist's Perceptions of the Future of Journalistic Work. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism. <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2017-11/Journalists%27%20Perceptions%20of%20the%20Future%20of%20Journalistic%20Work.pdf>
- Rodrigues, A.L. (2008). *Aos Olhos do Mundo: Portugal e os Portugueses Retratos por Correspondentes Estrangeiros*. Lisboa, Portugal: Livros Horizonte.
- Sambrook, R. (2010, Dezembro). *Are Foreign Correspondents Redundant ? The changing face of international news*. Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism. <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2017-12/Are%20Foreign%20Correspondents%20Redundant%20The%20changing%20face%20of%20international%20news.pdf>
- Sauvageau, F. (2003, Outono). "N'y a-t-il plus de journalisme, aujourd'hui, qu'international?": récit d'une expérience de formation.... *Cahiers du Journalisme*, 12, 42-55.
- Souto, M. (2010). Desafios para a análise do jornalismo internacional. *Aurora*, 7, 86-98.
- Weaver, D.H., Willnat, L. (2012). *The global journalist of the 21st century*. New York: Routledge.
- Williams, K. (2011). *International Journalism*. (1st ed.). Sage Publications.
- Willnat, L., Weaver, D. (2003). Through their eyes: The work of foreign correspondents in the United States. *Sage Publications*, 4(4), 403-422. <https://doi.org/10.1177/14648849030044001>
- Wolf, M. (1987). *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Editora Presença.
- Wolton, D. (1999). *Pensar a Comunicação*. (1ª ed.). Lisboa: Editora Difel.

Anexo 1 :

Entrevista Alison Roberts (BBC, NPR). 8.05.2020 (Chamada videotelefônica)

1) Há quantos anos trabalha como correspondente? E como jornalista?

27 anos como correspondente, e antes trabalhava... foi com pausas, ... digamos 32 anos.

eu faço rádio

eles pagam-me na mesma mesmo quando a minha notícia não saiu porque outra coisa importante aconteceu no mundo.

2) Qual é a sua formação? Para que medias ja trabalhou e para quem trabalha atualmente?

Atualmente sou freelance e faço principalmente rádio. Trabalho para várias rádios, em língua inglesa, (britânica e norte-americana, portanto tanto estados unidos como canadá, de vezes em quando, pouco, e reino unido).

Teoricamente também faço televisão, mas na prática não porque não tenho equipa cá e não faço muito. O que faço as vezes, dependendo dos trabalhos, por acaso este ano nao fiz nenhum, mas pode acontecer a qualquer momento, é que como muitas televisões utilizam imagens das agências, e depois o correspondente faz e lê o texto que depois é passado com as imagens. E aparece na tv como se fosse a propria pessoa a faze tudo mas na verdade, nao estou a editar as imagens, posso é indicar quais as imagens é que quero que eles utilizem, mas faz mais sentido serem eles a fazer essa edição e é assim que se faz. Ultimamente não tem havido.

Trabalho BBC.

3) Já trabalhou noutros países enquanto correspondente?

Sim, na Alemanha.

4) Porque é que se encontra em Portugal, foi uma decisão própria ou foi um média que a enviou para cá?

Exatamente, estava a trabalhar na Alemanha para uma agência de notícias e vim para Portugal para aderir ao escritório dessa agência cá (agência para a qual já não trabalha). Depois saí e tornei me freelance.

5) Tem alguma especialização? (política, cultura...)

Tinha no sentido de que essa agência era principalmente de notícias financeiras, e antes de trabalhar na Alemanha para essa agência, trabalhava numa revista em Londres da área financeira também. Portanto eu já tinha essa facilidade, mas desde que me tornei freelance, já lá vão 20 anos, faço tudo, porque como correspondente freelance não dá para se especializar. Pode haver uns casos em que as pessoas conseguem, mas eu pelo menos, não consigo.

6) A sua zona de cobertura é Portugal inteiro? (Espanha por vezes?)

Sim, sim. Isso não tem a ver comigo, tem a ver com as notícias no mundo. Pode acontecer que um correspondente em Madrid venha a Lisboa, mas não o contrário (riso). Mas, por exemplo, lembro-me de um caso em que houve um incêndio em Espanha e em Portugal, e aí fiz os dois. mas porque havia tb em Portugal. Mas se eu trabalhasse em Espanha, não ia fazer uma coisa que se está a passar em lisboa, isso para o ouvinte não dá. Mas o contrário é verdade. Vários jornais britânicos tem tido correspondentes em madird que fazem cobertura de Portugal, teoricamente fazem, na prática não fazem. Têm o El pais, mas pronto. Pode acontecer no caso de brasileiros, eles fazerem a cobertura da europa, mas isso é porque Portugal e Brasil têm uma relação diferente (??).

7) Se tivesse de descrever um dia típico ou uma semana típica? quantos trabalhos faz por semana?

risos. Pode passar um mes em que não faço quase nada para BBC, e pode haver um dia em que faço quase 10 coisas para a BBC. Não faz sentido dar uma média nessas circunstâncias. Eu faço outras coisas, como vários outros colegas, por ex, eu faço tradução de notícias para a Agência Lusa, para inglês, faço outras traduções, faço várias coisas. Pode haver um mês em que faço mais isso porque não há muitas notícias em Portugal. Tb já escrevi guias turísticos sobre Portugal, Lisboa. Se tenho muitos trabalhos desses acabo por não oferecer tantas notícias, mas isso tem a ver comigo e a minha gestão do tempo e não com as notícias que acontecem em Portugal. é sempre um malabarismo entre as duas coisas e acho que os outros colegas tem um pouco essa situação tb.

8) Costuma trabalhar individualmente ou acontece ter de trabalhar com outro correspondente de cá?

Em termos de trabalho não, posso é cruzar-me com alguém e perguntar qualquer coisa, acabo por conhecer e pode haver uma troca de ideias, mas na prática não é muito útil diretamente, no meu trabalho.

9) Como descreveria o tipo de relação que tem com jornalistas portugueses, há relação, colaboração?

Sim, bom entendimento. Colaborar, não estou a ver. Não é que não possa fazer mas na prática, não faço. O que acontece muitas vezes é dentro da associação da imprensa estrangeira, funcionamos como uma redação, no sentido de se eu não tiver o contacto de uma instituição por ex, eu envio um mail de grupo "alguém sabe" e se calhar alguém vai responder. Em regra geral, as pessoas colaboram muito, mas isso é entre nós, porque temos o email de grupo e que estamos todos mais ou menos na mesma situação. Talvez porque os jornalistas portugueses fazem um trabalho um pouco diferente, têm uma visão diferente, que acabamos por não pedir. Mas conheço vários jornalistas e acho que a relação é sempre boa entre corresp e jornalistas portugueses, só que na vdd o nosso foco é diferente por isso na prática não colaboramos ativamente ou formalmente.

10) Nas suas notícias, recorre frequentemente ao testemunho da população no geral?

Muito sim.

11) Abordagem e contacto fácil?

Hoje em dia sim, antigamente não, quando cheguei cá as pessoas eram muito mais com o pé atrás "ah não sei" "não sei nada de política" e não queriam dar a opinião, eu notei uma grande diferença, e acho isso um fenómeno interessante até, que a crise do euro e da austeridade, fez com que as pessoas quisessem dar a sua opinião, e que tivessem uma opinião. isso acho que é das poucas coisas positivas que saíram dessa crise, porque notei diferença muito clara. tb tem a ver com a questão geracional, não vamos negar isso. A sociedade muda, as atitudes das pessoas mudam, mas notei nesses anos muito específicos uma mudança, e as pessoas queriam exprimir a sua opinião, e antigamente achavam que não queriam, não sei, tinham medo. dizia-se na altura que os portugueses no geral não tinham confiança nos outros e por isso não gostavam de exprimir a opinião, que era um

legado da ditadura. O que acho é que houve uma mudança, pode ter vários fatores, mas acho que a crise foi uma delas.

12) Mas acha que essa atitude de antes, mais defensiva, mais retraída, era sobretudo com os correspondentes e eram mais abertos com jornalistas locais, ou igual para ambos?

Não acho, o que acontecia, e isso tem a ver comigo, é que por causa dos meios ingleses quererem muitas vezes que nós procuremos citações ou gravações em inglês, porque sabem que é possível- mas isso eu nem sempre faço!- mas quando eu procurava, (evidentemente hoje em dia é mas fácil porque há mais gente que fala inglês), antigamente as pessoas diziam que falavam melhor francês, prefiro evidentemente português. Mas isso é uma questão geracional tb, porque os jovens hoje em dia falam muito mais facilmente inglês.

13) A mesma pergunta para as fontes governamentais de um lado, e fontes especializadas (académicos, profissionais)?

Sim, universitários não costuma ser complicado, é mais fácil. Identificar a pessoa e conseguir entrar diretamente em contacto com a pessoa, e não ter que passar por ??, às vezes nas universidades pode ser difícil se não temos o contacto tel. do indivíduo, isso é chato, acho que as instituições aqui muitas vezes, são muito burocráticas, põem obstáculos que se calhar não fazem muito sentido. as instituições governamentais tb têm um pouco disso, têm um pouco a tendência, de se um jornalista entrar em contacto e não for um contacto informal em que as pessoas se conhecem, dizem "ah não mas mande um email" ou então "não conseguimos dar essa informação hoje" ou "essa pessoa não esta disponível" quando realmente o jornalista precisa da coisa hoje e as vezes, muito urgentemente e não facilitam sempre. Mas pode haver a situação em que tem uma noticia que o governo quer que saia e que se faça cobertura e aí evidentemente ajudam mais, agilizam mais. No caso de falarmos diretamente por telemóvel com, por ex, assessores dos ministros que conhecemos pessoalmente, em principio é mais fácil, mas tb depende... a pessoa pode não atender o tel, e provavelmente muitas vezes (as fontes governamentais) dao prioridade aos jornalistas portugueses porque fazem parte do jogo politico interno, isso acontece em todos os países, entende-se, mas às vezes esquecem-se que têm que servir tb os medias estrangeiros porque faz parte de ser governo e de tratar da imagem do país. pode ser uma falta de organização tb, dos meios serem limitados. Um país maior

tem mais recursos para lidar com jornalistas estrangeiros, por ex a Alemanha tem toda uma estrutura em que há pessoas que tratam disso, em Portugal é tudo muito mais em cima do joelho, eu tenho essa impressão às vezes, em termos de assessores. Quando não está com o ministro não pode atender o telefone, por isso não atende... é a maneira como as coisas estão organizadas cá e como digo acho que tem tb a ver com o facto de ser um país mais pequeno, as coisas às vezes são mais burocráticas, mas tb as vezes são mais informais.

14) Acontece essas fontes gov. entrarem em contacto com vocês correspondentes no intuito de divulgar uma informação?

Não, comigo não. Não é que não possa acontecer com todos, por exemplo uma agência noticiosa com uma informação financeiramente sensível, imagino que possa ser um contacto muito mais regular. O tipo de cobertura que eu faço, muitas vezes, não é tanto sobre o que o governo anunciou, mais plutôt, “qual é o eco no país” ou “qual é a reação das pessoas”, ou vou para a rua fazer um vox pop, é isso que os meus meios querem porque não conseguem isso das agências, eles querem de mim coisas que não conseguem das agências. portanto não me pedem coisas como o que o governo anunciou ou um programa que tenho feito. querem outras coisas de mim que não simplesmente eu a falar com o governo, isso é muito básico.

15) Quais são as fontes então que mais usa?

Varia, varia. Evidentemente que eu também leio muito a imprensa portuguesa, os media portugueses são uma fonte muito importante para mim, também porque eles próprios podem ser a notícia. Imagina que todos os jornais portugueses fazem críticas a um ministro, isso faz parte do que eu relato, porque houve uma reação. Eu não escrevo uma crítica do governo, eu escrevo que há, no país, uma crítica ao governo. Os próprios meios, às vezes, fazem parte do meu relato.

16) As pessoas com quem fala têm atitude/interpretação diferente consoante falam com correspondentes ou jornalistas locais? Abordagem diferente?

Às vezes, é útil para nós que eles façam isso. porque é preciso um olhar diferente, do qual nós estamos à procura. E nem todos os académicos por ex conseguem fazer isso, porque às vezes estão demasiado dentro do assunto e da realidade do país... Ou então pode ser o contrário, um académico fala no geral sobre a Europa, mas isso não queremos porque não

estamos a fazer reportagem sobre a europa, os nossos colegas em Bruxelas é que fazem isso.

Em geral, em Portugal há essa realidade de distanciamento porque sabem que estão a falar com um correspondente. Vamos supor que um académico que realmente tem uma visão mais abrangente do mundo, ele fala com o correspondente e dá essa visão alargada do mundo. Mas eu não estou minimamente interessada em ouvir a opinião dele sobre o mundo, eu quero saber a visão dele sobre Portugal. Isso já me aconteceu muitas vezes, mas eu correspondente não quero saber o que o interlocutor pensa sobre a China, porque a notícia vai sair na China. Um jornal português pode querer saber disso, mas eu não consigo vender isso para ninguém. Eu escrevo sobre o que um português disse e acha de Portugal, e eventualmente em relação com a China, mas o que ele acha sobre a China, não consigo vender isso. um colega meu em Londres se calhar podia, porque ele fala com pessoas em vários países, sobre a China, mas eu como correspondente, não consigo, e às vezes as pessoas têm dificuldade em perceber isso, perceber o que estamos à procura, não tem propriamente dito com a capacidade de um português de ter uma visão mais ampla, porque o que nós precisamos às vezes, não é uma crítica mais ampla. o que precisamos é a visão de uma pessoa que está dentro de uma realidade local.

17) Então os seus interlocutores acabam por ter uma atitude diferente consigo porque é uma correspondente e não é uma jornalista local?

Exatamente, às vezes têm e não é útil. Sim, mas não é particularmente útil.

18) De uma forma geral, como nasce a ideia para uma notícia? Escolha é sua? Editores sugerem um tema?

Mais vezes sou eu. Primeiro pq, já que quase não há correspondentes em Portugal, eles não têm muitas fontes de informação. Ex: em França, há enorme produção de notícias sobre França, e sobre Espanha tb, e eles veem isso, e acham que mais coisas se passam em Espanha e França como consequência. Em Portugal, nenhum jornal britânico tem correspondente cá, exceto Financial Times, então eles não leem artigos todos os dias do correspondente em Portugal. Isso dificulta porque às vezes é mais difícil vender uma ideia, mas como consequência sou mais eu a oferecer temas que eles a pedi-los. Mas acontece tb porque vêm coisas nas agências, ou então eu já disse “alguma coisa vai acontecer na segunda-feira que vem”, eles têm uma agenda onde isso está escrito e aí eles

vêm, estão bem organizados, eles veem “ah amanhã nós vamos querer isso”, “hoje à noite já queremos alguma coisa sobre o que se vai passar amanhã”.

19) Com que frequência é que as suas propostas não são aceites pelos editores?

Várias vezes, estou sempre a fazer propostas e a maior parte não aceitam. Mas mais uma vez, não faz muito sentido dar uma média porque eu estando muito ocupada a fazer outras coisas não ofereço coisas (temas, disponibilidade para notícias, ideias, sugestões). Portanto não faz muito sentido dizer a proporção. Eu ofereço mais energicamente quando realmente quero fazer o trabalho (risos). Obviamente se uma coisa é importante eu vou oferecer, mesmo se estiver ocupada.

20) Acontece tb que os seus editores lhe proponham um tema ou peçam uma notícia e a Alison acha que não é importante/interessante, e então recusa?

Não. Se eu acho que eles não entenderam bem a situação, e que estão a pedir uma coisa que não faz sentido, eu digo-lhes. Não é muito comum, até porque eles não pedem muito frequentemente. Eu é que ofereço mais, e quando eles pedem normalmente faz sentido. Por ex, na semana passada tive um pedido para uma coisa na quarta-feira, que na verdade já se tinha passado na segunda-feira, eles é que tinham escrito mal na agenda. Mas normalmente quando eles pedem é porque é uma coisa realmente muito importante e é mais uma questão de timing (pode haver desencontros é na questão do timing), eles querem agora e não ao fim do dia, e eu estava a pensar oferecer ao fim do dia, mas eles querem agora.

21) Onde e como lhe surgem as ideias para fazer a notícia (observação, redes sociais, medias locais, alguém sugeriu, conversa com outros correspondentes...)?

Quando tenho ideias que surgem numa conversa ou de uma coisa que eu vi, é mais para os *features* [soube pelo correspondente João Carlos que é uma espécie de reportagem, é uma peça mais longa]. Não vai ser tanto para uma notícia pura e dura. Notícia, notícia, só se for um terramoto que eu testemunho na rua. Aquelas que eu normalmente consigo oferecer são um anúncio... coisas que também passam nos média locais. Às vezes recebo avisos por mail de coisas que podem acontecer, que vai acontecer, dos sindicatos, dos partidos, de várias associações ou org não-gov, eu e os outros correspondentes recebemos muito essas informações também, diretamente dos grupos e de campanhas...

22) E baseia-se muito no que os media locais noticiam, para fazer as suas próprias notícias?

Basear não, é mais um alerta. Alerta-me que alguma coisa está a acontecer, ou que vai acontecer, ou que pode acontecer. Abro o Público e diz “a votação de tal proposta é para quinta-feira”, e aí fico atenta, ponho na agenda e já estou preparada no dia certo, já estudei um pouco o tema, eventualmente falei com pessoas e aí estou preparada para oferecer qualquer coisa no dia. Se for eutanásia por exemplo, nessa altura, durante o debate sobre o assunto, houve vários eventos a que eu fui convidada, como jornalista, fui falar com as pessoas e no dia do debate e da votação eu estava preparada para fazer, e antes tb já tinha feito alguns trabalhos sobre o assunto.

23) Quais são os media locais que mais consulta, ou que mais gosta, a título pessoal?

Lusa, até porque trabalho para a Lusa, então estou muito dentro da Lusa, vejo o tempo todo o que está a ser feito na Lusa, portanto tenho uma noção da produção que é a base das notícias de todos os meios deste país. A lusa fornece uma proporção bastante alta do que sai nos media portugueses. Leio o Público bastante, vejo os telejornais, vejo alguns outros programas. Por ex, Prós e Contras não vejo todas as semanas, para mim não tem síntese suficiente para ser útil para mim, às vezes é interessante ver mas é mais por interesse pessoal, Tsf oiço de vez em quando, mas não aguento as publicidades, Antena 1 oiço de manhã com bastante regularidade, para ver como é que os meios portugueses estão a preparar o dia. Eu como correspondente preciso tb de saber o que as pessoas estão a ouvir e a ver. Tb podia ver o Correio da Manhã de vez em quando, mas é raro eu encontrar alguma coisa aí que não está noutros sítios e que eu posso usar.

24) O facto de trabalhar para rádio condiciona a forma como escolha aquilo que vai noticiar? Trabalhava da mesma maneira, noticiava as mesmas coisas se trabalhasse para a imprensa ou televisão?

Acho que não condiciona os assuntos, condiciona o conteúdo, porque tenho que pensar imediatamente... bem, numa notícia simples, não. podia ser para imprensa também. mas se for uma peça maior, tenho sempre que pensar onde vou buscar som, qual som vai dar vida, transmitir a ideia desse assunto. E também, se tiver que falar com alguém, preferia que fosse em inglês, se não for em inglês, tenho que ver como faço para tornar a peça mais viva mesmo sem que se oiça a pessoa a falar diretamente, porque gostamos sempre

de ouvir a voz da pessoa. Se for uma peça em que há mistura de sons, como é que vou fazer... Portanto há um aspeto técnico que não acontece com imprensa escrita.

25) Mas não condiciona na seleção/escolha dos temas a noticiar?

Não, condiciona apenas no sentido em que. Neste tempo não porque estamos todos confinados em casa (pandemia coronavírus) e também porque só há procura para notícias e não para features. Mas em tempos normais, eu gostaria de sair mais, viajar pelo país, e fazer features. Só que isso custa dinheiro, e é raro as rádios pagarem essas saídas, então eu gostaria de fazer, mas tenho sempre que fazer contas, para saber como é que vou justificar essa despesa, se vou fazer esse trabalho para vários meios e se consigo sustentar os custos, é todo um cálculo que não é preciso fazer... (???) ficando em casa e escrevendo o que um académico disse... é outra questão, eu nunca posso fazer uma entrevista por telefone para a minha peça de rádio. Agora podia! porque o ouvinte sabe que estamos confinados em casa, mas em tempo normal nunca poderia fazer isso. O correspondente não pode fazer isso, o programa de rádio em si, em Londres, pode fazer, porque faz sentido, está lá e está a telefonar a alguém num país... Agora eu como correspondente eu estou cá precisamente para falar com as pessoas, em pessoa. O som tem que ser de qualidade e eu tenho que estar no sítio e com a pessoa. Não posso fazer uma entrevista ao telefone e depois inserir na minha peça, isso não teria lógica. Tenho sempre que estar no sítio. Isso às vezes complica, e torna alguns trabalhos impossíveis, porque não vale a pena serem feitos sem terem esse aspeto e se não o posso fazer nesse dia porque estou ocupada com outras coisas ou estou demasiado longe etc., então não o posso fazer, ou então tenho que fazer uma coisa mais simples. Isso não acontece só com os correspondentes, mas tb com qualquer jornalista que faça rádio.

26) Tem preferência em tratar alguns temas específicos? ou tenta não se deixar influenciar pelos seus interesses?

Tenho certa facilidade em fazer temas relacionados com economia e finanças, porque tenho experiência nessa área, mas não é necessariamente a área que eu prefiro. Gosto de fazer coisas que têm a ver com sociedade, até porque não tenho muita oportunidade de as fazer, porque são trabalhos mais aprofundados, levam tempo, não são trabalhos de dois minutos, são coisas que tenho que planear e fazer com mais cuidado, dá mais gosto.

27) Mas faz por vezes reportagens também ou sempre notícias?

Quando faço features é uma reportagem, é um feature em que tu vais a um sítio e às vezes pode levar uma semana ou mais para fazer, marco com várias pessoas, penso como digo, como vou apanhar os sons para ilustrar o sítio onde estou, pode haver várias cenas diferentes que depois monto, eu faço tudo isso. Quando consigo oferecer e ter essa ideia, sim, faço.

28) Diria que a noção de atualidade é tão importante para os correspondentes do que para os jornalistas da redação? Todos os seus temas têm que ser atuais, ou por ser correspondente pode tratar temas que não tem temporalidade?

Não, tem que ter sempre um “gancho”, pode haver um assunto interessante sobre a sociedade portuguesa, mas normalmente tem que ter um gancho temporal, ou seja, porque é que estamos a fazer isso agora? pode ser um assunto super interessante, mas tem que haver um motivo, porque é que está a sair esta semana, agora, por exemplo, vamos supor que os portugueses já não vão à igreja, já não acreditam em Deus, o gancho podia ser 3 de maio... é uma ideia, tem que haver um motivo, porque e que estou a fazer agora. E acho que isso é se calhar ainda mais válido para os correspondentes do que para outros jornalistas, porque por ex, o jornalista no seu próprio país muitas vezes especializa-se, em futebol, em sociedade... e muitas vezes consegue fazer um trabalho e muitas vezes a justificação é porque ele é jornalista especializado em sociedade e por isso é que está a tratar o assunto. Mas eu, tenho que justificar porque é que estou a fazer isto e não outra coisa noutra área. Tem que haver um gancho temporal, quase quase sempre. Muitas vezes tenho até ideia e material que eu quero usar, mas não consigo usar enquanto não tenho esse gancho e aí vou à procura... alguma coisa? alguma coisa está a ser discutida no Parlamento? alguma manifestação? para eu poder falar do assunto.

29) Isso quer dizer que acontece que recolha material e fale com pessoas sem saber, sem ter ainda feito a proposta da notícia?

Sim, sim, é verdade, se eu acho que é uma coisa que tem pés (para andar) e que tem alta probabilidade de ser aceite, e acho que há gancho (??), então faço isso. Ou então, às vezes porque há uma visita organizada por jornalistas e eu consigo material que acho que vai ser útil, muitas vezes na área da economia, faço entrevista a empresas, muitas vezes

interessante, mas eu não consigo simplesmente fazer um trabalho sobre uma empresa. Um jornal português conseguia fazer isso, eu não. Mas entrevisto e apanho sons, e depois se houver um momento em que vou fazer algo sobre a economia portuguesa e que esse setor é relevante, ou a empresa é um bom exemplo de qualquer coisa, eu posso usar. Agora, eu não vou gastar dinheiro se não tenho uma proposta aceite. Mas posso eventualmente buscar sons que acho que podem ser úteis.

30) O facto de conhecer Portugal cada vez melhor, muda a forma como trabalha?

Sim, sim, acredito que um correspondente que esteja cá há pouco tempo terá um olhar novo e fresco sobre os acontecimentos cá. É difícil isso. É principalmente negativo o decorrer do tempo, o facto de estar cá há muitos anos. Viver cá há 20 anos é ótimo para escrever um livro, mas para ser correspondente, torna a coisa mais difícil, porque a pessoa tem que fazer sempre um esforço para ver com os olhos de quem está fora. Isso tens que fazer sempre não é, nós contamos coisas a alguém que se calhar nem sequer sabe onde está Portugal. Isso não acontece com os colegas espanhóis, obviamente. Mas eu, se eu fizer alguma coisa para o World Service da BBC, tenho um ouvinte na Malásia, que não sabe muito bem onde é Portugal. Eu não falo só com pessoas que sabem muito sobre o mundo, pode ser alguém que não sabe muito sobre a europa, ou Portugal. Portanto temos sempre de partir do princípio de que o ouvinte é uma pessoa, pode ser inteligente, pode até ser uma pessoa informada, mas não podemos presumir muita coisa, que ele saiba muita coisa sobre Portugal especificamente, o que é difícil quando se faz uma notícia de 30 segundos sobre um país (risos).

31) Um relatório da agência Reuter, 2010, Sambrook, aborda a questão do interesse do público pela atualidade estrangeira, explica que até agora, a cobertura internacional sempre seguiu os interesses dos governos, com questões comerciais, questões relacionadas com conflitos, etc. Sambrook continua dizendo que deveria haver maior interesse pelos temas relacionados com a vida quotidiana das pessoas, mais relatos próximos das pessoas, que comuniquem os seus testemunhos.

Até que ponto se considera representante dos interesses do seu país?

Tem sempre em mente, quando faz notícias, que está a escrever para uma população inglesa, o que é que os ingleses queriam saber da atualidade portuguesa...

Sim, sim. Se eu fizer uma coisa para um meio que precisamente limita-se ao Reino-Unido, não é representar os interesses, mas pensar o que é que interessa a essas pessoas. Não é interesses no sentido de interesses financeiros. interesse e interesse coisas diferentes. Uma pessoa pode achar uma coisa interessante, mas não ter nenhum interesse financeiro ou de outra natureza, pode ser curiosidade. Antigamente, há 25, 30 anos, sobre Portugal, era muito à base de Portugal: país de praias e burros (o animal), ou então: país que já não é só país de praias e burros. Ou seja, era um tipo de artigo ou outro tipo, o oposto. As ideias que as pessoas têm de um país são muitas vezes limitadas, e os jornalistas tendem a vender o seu país na base disso. Ou seja, ou Portugal continua com carroças e praias lindas; ou então, já não é assim, já é muito diferente. Espelha um pouco um esforço do jornalista para tentar chamar a atenção ao leitor (???). Acho que não tem nada a ver com interesses governamentais, é um jornalista que tenta atrair a atenção de um editor (risos) e não consegue fazer isso sem, não é ajustar a informação, mas realçar certa informação porque senão o editor nem se vai interessar. No meu caso, no caso da World service da BBC, literalmente, se eu uso a palavra “britânicos”, eles não estão minimamente interessados, não querem nada que tem a ver com britânicos. Se eu digo “ah são os britânicos que...” eles “não não não, nós não queremos isso...”. É a melhor maneira de não vender um trabalho para eles. Portanto tem que ser mesmo sobre Portugal, para uma audiência mundial (esta é uma exceção, porque essa rádio tem uma audiência espalhada pelo mundo). Mas, por ex, quando ofereço um trabalho para a rádio norte-americana, a verdade é que eles têm relativamente pouco interesse em Portugal, estão mais interessados quando são assuntos que têm a ver com segurança (de defesa, e isso), eventualmente assuntos europeias mas só quando Portugal exemplifica uma tendência mais europeia. E sim é verdade, eu tenho que ajustar o que ofereço consoante o meio, o país do meio. Isso acontece, é evidente. É muito diferente oferecer assuntos a um meio espanhol e a um meio norte-americano, tem nada a ver um com o outro. Sim, o correspondente tem que pensar o que é que vai interessar os leitores desse jornal, e isso varia de país em país. Por ex, se for um jornal britânico, muitos britânicos fazem férias em Portugal, portanto se houver alguma coisa que afeta a situação no Algarve, pode ter interesse para os britânicos e não tem para os americanos, os americanos não vão em regra geral de férias para o Algarve. A palavra Algarve não é toca um sino na cabeça de um americano, mas faz isso para um inglês. Para fazer entender o que se passa num país, tenho que usar outros assuntos, outras palavras para meios e audiências diferentes.

32) Há pouco, dizia que antigamente havia duas narrativas (praias e burros/ ou o país já não é isso). Quero saber se o correspondente, tendo essa noção de que as pessoas no estrangeiro podem não ter tanto conhecimento sobre Portugal, vai tentar encaixar as suas notícias nas ideias/narrativas vigentes no país estrangeiro para o qual corresponde/ ou se tenta, não complexificar, mas sair do estereótipo.

Posso utilizar o estereótipo, mas convém não utilizar de uma maneira tão básica como eu descrevi, com burros e praias. Podia-se dizer “muita gente acha isso, mas na verdade a situação é muito mais complexa.”. É pegar no que o nosso público sabe, pode saber, e utilizar isso para informar sobre outras coisas. Ou então, no caso dos colegas espanhóis, podia se dizer “Espanha é assim, mas Portugal é completamente diferente, por estas razões.”. Por ex, vamos dizer que os espanhóis são muito gregários e falam alto, os portugueses não são bem assim. Aproveitando a imagem que as pessoas têm de uma nação para falar sobre uma outra nação. Mas sempre tentando aproveitar o que as pessoas eventualmente sabem, para dar-lhes outra informação, ou mais informação.

33) No geral considera que profissão de correspondente esta a passar por uma crise? (desenvolvimento dos meios tecnológicos, possibilidades que a Internet oferece...)

Acho que em termos de correspondentes especificamente, a crise chegou há mt mais tempo. Há mt mais tempo mesmo, porque há 20 anos ainda havia correspondentes, por exemplo, os jornais britânicos, que eu conheço melhor, tinham correspondentes espalhados pela europa, agora quase não há corresp nenhum nos jornais. Os jornais não têm correspondentes, ponto. Isso mudou completamente a informação que as pessoas no seu país têm sobre o mundo. Porque diariamente liam coisas sobre outros países e de repente ou não leem nada ou leem informação que vem sempre de um leque muito mais estreito de fontes, que são basicamente as agências. Só que o que os próprios jornalistas muitas vezes não sabem, é que as próprias agências cortaram imenso nas redações. Várias agências tinham várias pessoas em Lisboa, por ex, e agra só têm uma pessoa. A Associated Press tinha 3 pessoas quando eu cheguei aqui, e agora tem 1. Que faz também Espanha. Esta ca em Lisboa, mas faz mais sobre Espanha. Por causa dos cortes. Portanto é um processo todo que afetou não só a nós correspondentes, mas à informação que as pessoas têm. Evidentemente que agr eles têm muita informação de outras fontes, online, mas como sabemos não é uma info estruturada e facilmente identificável como antigamente. E é mais difícil para as pessoas fazerem uma triagem. Em termos da vida

dos correspondentes, desde há 20 anos que a maior parte dos correspondentes são freelance. O que veio agora não mudou isso. Mudou o modelo de negócio dos media no geral, mas para os correspondentes acho que não há diferença. Até quando as agências têm menos gente, dá-me mais oportunidades a mim, porque posso oferecer coisas que eles já não podem oferecer. Teoricamente. Mas pronto antigamente havia fotógrafos, agora já não há porque toda a gente tira fotografias.

34) Algum tipo de concorrente que pode vir substituir o trabalho do correspondente?

A internet não está a fazer concorrência a mim, mas ao meio (ao média?). Não é exatamente a mesma coisa. Ou seja, no caso da rádio por ex, acho que a rádio por acaso é a área mais protegida para os correspondentes porque para fazer rádio (que não seja simplesmente um apresentador de programa a falar), tem que ter uma pessoa no terreno, se não não existe não é. Não existe o som. O som tem que ser gravado. Até a tv funciona sem correspondentes, porque as agências enviam imagens e as pessoas depois em Londres podem utilizar, fazem o texto e leem e pronto. A maior parte das televisões faz isso. As tv portuguesas fazem isso. Quando há muitas eças internacionais, basicamente são imagens de agência que depois a redação comenta, faz o texto por cima. E as vezes os resultados são ótimos, há peças ótimas. Mas é diferente de ter alguém lá a falar.

35) Mas poderia acontecer o mesmo em rádio? As agências enviam o som e as redações apropriam-nos?

Mas não fazem. Não é um negócio muito lucrativo na verdade (risos). As agências até fornecem áudio, eu acredito que isso exista. Mas não adiciona nada. Porque por ex, a BBC, as vezes eles têm o som de um evento, porque foi filmado. Por ex houve uma cimeira, eu fui e fiz um trabalho sobre o assunto. Eu gravei. Mas a BBC já tem a gravação porque tem o feed da Eurovisão, ou da Reuters, e eles dizem “ah já temos o som aqui, podes fazer o teu texto e nós inserimos”. Mas o som é um produto lateral do processo televisivo. Não existe um serviço de rádio, porque a questão é a voz da pessoa que está no terreno, essa é a parte que falta. E na rádio é ainda mais importante, na tv não é tao importante. Tens as imagens. Na rádio o som é a única coisa que existe. O som é a base. Na tv a base são as imagens.

Anexo 2 :

Entrevista Leonardo Monteiro (TV Globo). (Sede da SIC).

Autonomia na seleção das notícias? Nenhuma. Tudo passa pela aprovação da minha chefia no Brasil.

1) Mas pode sugerir?

Essa é a minha vida.

2) Um pouco como correspondentes freelance: sugere e o tema é aprovado ou não?

Nesse aspeto é parecido sim. Mas as justificações não são financeiras, são de interesse ou de espaço. E de preconceito. Por vezes são os editores que sugerem, os dois casos existem, mas no caso de Portugal, (para o Brasil) a demanda é quase inexistente.

3) Há quanto tempo trabalha na área de jornalismo e enquanto correspondente?

Sou formado desde 2010. Trabalho com jornalismo diário, factual, como repórter há 10 anos. Comecei no Rio de Janeiro na rádio, a segunda onde estive já era do grupo Globo, e só em 2013-14 é que migrei para a área da televisão. Antes fui repórter essencialmente de rádio, também fazia repórter de helicóptero para fazer o trânsito, enfim, voava todos os dias e depois acabei por ir para a televisão. O meu início na televisão já não foi no jornalismo diário, fui para a parte de entretenimento onde faziam as novelas da Globo, era roteirista, guionista de programas de entretenimento da casa.

Saí do jornalismo diário e fui para programa de entretenimento. Só em 2015, quando vim fazer o mestrado em Portugal, pedi para sair da TV Globo. Em janeiro 2016 a Globo decidiu tirar o correspondente que existia aqui e mandá-lo de volta para o Brasil. O mais comum é a Globo promover uma pessoa que esteja no Brasil para ir para o exterior e ficar por um período, que varia entre 2 e 4 anos. Ou seja, você tem uma promoção e vai para o escritório de Londres, fica dois-três anos, volta para a Globo do Rio, de São Paulo.. Chegou a hora do correspondente de Portugal voltar para o Brasil, e eu já estava aqui, sem nenhuma pretensão de voltar para a TV Globo porque eu era estudante de mestrado. Vim fazer o mestrado para depois voltar para o Brasil. E aí soube da notícia de que essa

pessoa o André ia voltar para o Brasil, e a Globo não ia botar ninguém no lugar dele. Ninguém. Fiquei muito triste, a TV Globo não está a dar mais importância... Tinha as suas justificações, financeiras, de produção do último correspondente, que não correspondeu tanto... Temos muitas pessoas em Londres então qualquer emergência alguém ia viajar para cá... Brasil passava por uma crise... Em março 2016 (a Globo sabia que eu estava em Portugal) o meu telefone toca e era a Globo dizendo que tinham prendido uma pessoa da Lava Jato em Portugal. Era a primeira fase internacional da operação Lava Jato, caça aos corruptos, principal operação policial no Brasil atualmente, e a Globo não tinha ninguém em Portugal. E não tinha ninguém para viajar ao ponto de acompanhar a operação, a polícia, os procuradores que viajavam do Brasil para cá... Perguntaram-me se eu queria fazer para eles, se tinha equipamento, essas coisas assim. Eu sempre aprendi na minha profissional, com os meus chefes, que chefe não quer problema, chefe quer solução. Evidentemente eu não tinha equipamento, não tinha nada.. Mas eu disse “Deixa comigo que eu resolvo”.

Fiz essa primeira cobertura, com entrevistas exclusivas, imagens que só nós tínhamos...

Para resumir, depois dessa primeira grande estreia, como eu tinha percebido as razões da Globo para não manter um correspondente em Portugal, percebi que o movimento não viria de lá para cá, mas teria que vir daqui para lá. Então durante uma semana comprei todos os jornais portugueses, li tudo, escrevi 50 sugestões de “pauta” como chamamos, de reportagens sobre Portugal que poderia fazer. 90% delas frias, como a gente diz, poderia fazê-las em qualquer momento, não eram datadas. Mandeí isso para um dos chefes que adorou, eu tinha feito um verdadeiro trabalho de casa. Convenci-lhes que valia a pena ter um correspondente novamente em Portugal.

Acho que essa frase que lhes disse “vale a pena ter um correspondente em Portugal” ainda me persegue todos os dias. Porque eu não descanso, eu não posso descansar, porque eles têm motivos suficientes para não ter ninguém aqui.

4) Nunca trabalhou como correspondente noutros países?

Não não. Só em Portugal, mas viajo muitas vezes como enviado especial para algumas coberturas. Cabo Verde é uma área teoricamente minha, a nossa correspondente de Madrid ficou grávida e voltou para o Brasil. Temos alguns freelancers em Espanha, mas se for preciso algo mais robusta e emergencial, eu já fui para Espanha fazer um programa sobre turismofobia, um movimento crescente na Europa, Barcelona é mt forte nisso.

Viajei para Barcelona para fazer esse programa, apesar de não ser uma notícia factual. Mas nos atentados da Rambla em 2017 eu estava trabalhando em Portugal e fui chamado urgentemente, viajei para Barcelona.

5) E foi a outros países sem ligação direta com Portugal, por exemplo no norte da Europa?

França há trabalho, Espanha, Itália (mas porque a correspondente estava de férias), e Cabo Verde.

6) Tem alguma especialização? Política, social...?

Não, gosto de fazer... rua. Para mim, o correspondente tem que estar na rua, não pode estar no escritório. Em qualquer área. Se for fazer matéria política sobre Portugal, não vou fazer sentado ali. Vou encontrar um especialista, vou à Assembleia. Acho que correspondente tem que estar na rua, essa é minha origem. Eu fazia sociedade no Brasil, então era subir moro todo o dia, favela, operação policial, acidente, praia. Enfim, sociedade varia muito, faz desde festival de fato e gravata a operação policial em que tem que botar um colete à prova de bala.

Lá eu era só mais um (reporter de sociedade). Aqui eu sou o único, representante do jornalismo da info da TV Globo. Responsabilidade mt maior, sou o porta voz de Portugal para a comunidade brasileira. Peso mt grande.

7) No que consiste um dia típico/semana? Trabalha oficialmente para a TV Globo, há alguma regularidade nos trabalhos?

Daquelas 50 sugestões, eu não fiz nenhuma até hoje. O que ficou combinado com os meus chefes é que vamos avaliando o mês. Se eu perceber que o mês está muito fraco e que não acontece nada, começo a abrir mão e faço aquelas reportagens frias. Tenho lá em minha casa um painel em que escrevo as sugestões que vou lendo e escrevo “ah vistos gold”. Por exemplo, o programa Regressar, aquela questão do imposto e dos migrantes... Isso é uma coisa que o brasileiro, vale a pena entender. Tenho uma coisa que quero fazer agora no inverno, o facto de Portugal ter as casas mais frias, apesar de não ser o país em que o inverno é o mais rigoroso, há um problema de aquecimento. Os portugueses são os que sentem mais frio dentro de casa, quem ia pensar nisso... São reportagens que vou vendo em outros lugares, temas que vou pescando dali, dali... Aí temos que avaliar se aquilo

encaixa ou não, se é aquilo que a TV Globo quer, aquilo que o telespetador quer, e ... se é aquilo que o meu chefe quer (risos).

8) Viaja muito dentro de Portugal?

A maioria faço em Lisboa, mas isso não é um impeditivo de trabalho, porque de facto as coisas acontecem mais aqui. Mas acontece viajar, para alguns programas. A parte de informação da TV Globo (a TV Globo News) é dividida em essencialmente dois setores: jornais e programas. A organização da Globo News é: equipa de jornais, que bota jornal de hora em hora, e equipa de programas. Nos jornais é algo de fatural, claro eu viajei para Pedrógão. Fui a Tires, onde um brasileiro apareceu morto... E programas, é algo mais pensado. Por ex o programa Sem Fronteiras, que é feito pelos correspondentes, um tema só e 30min. Turismofobia. Viajei para Barcelona, lá nasceu o movimento, e depois Portugal, onde está a bombar o movimento, vamos ver como está o movimento turismofobia, quase essencialmente em Lisboa.

Existe um programa chamado Mundo SA, que destaca empresas inovadoras. Eles dão o tema e eu tenho que procurar empresas que tenham a ver, assim já viajei para vários lugares, fiz uma que era cuidados com bebés, coisas naturais, então fui para o Porto entrevistar uma empresa chamada Natura Pura que só faz roupa para bebés sem tinta, sem corantes, sem nada. Tb já fui ao Porto fazer um spa para bebés, os bebezinhos ficam em água... Mas tb já fui ao Algarve, Loulé, fazer um francês que faz sabonetes com azeite. Ou seja, as coisas inovadoras que não estão em Lisboa, isso não impede de a gente viajar, até porque o país é pequeno, carro, comboio...

9) Colabora com jornalistas portugueses? Qual é a sua relação com os jornalistas locais?

No meu caso há até uma relação institucional, porque a SIC e a Globo têm uma relação muito próxima (ele é correspondente para a TV Globo e jornalista para a SIC). Quem desenhou o logo da Sic foi o mesmo que o fez para a Globo. A SIC foi toda pensada no modelo que a Globo já tinha (Globo existe desde 1965, a SIC foi criada em 1992). O Balsemão e o Roberto Marim (que já faleceu, dono da Globo), foram amigos. Se vir o tal hino da SIC, que tem uns 3min, são misturas de genéricos da Globo, o clip da SIC foi montado com genéricos da Globo. Todo o grafismo, toda a grelha da SIC inicial, eram com programas da Globo, até hoje tem novelas da Globo na SIC. Ou seja, há uma parceria institucional mt forte.

Enquanto representante da Globo, se eu pedir uma ajuda à SIC, ela acontece.

10) Por ex, quando viaja para outras cidades para as suas reportagens, vai com jornalistas portugueses?

Não, não porque isso é independente. Falamos a mesma língua, Portugal tem uma relação com o Brasil muito forte, e depois mais logo posso explicar que a recíproca não é verdadeira, em termos de media (jornalismo). Gosto sempre de dizer que se assistires a um telejornal português, quase de certeza que vais ter uma peça sobre o Brasil, o inverso é raro.

Voltando à relação com os jornalistas portugueses, para uma entrevista ou reportagens normais, não, não preciso do auxílio dos meus colegas portugueses.

11) Se precisasse, a relação seria eficaz?

Acho que sim, mas acho que essa relação é pouco construída, porque nem mesmo entre os correspondentes a gente tem uma relação...diária. O correspondente dificilmente faz algo que o jornalista português faz no dia à dia. É muito raro. Posso citar um exemplo da última vez em que todo o mundo se encontrou porque era um evento datado, marcado, foi quando a Greta Thunberg veio aí sim estavam todos os correspondentes e os media portugueses também.

Se eu não estivesse aqui na SIC, provavelmente eu nem saberia quem era quem na rua... (fala dos jornalistas portugueses).

12) Deve ser o correspondente em Lisboa que tem a relação mais próxima com jornalistas portugueses?

Eu acho que sim. E apesar da SIC e da Globo terem uma grande relação, a minha vinda para cá não teve nada a ver com a Globo, teve a ver com o mestrado. Eu escolhi relatório de estágio para justamente conhecer uma televisão portuguesa. Depois descobri que o ministério da educação brasileiro só reconhecia mestrados com tese, então tive que fazer um esquema na minha faculdade de preencher o formulário de estágio, vir fazer o estágio, e assim que eu estivesse aqui eu mudava na minha faculdade para tese e deu certo, quando me mudei para tese ninguém aqui (SIC) me mandou embora até me contratarem.

Com os outros correspondentes, é claro eu já liguei para a Begónia, uma correspondente espanhola, já precisei da ajuda dela. Acho que vem muito a questão da nacionalidade (na

relação entre correspondentes). A minha melhor amiga cá trabalha para a Folha de São Paulo, é a Juliana Miranda, a vice-presidente da AIEP (assoc de imprensa estrangeira em Portugal).

13) Trabalham juntos às vezes?

Isso é uma coisa mais de relação pessoal, porque a Folha de São Paulo e TV Globo são concorrentes. Não há relação profissional, mas pessoal sim. Se eu ligar para a Juliana a pedir um contacto ela claro dá-me o contacto. “Já estou caçando um brasileiro que esteja a perder emprego por causa da pandemia. Já fizeste reportagem disso, conhece alguém?” sim nesse sentido ajudamo-nos, isso é... a gente chama isso de Globalha, Globo com Folha. mas é uma questão pessoal e de amizade, lá no Brasil os jornalistas desses dois médias provavelmente não têm relação. Mas há essa proximidade, e a gente vai desenvolvendo isso porquê... Um ministro do Brasil que venha a Portugal, isso não interessa aos medias portuguesas, nem aos media franceses, nem aos espanhóis. Interessa aos brasileiros, então nesse serviço eu vou encontrar os correspondentes brasileiros. Sou eu da Globo, a Juliana da Folha, o Estadão trabalha com um freelancer, o jornal Globo (que é do mesmo grupo), o correspondente está no Porto, é o Gian (?). Ou seja, esse grupinho brasileiro conhece-se. Presença de ex-presidentes, ministros, fóruns, jantares, premiações, o Chico Buarque ia ganhar o prémio Camões se não fosse a pandemia, hoje é 25 de abril, eles tinham escolhido essa data. Claro que o prémio Camões e o Chico Buarque atraem a imprensa toda, mas pelo menos a imprensa francesa não ia estar. A associação tenta fazer essa aproximação com encontros, jantares, uma vez por ano a gente janta com o Marcelo, o presidente, é o momento de a gente saber quem é quem, encontrar, trocar... E a gente acaba conversando mais com a gente que é da nossa nacionalidade.

14) Recorre frequentemente ao testemunho da população no geral? A abordagem parece-lhe fácil?

Vox populi nunca é fácil, no Brasil dizemos um “povo-fala”, “vamos gravar um povo-fala”. Eu enquanto correspondente, acho que uma das características que fez com que consegui manter a vaga de correspondente da Globo é que você nunca vai ver uma peça minha em que eu fale durante 3min. Eu vou sempre tentar colocar um entrevistado, seja um especialista, uma autoridade, ou povo. Eu vou para a rua gravar. Se não tiver nenhum especialista que me fale do Cristiano Ronaldo, nem o Ronaldo, vou para à rua ouvir os portugueses.

15) E acha que os portugueses falam facilmente, mostram-se disponíveis?

Ah não consigo bem responder a essa pergunta, isso é muito variado. Há gente que tem pavor, outros que pensam que eu já estou gravando e ficam chateados, eu explico que só gravo com autorização. Aí vai com o convencimento, “por favor, estou sozinho, vou perder o meu emprego, já é tarde, é só uma palavrinha, não vai aparecer em Portugal, so no Brasil (isso às vezes convence).”. Eu trabalho sozinho, faço câmara, faço tudo. 80% das vezes trabalho sozinho. Em algumas coberturas especiais, ou programas, são coisas pensadas, gravadas.

16) As fontes governamentais e especializadas, disponíveis? Fácil contactar governo/académicos...?

É fácil. EU sempre gosto de comparar, você não vê um repórter da Globo entrevistando um ministro britânico, numa entrevista marcada. Aqui em Portugal consegue muito. Eu já entrevistei todos os ministros que quis. Eu vejo 3 justificações: eu consigo, não sei como, mas consigo. 2) o peso da TV Globo em Portugal. Tem um peso enorme em Portugal, todo o mundo conhece a Globo, é a CNN do Brasil (apesar de que agora existe uma CNN no Brasil). Acho que isso influencia muito. 3) e o facto de um governo, um ministro, um especialista saber que está a falar para um país que tem 210 milhões de pessoas.

17) Não justifica também com a relação especial que Portugal e Brasil têm? (um ministro português tem talvez mais interesse em falar com um correspondente brasileiro do que um britânico).

Sim.

Os outros correspondentes falam que não conseguem, não é?

18) Dizem que fontes governamentais não se mostram muito disponíveis, que é um processo muito burocrático... têm que enviar um mail mas depois ninguém responde...

Bem, quando eu digo que é muito fácil, é que não é fácil, mas no fim consigo, sim. Assim como eu tenho quase que suplicar no Vox Pop e dizer que vou perder o meu emprego, eu faço igual nos assessores. Igual. Entrevistei o Cabrita já há algum tempo, a assessora tinha sido repórter aqui da SIC. A Carla dizia “sim vamos marcar na semana que vem...” eu dizia “Carla. Se a Globo puser essa peça, hoje, amanhã, a semana que vem a Globo não

quer mais, o assunto passou”. “Por favor, só um pouquinho, eu faço 3 perguntas, eu te digo quais são as perguntas, a reportagem é sobre isso.”.

19) As fontes governamentais entram por vezes em contacto consigo para lhe dar uma informação?

Sim, mas sobretudo para convidar para eventos. Isso faz parte da base jornalística de qualquer profissional, seja correspondente ou não, é conseguir criar uma boa agenda e fazer parte da lista de mailings. Hoje em dia tudo funciona à base da assessoria, tudo tem uma agenda. Eu costumo dizer que o jornalismo de Portugal é muito a agenda, até porque estamos em Lisboa e é a capital (eu sou do Rio de Janeiro que não é a capital). Isso causa-me um pouco de estranheza, de como as pessoas aqui em Lisboa seguem muito a agenda. Mas tb faz sentido, estamos na capital onde tudo está agendado. Lisboa segue uma agenda, então ao longo do tempo vais pedindo aos assessores para te colocar nas listas, eu recebo todos os dias a informação da ministra da segurança social, a agenda de não sei quem... E muitos assessores de imprensa, de universidades. A universidade de Coimbra é um ótimo lugar para ter relações, saem boas pesquisas, já viajei muito a Coimbra para fazer...

Recebemos também os press releases do governo, mas não há diferença entre um jornalista local e um correspondente e é assim em Portugal como no mundo inteiro. No Brasil também recebemos agenda, notícias dos órgãos.

20) Na sua perceção, essas fontes têm uma atitude diferente com correspondentes e com jornalistas locais? Interpretação diferente?

Eu não consigo ter essa noção, eu não sinto essa diferença. Mas acredito que, antes de ele me receber, o assessor deve lhe dizer “olha é para tantas pessoas, é para o Brasil”.

Mas eu não consigo sentir isso durante uma entrevista, não.

21) Como nascem as ideias para reportagens?

Agora vamos entrar aqui numa parte da entrevista que fala muito da minha tese, e de como a Globo vê o correspondente. Eu tenho que tentar dar o olhar brasileiro, e isso serve para Portugal, para Inglaterra ou para Espanha. Estou num lugar ótimo, porque há muitos brasileiros em Portugal. Tudo o que se relaciona com brasileiro em Portugal, eu tento transformar em reportagem, porque é um brasileiro que está a ver de lá, um irmão brasileiro que está cá. Quando os brasileiros não conseguem voltar para o Brasil e dormem

no aeroporto (por causa do coronavírus), isso é reportagem. Quando os brasileiros estão a perder o emprego porque era informal, porque trabalham em restaurantes de maneira informal, o restaurante fecha e a pessoa não tem recibos-verdes, não tem auxílio, nada. Reportagem. Brasileiro que acaba sendo assassinado por algum motivo aqui, encontrado morto. Nem é prisão de Lava Jato. Mas mexeu com os brasileiros, para mim é ótimo, seja história boa ou história ruim. Por exemplo há um brasileiro com uma iniciativa maravilhosa aqui na Web Summit. É uma luta colocar a Web Summit na TV Globo, não tem nenhuma importância, nenhuma. Eu vou caçar um projeto bacano do brasileiro, o brasileiro viajou. Ou seja, eu tenho que tentar aproximar a minha reportagem do brasileiro. Sim isso surge de conversa, de redes sociais, do WhatsApp e de muita leitura de jornais, de assistir às televisões, muita coisa sai dali. Só que eu tenho que, a partir de determinado assunto que um media português faz, tenho que dar um olhar brasileiro sobre a coisa.

Vantagem do correspondente no que toca à temporalidade e à atualidade de um acontecimento:

Muitas vezes, os especialistas que já deram entrevistas, isso é uma coisa que facilita muito a vida de correspondente, ficamos já a saber o que uma pessoa dá, se custa ou não dar uma entrevista, para poder ir atrás dela e entrevistá-la. Vou atrás daquela pessoa e aí marco com ela uma conversa para mim. Até porque estamos em missões diferentes, enquanto aqui o media português precisa daquela coisa urgentemente, várias reportagens minhas que foram rodadas há muito tempo ainda são válidas.

O visto gold, o programa regressar. Eu posso contextualizar. Enquanto aqui todo o mundo está fazendo igual, eu tenho mais tempo. São matérias mais atemporais.

22) O correspondente não está tão vinculado à noção de atualidade então?

Isso depende do que estiver em alta. Porque, por ex, eu fiz Pedrógão. E Pedrógão era atual, era a peça do dia. Porque é que a gente tem que ter essa manobra do “não factual”, do “frio” como dizemos? Porque temos um noticiário no Brasil quente, de política, de corrupção. Ou seja, se eu não encontrar essa maneira de atemporar as minhas reportagens, elas nunca vão entrar. Se eu disser ao meu chefe que tenho uma reportagem do brasileiro que morreu hoje, que tem que entrar hoje. Ela não vai entrar. Porque no Brasil provavelmente está a acontecer hoje um escândalo com um ministro, ou outra coisa.

Temos que ter uma validade mais alta, a reportagem pode por exemplo passar em dezembro (QUANDO FIZ ESTA ENTREVISTA?). Hoje eu estou preparando uma reportagem para a Globo sobre o reencontro entre pais e filhos portugueses, pai que esteve de ficar afastado porque o exame deu positivo, essa reportagem pode entrar domingo, sábado à noite... Não pode entrar em Novembro! Agora se eu disser que o pai e o filho se re-encontraram hoje e que tem que passar hoje a reportagem, o meu chefe provavelmente não a vai por no roteiro, porque um ministro deu uma declaração maluca no Brasil hoje. Portugal não está na agenda, no Brasil.

23) Claro, a atualidade brasileira prima?

Prima. E a de outros países também. Estados Unidos por exemplo. Se o Trump der um arrote é breaking news, se o Marcelo socar a cara de alguém mmhh.. é uma nota.

24) Que temas são frequentemente abordados pelos media portugueses que a si não interessam/ brasil não interessa?

Ah política, debates quinzenais, orçamento de estado é uma coisa que o português é muito vidrado, fazem muito debates sobre orçamento de estado. Há coisas em qualquer país que não interessariam ao país de origem, como problemas muito locais, se o transporte está ou não a funcionar, é como se aqui falássemos do transito em São Paulo, ou do orçamento da saúde no Rio de Janeiro.

25) Mas por exemplo, a nível europeu, se um primeiro ministro por ex da Holanda, passar uma lei um pouco fora do comum, talvez possa ser noticia cá. Não tem nada a ver com Portugal mas se for fora do comum será falado.

Sim, isso também acontece, a lei que criminalizará o estupro que está para ser aprovada aqui, isso está na minha agenda. Quando aquilo for aprovado, vira reportagem na Tv Globo. Como por exemplo agora na pandemia eles terem legalizado os emigrantes, obviamente é tema de reportagem. Agora o dia a dia que não interessa é isso, é o orçamento de estado, o que o Centeno disse, é o Marcelo aparecer em todo o lado sem falar de absolutamente nada. Para o bom ou ruim, porque às vezes no Brasil querem alguma coisa que eu nem acho tão interessante aqui, mas o Marcelo falou sobre isso, então para mim ótimo, o presidente falou sobre isso, vamos botar.

26) Acontece muito os seus chefes de redação pedirem reportagens sobre temas que não considera interessantes ou importantes? Recusa, tenta ajustar?

(risos). Eu acho que quando a gente vira correspondente, eu criei um feeling, um filtro, de coisas que eu acho que o meu chefe vai aceitar. Porque existe uma linha muito ténue entre ser pro-ativo e ser chato (isso foi uma coisa que eu aprendi na minha vida. É curta a diferença. Porque se eu quiser ser chato eu todos os dias encho o mail do meu chefe com 300 sugestões. No meio daquelas 300 sugestões vai estar uma muito boa mas ele vai estar tão saturado comigo que nem liga. Eu é que tenho que criar um filtro, e isso só a experiência deixa. Com a experiência, eu tenho a certeza, quase a certeza, que tudo o que eu proponho o meu chefe vai querer. Há vezes em que o meu chefe não acha interessante, mas dois dias depois vai me pedir para tratar esse assunto afinal. E eu ponho em questão o meu filtro, porque não é uma coisa muito certa (uma ciência muito exata).

Essa história dos brasileiros dormirem no aeroporto não é nova, eu já fiz essa história há um mês para a TV Globo. Na semana passada pediram-me a mesma coisa. Eu não teria proposto esse tema ao meu chefe só porque já o tinha feito, e ele poderia responder me “porra a gente já deu isso”. mas como foi ele a propor eu fiz claro. tentei dar um olhar diferente, para não fazer igual ao que fiz. Enquanto que na primeira vez era muito o turista, aí eram ex-emigrantes, brasileiros que estavam vivendo aqui e que estavam tentando voltar para o Brasil, o perfil já era um pouco diferente. Mas continuava sendo brasileiro dormindo no aeroporto e à espera de um voo que tinha sido cancelado.

27) O facto de conhecer Portugal cada vez melhor altera a forma como trabalha?

Sim. Eu vou te contar uma história, isso também tem a ver com o conhecimento do país. Quando um chefe pede uma reportagem de um tema que você já sabia e que por opção você não ofereceu, tudo bem. Uma coisa que me deixou desesperado e que abordei na minha tese é quando o teu chefe te avisa de algo que não soubeste. Aí você se acha um bosta, do tipo como é que ele no brasil, sentado na cadeira, sabe de uma coisa que está a acontecer aqui e eu não? Isso aconteceu-me uma vez (ou várias, mas essa marcou-me mais, foi a primeira). Eu estava chegando de férias pela Europa, e no dia em que voltei das férias, o meu chefe mandou-me uma mensagem “hey, estás a par dessas brasileiras mortas, encontradas dentro de um poço” e eu pensei puta que pariu e disse “claro que sim”, eu não sabia de nada, comecei a pesquisar. Aí tomei a importância de que, acho que foi naquele momento que eu comecei a ativar todas as notificações, em 2016 não havia

tantas, mas hoje passo o dia inteiro ... eu tenho um horário maluco, eu vivo no horário do Brasil, eu durmo às 4, 5h da manhã de aqui, e acordo ao meio-dia, porque são 8h da manhã no Brasil, mas isso é opção minha, não é obrigação de um correspondente. Mas isso tb ajuda porque quando o meu chefe pede um direto a alguém da europa, ele não pede para o pessoal de Londres no jornal das 7h ou 8h da noite, porque aqui já são 2h da manhã. Ele sabe que pode contar comigo porque sabe que eu estou acordado a essa hora. Mas eu tenho que encontrar caminhos para me sustentar. Se ele me perguntar se é muito tarde para mim eu respondo “não não, eu durmo tarde, pode me botar em direto”. Aí eu comecei a ativar todas as notificações, mail, telemóvel, relógio, porque eu nunca mais quero que o meu chefe me diga de algo que eu não sei que está a acontecer em Portugal. Depois eu percebi que isso é uma bobeira. Acontece. Eu sou o único aqui, não sou obrigado a estar 24h ligado a tudo. O trabalho dele também é pesquisar notícias. Mas enquanto representante de Portugal, e num assunto que é forte (homicídio de 3 pessoas que já eram procuradas há anos e não estavam a ser encontradas) e relacionado a brasileiros, eu não saber disso naquele momento foi muito pesado para mim. Aquilo me marcou, claro que pode acontecer, mas ninguém gosta. E cada dia que eu vou conhecendo melhor o país, as pessoas, vou criando filtros e maneiras de trabalhar, e o meu chefe vai confiando mais no meu trabalho.

28) Um correspondente que acaba de chegar poderá ganhar alguma coisa, tendo um olhar mais fresco do que o correspondente que está cá há 30 anos?

Sim eu acho que é um exercício que a gente tem de fazer, manter um olhar fresco, depois de tantos anos no mesmo sítio. Acho que a antiga política da Globo de trocar de correspondente de 3 ou de 4 em 4 anos tem disso, de a pessoa chegar fresca e não se enraizar. Apesar de que tb sinto que nos meus dois primeiros anos eu noto como não conhecia nada, o que também é ruim né.

Seria uma boa experiência se o novo correspondente enviado por um média (neste caso a TV Globo) pudesse simplesmente acompanhar o correspondente atual durante tipo 1 ano, para se aclimatar, e só depois trocar de lugar com o correspondente que sai. Na prática não se faz, mas seria uma boa experiência. Eu li nalgum lugar para a minha tese que o correspondente só vira correspondente depois de 1 ano. No primeiro ano é verdade eu andava perdido.

(Sugestões são feitas sobretudo neste sentido: do correspondente para o media, Leonardo faz as sugestões aos chefes na Tv Globo).

29) Os seus chefes dizem por vezes exatamente quem são os interlocutores que querem nas suas reportagens? Ou que fontes querem?

Não, não. Por vários motivos. Porque o meu chefe cuida de 22 correspondentes.

30) Nem diz “quero fontes mais institucionais” ou “quero que fales com estas pessoas”...

Eu acho que não, porque enquanto eu digo pra você, acho que até disse de forma errada que é muito fácil. Você já viu que não é mt fácil, essas entrevistas. Mas se compararmos com outros países, Portugal acaba por ser mais fácil. Porque é a mesma língua, a relação com o Brasil... Na cabeça do político, todos os correspondentes do mundo estão na mesma bolsa. Eu não sei o resultado de outros países, mas pelo que vejo de resultado, de produto na tv, eu consigo (não eu Leonardo, mas Brasil), apesar de que quando fui fazer turismofobia na Espanha, com uma ligação, 2, 3 emails, entrevistei o Secretário de Turismo de Barcelona, pra mim foi ótimo pensei Carraca não é só em Portugal que eu consigo,

(Bom, resultado ele reconhece que se torna mais fácil para ele em Portugal sendo brasileiro, há vantagem decorrente da língua e relação entre países)

31) Mais dificuldades em abordar pessoas em Portugal se fosse correspondente britânico por ex?

Acho que pesam vários fatores, pra quem você tá falando... Qual é o veiculo.. Se a CNN pedisse uma entrevista com um economista português, obvio que eles iam dar entrevista. Acho que a Globo tem um pouco disso. Não no mundo, mas em Portugal. A globo em Portugal tem mt peso, é equivalente à CNN.

Já fiz experiência na Espanha por ex, a Globo não é tão conhecida como em Portugal! Acho que isso pesa, ajuda muito. A mesma língua, o carinho que os Portugueses têm pelo Brasil. A população. Um político está sempre a pensar no seu público, em para que público está falando. E os políticos portugueses sabem que estão a falar para 100 milhões. Vendeu uma imagem boa de Portugal para um país com 200 milhões, quem não quer? Acho que tudo isso pesa, e eu sei usar isso muito bem na hora de entrevistar! São 200

milhões de pessoas no Brasil, mas a Globo fala para no mínimo 100 milhões. Eu digo “porra o Cabrita vai falar pra 100 milhões, por favor! (risos)” (para a sua assessora)

32) Tem preferência em tratar alguns temas específicos? Temas sociais, políticos...?

Não, não. Adoro fazer tudo

33) Relatório da Reuters... Questão do interesse do público pela atualidade estrangeira. Cobertura internacional: segue demasiado interesses dos governos, questões comerciais, ou relacionadas com conflitos... Deveria haver mais temas relacionados com vida quotidiana das pessoas, relatos próximos das pessoas. Considera-se, a título pessoal, representante dos interesses do seu país (governo, população)? Pensa “esta tema vai interessar lá no Brasil?”?

Sim, nesse sentido considero-me representando dos interesses do meu país. Quando você fala que a agência aconselha que tem que dar mais voz ao povo e tal, eu fico feliz porque eu acho que eu faço um pouco isso, também (sorriso).

34) Tem margem para fazer a sua própria interpretação de quais são os interesses dos brasileiros? Ou editores influenciam um pouco?

Vamos agora a uma questão que foi crucial na minha tese, é uma realidade que temos que aceitar, que não é da TV Globo, eu vejo isso aqui tb. Como funciona a editoria de Internacional? Se a gente tivesse que resumir numa frase, como funciona a editoria de internacional de uma televisão, você saberia responder? Com base nas agências de notícias (tom sentencioso). E isso é PÉSSIMO (entoação forte).

35) O Leonardo segue muito o que é feito pelas agências?

Não eu. (os seus editores? não se ouve a resposta, mas ele deve ter feito que sim com a cabeça). A agência de notícia, ela serve, às vezes por bem, mas muitas vezes por mal, como um filtro para saber se aquilo vale ou não vale. E aí eu me pergunto: até que ponto eu sou um correspondente, ou um ventríloquo do que a Reuters deu?

Se a Reuters deu 15 mortos e eu tou vendo 20 mortos, o meu chefe vai me responder “mas a Reuters está dando 15”, e eu vou ter que mandar a foto de 20 cadáveres pra ele. É culpa dele? Não. É culpa de um sistema. Que não é só do Brasil. Eu vejo isso aqui também. Se você pensa em termos de custos e de facilidade, nossa isso é ótimo, você fica sentado,

comparando 4 agências, a Reuters, a AP, a Lusa (que eu acho excelente, assim), mas o Brasil não contrata a Lusa por exemplo.

Vou contar uma história muito marcante para mim: No dia 16.15 junho de 2017, eu estava a voltar pra casa, começo a receber os alertas dos mortos em Pedrógão. Tinha 19 mortos. Eu liguei para a Globo. Disse que havia um incêndio pesado no interior do país, que contava já com 19 mortos. Resposta do editor: o jornal está estourado. Pode voltar pra casa, não vamos querer Pedrógão. 5 minutos depois, o mesmo editor liga “ah, a Reuters botou uma foto aqui do incendio. O incendio realmente é pesado. Vamos fazer uma entrada em direto?”. Isso pra mim é um retrato de como funciona a editoria Internacional. Precisou a Reuters mandar uma foto pra eles entenderem a gravidade daquilo.

36) Estava a tentar comparar com os correspondentes em regime freelance, eles não me falaram desse aspeto, não disseram seguir o trabalho das agências. Conclui-se que essa dependência das agencias é sobretudo caso para correspondentes oficiais? (continuo a falar, hesitante, e ele, bruscamente:)

Porque na verdade, mesmo sendo contratado, o meu chefe não vai pedir uma coisa que ele não vai usar. Porque depois eu ia cobrar, ia dizer “pera aí, tou fazendo uma coisa que você não usa?”. Então ele joga nesse sentido, ele diz que não quer, independentemente de eu achar que aquilo vai dar barulho (o chefe confia nas agências, prefere basear-se na agenda das agências, seguir as agências). Não é pelo facto de eu ser contratado que ele vai dizer “ah faz faz”. Porque eu assisto televisão em casa, depois vou lhe perguntar “ah então trabalhei pra nada?”, também não é correto fazer isso. Essa questão de Pedrogão foi algo que me marcou mt. Depois dessa foto, as agências começaram a mandar mta coisa, viu-se que o assunto era bizarro. Em 2017 eu ainda era novo em Portugal. A primeira decisão do meu chefe foi “faz a partir de lisboa, fica aí”. E aí eu pensei, “não vou não”. Eu vou por conta própria, peguei numa boleia, com um jornalista que eu conhecia, e fui para Pedrogão.

37) Porque e que ele não quis... Custos? Não achou suficientemente importante? Já tinha a imagem da Reuters?

Eu não sei responder, não sou ele, mas a gente tenta encontrar. Era sábado para domingo à noite, ele já estava em casa, as pessoas que tavam tratando comigo não eram chefes, era uma equipa reduzido. Depois, não deve ter pensado na importância da coisa. Depois tem a questão de ser Portugal. Há um incendio desses na Inglaterra, contrata drone,

helicóptero, manda 5 correspondentes... Tem a questão geopolítica, que também abordei na minha tese. Nós temos que entender que não passa pelo preconceito, mas temos que entender onde estamos. Temos que olhar a importância de Portugal no contexto geoeconómico, geopolítico mundial. Quando eu brinco dizendo que Trump dá um arrote e Marcelo mata alguém e a cobertura pode ser igual, passa pela importância económica, geopolítica dos Estados Unidos, e a importância económica e geopolítica de Portugal.

Tem sentido, mas eu acho que no caso específico do Brasil, a relação que os media brasileiros têm com Portugal poderia ser diferente. Poderia ser mais próximo. Como nos em Portugal fazemos com o Brasil.

38) Porque dizia à bocado que a relação Portugal-Brasil é muito forte e não vice-versa? Pq é que o contrário não é verdade?

Porque tudo se baseia nas agências de notícia. Quando é que Portugal está nas agências de notícia? Foi durante Pedrógão, quando a Madonna esteve por cá. Ou seja, se as editorias internacionais de todas as televisões do mundo (e não é só no Brasil) se baseiam num serviço com renome – a Reuters tem uma reputação maravilhosa-que eles pagam. Agora é claro que se existe um correspondente naquele local, porra vamos ouvir o que o correspondente tem a dizer. Isso ao longo do tempo melhora mt. Se eu falar agr pro meu chefe que há um terramoto com 50 mortos, ele não vai querer saber da Reuters.

Porque já conhece o meu trabalho, já sabe que eu não vendo qqr coisa, lembra eu dizer que aquela diferença entre ser pró-ativo e chato é muito pequena. Eu poderia mandar a linha Amadora do metro parou. Ele diria caraça.

39) Marie-Line Darcy respondeu à pergunta “considera que enquanto correspondente representa os interesses do seu país?” que não, se trabalhasse para um média alemão trabalharia da mesma forma. Aquilo que a interessa quando escolhe um tema para noticiar é simplesmente se ele é interessante, cá. Ela nunca se questiona sobre se o tema vai interessar os franceses.

Mas um assassinato de um francês é importante para Alemanha? Por isso é que nessa ordem de interesse, a palavra mais certa é. O olhar do Brasil, o que brasileiro quer saber é o assalto que culminou na morte de um alemão ou na morte de um brasileiro. Aqui a palavra “interesse” é forte, no sentido de que O que é que o brasileiro quer ver. Lembra que houve um brasileiro que foi assassinado por tiro na estação do metro de Londres. A

repercussão nos meios alemães não foi a mesma do que na imprensa brasileira. Teve uma vítima brasileira em Pedrógão, a presidente da associação das vítimas de Pedrógão é brasileira, que perdeu um filho de 2 anos. Ela estava de viagem e o filho estava com o ex-marido na casa, decidiram sair da casa e morreram na estrada, porra, quando eu fui fazer reportagem sobre o 1 ano de Pedrógão, o facto da presidente da associação das vítimas de Pedrogão ser brasileira é importante. Imagina quanto isso impactou mais o brasileiro de saber “caraça, essa brasileira, que é igual a mim”.

40) Se trabalhasse para outro país trabalharia de forma diferente então?

Eu acho que sim. A minha dúvida é: será que a imprensa francesa fez os brasileiros presos no aeroporto? A Reuters e a AP não fizeram. E se são elas que filtram o noticiário internacional mostra que o correspondente tem que ir muito além do que as agências fazem. Se vão aceitar ou não é outra história. Por isso que eu digo que quando foco no brasileiro tb tenho o facto de que o meu chefe tb pensa com a cabeça do brasileiro. Se eu oferecer um assunto em q o brasileiro tá em alta é mais fácil ele aceitar. Imagina que ofereço uma história mt boa de alemães tentando partir de Portugal de volta para Alemanha. Ele ia pensar duas vezes e dizer “cara tenho 200 brasileiros pobres que não têm nem que comer a dormir no aeroporto isso é a notícia”.

41) Para um país diferente ia trabalhar de forma diferente (“com um olhar diferente” diz Leo). E se trabalhasse para outro media (diferente da Globo) do Brasil?

Não, aí eu acho que não.

42) Não há uma linha editorial assim específica...?

Não, não, não. Até que eu digo, minha melhor amiga é da Folha de São Paulo, é um jornal. Outro media, outro meio, e a gente bate muito as coisas, a gente se liga. Claro que as vezes por ex a visita de um ministro brasileiro aqui em Portugal não interessa tanto para a Globo como interessa para a Folha. O jornal tem mais espaço, tem o online. Enquanto na tv é so tv. E uma coisa que me ajuda muito, de forma prática, é saber oferecer os assuntos, olhando o cardápio do Brasil do dia. Eu não vou oferecer uma boa reportagem no dia em que eu sei que o Brasil tá pegando fogo.

43) Presta então tb atenção à atualidade brasileira?

Ui sim. Eu tenho 3 televisões em casa. É uma com media português, e as outras com media brasileiro. Porque eu tenho que saber o que se passa la. E acesso o sistema da Globo aqui no meu escritório na Sic. Porque eu tenho que saber o que a Globo ta dando naquele dia, pra saber se vai ter um espacinho. Portugal está sempre tentando encontrar um espacinho.

44) Quando tem uma ideia de reportagem cá, que não se encaixa bem porque a atualidade do Brasil está noutra contexto?

Sim tb nesse sentido, mas menos porque é preciso encontrar uma relação li tão imediata que dê pra fazer. Mas eu fico ligado no que o Brasil tem 24h, porque imagina que.. Isso prejudica tb porque eu fico dando muita atenção pro Brasil, que poderia usar pra estar atento ao que se passa em Portugal, mas se eu não der atenção ao Brasil, imagina que eu ofereço a história do brasileiro no aeroporto no dia em que o Bolsonaro dá um tiro em alguém... Tem que tar ligado. Os meus alertas são de medias portuguesas e de medias brasileiros.

45) Qual é o seu horário (por curiosidade)?

Varia muito, varia muito. Mas esta quarentena está muito doida, varia entre 6h da manhã, 5 da manhã (hora de se deitar? acho eu). Em tempo normal fico acordado no mínimo até as 2h da manhã, no Brasil são 22h da noite. E o principal jornal do brasil é 20h30, ou seja aqui passa da meia noite e meia.

46) Isso não prejudica a forma como trabalha? Como vive com o horário de lá, não complica quando quer entrevistar pessoas cá ou apenas para se ajustar à atualidade cá?

Depende. Como o noticiário da tv pega fogo na parte da tarde mesmo, é estudado. O principal jornal é o da noite, na segunda metade do dia é hora em que o chefe chega, então se eu tiver que recuperar alguma coisa, acontece. E como a gente vive muito numa de jornalismo de agenda, quando é algo que tenho a certeza que vale a pena ir, eu acordo e vou. A Greta Thunberg por ex, seminários... Agora imprensa oficial, Marcelo, Costa, isso tudo a gente recebe, na Lusa, ou seja, não vale a pena ir para uma conferencia do Marcelo se depois vou recebê-la na íntegra.

47) Nunca prejudicou ter falhado uma notícia ou evento, porque o seu horário fez com que estava a dormir naquele momento?

Alertas! (sorriso). Acordo com isso, tenho toques diferentes para reconhecê-los, tenho um toque inclusivo diferente para o meu chefe, o toque da mensagem ou chamada do meu chefe é diferente e faz o meu cérebro olhar. Eu vou olhando e provavelmente volto a dormir (ah bolsa de Lisboa, também e volto a dormir). Marcelo disse que.. ah tá bom. 50 mortos em Pedrógão, eu pulo! É meio doido, mas. Tenho que estar sempre à disposição. É o “ônus” de estar num país com relevância baixa, ter que estar sempre alerta.

Se fosse um país com relevância alta talvez não precisasse de ficar tao alerta, as coisas já viriam com mais frequenta, a demanda seria mais alta.

48) Considera que a profissão de correspondente está a atravessar um momento de crise? Li muitas vezes que é uma profissão em vias de desaparecimento, porque se substitui muito facilmente pela internet, ou porque o perfil de correspondente está a mudar. Por ex, hoje em dia um correspondente pode ser jornalista local...

É Ivania (Ivania Flora?) correspondente da Sic no Brasil há 20 anos, ela é conhecida cá, mas não é uma portuguesa enviada pela Sic (eu: não é o perfil ao qual me estou a referir. Seria uma jornalista em Portugal que cobre brasil, desde Portugal, sendo considerada "correspondente").

49) Representa algum tipo de concorrência para si em Portugal?

Não, não dá para...

50) Não sente que a profissão de correspondente está a atravessar uma má fase?

Ui sim, sinto, completamente. Os principais fatores desta grande crise é: os correspondentes na forma como eles nasceram (que nao é o meu caso, porque eu não fui enviado, lembra, eu já estava aqui), ele é o topo da carreira, é o profissional mais caro. Ele vai viver numa outra moeda, muitas vezes a empresa (mediática) vai dar casa (é ela que trata do alojamento), um extra para cobrar as despesas da mulher, pros filhos estudarem, é uma mudança de vida proporcionada pelas empresas. Os dinheiros (??) estão cada vez menores, é uma crise institucional financeira muito grande. Ah então não vamos mais ter noticiário internacional porque não temos mais dinheiro para correspondentes? Agências. Não sei quanto custam, mas valem muito a pena! As agências nada mais é do que correspondentes sem vínculo, sem identidade. Se eu for analisar o material

internacional de todas as televisões, provavelmente vai ser o mesmo, porque são imagens e vivos enviados pelas agências. Ou seja, o noticiário internacional não vai acabar pelo facto de você não ter correspondentes, infelizmente. Com o advento da Internet, dos envios, do satélite, de tudo, é muito mais fácil você não ter um correspondente. E qual é a segunda crise? Como estamos vivendo uma velocidade nunca vista antes, e eu já não peguei essa fase romântica do correspondente. Quando é que você vê uma coisa diferenciada do correspondente hoje em dia? é muito difícil. eu não vivi época romântica, cheguei já na época da internet. Se eu fosse correspondente à moda antiga, eu não ia ter compromisso com essa velocidade toda, e ia poder passar um mês no Porto, fazendo uma reportagem super-maravilhosa. hoje em dia já não há dinheiro, já não há tempo. Muito correspondente (dos antigos) e muita bibliografia reclama de que hoje em dia a gente praticamente é um repórter local. A gente tenta dar um enquadramento estrangeiro, mas aquelas reportagens de campo em que você sai pesquisando pra fazer uma matéria, não entra. Não tem dinheiro, não tem espaço, a velocidade não deixa. Mudou muito. Mas eu não posso falar dessa mudança porque eu não a conheci.

51) Então talvez seja menos frustrante para si, se não conheceu essa mudança?

Ah sim, o meu trabalho de 4 anos para cá não mudou, mas tem correspondentes que faziam reportagens muito mais de campo enquanto que hoje em dia eles vão ter que replicar o que a Reuters falou. Claro à maneira dele, apurando aqui e ali, mas, hoje em dia acho que o correspondente não produz uma notícia. Ele reformula uma notícia já dada. Porque não há tempo, não é incompetência do correspondente, é uma série de fatores, não ter espaço, não ter dinheiro para programar uma viagem, a demanda.. de que estão falando de mil coisas de Portugal e que nosso correspondente está numa viagem pelas vinhas, enquanto ele não está aqui falando do desconfinamento. Isso tudo vem pela facilidade de acesso da informação por causa da internet, pelas agências de notícia que cada vez mais e com uma velocidade muito maior consegue abastecer os clientes, o espaço na grelha, hoje em dia uma peça de 10min sobre as vinhas de Portugal, enquanto Brasil tá pegando fogo, pandemia... Eu acho que a tecnologia nesse ponto atrapalhou essa hora romântica. Porque é que antigamente a gente não fazia o que a atualidade demandava? Porque não dava tempo de chegar ao sítio. Tinha que enviar uma fita por avião (a globo tem um livro sobre essa época, os correspondentes da era antiga, que viviam coisas que eu nunca vou viver). “depoimento dos correspondentes da Globo”, dos antigos. Há uma correspondente

que ainda trabalha, em Roma. Quando eu leio esse livro fico maravilhado e penso 'Cara como é que eu não tou num país em guerra'?

52) Gostava de ter conhecido essa altura?

Ah quem não? Subir em cima numa moto pra levar a fita pro aeroporto, pra convencer um passageiro de levar aquela fita porque um estafeta da Globo no Brasil vai estar lá esperando... Não poderia ser uma reportagem sobre o número de mortos da pandemia. Porque qd a reportagem chegasse nas mãos da Globo já não tinha nenhum sentido, ou seja, as reportagens tinham que ser muito mais frias e muito mais de campo. E a globalização tb atrapalhou um pouco isso, pq hoje em dia você entra na Internet e viaja por Veneza e antigamente era o correspondente que fazia uma reportagem de “vamos descobrir Veneza”. Hoje em dia essa reportagem já não tem mais sentido na televisão generalista. Eu continuo a ser o olhar do Brasil em Portugal, mas não, já não é só por mim que o brasileiro consegue ver Portugal. Muito pelo contrário, hoje em dia eu sou apenas mais um. E antigamente imagina o papel do correspondente antigamente.... Você só conhecia as coisas no olhar daquele cara. E a reportagem demorava dias a ser feita. É um filme, eu sei que não vou nunca viver isso. As coberturas mais impactantes da minha vida não chegam aos pés do que aqueles caras viveram.

Claro Pedrógão foi bizarro, mas comparando a um cara que teve de fugir de bomba, de não pisar numa coisa que podia explodir, de subir numa moto para ir entregar uma fita. Hoje em dia eu tenho que torcer pra ter uma boa 4g. Em Pedrógão eu tinha 4g, enviei por We Transfer chegou na hora ao Brasil. Imagina antigamente comprar um satélite, 30 segundos, 500 euros. A tecnologia vem facilitar esse stress, mas a tecnologia tira todo o romantismo da profissão. Porque se a tecnologia permite que eu faça um direto aqui, eu vou poder dar agora o número de mortos, enquanto antigamente eu ia ter que fazer uma reportagem, mais abrangente, sem entrar na atualidade, mas fazer uma atualidade em que você aprofunda mais o conteúdo.

52) Talvez o aspeto positivo da internet seja casos de países em ditadura, ou guerra, países em que os jornalistas estrangeiros não conseguem vir e fazer informação. Jornalistas estrangeiros aí entravam em contacto com locais (cidadãos) que fazem vídeos em manifestações por ex, e depois enviam para redações estrangeiras (ex: aconteceu na Argélia durante as manifestações de 2019).

Claro a tecnologia vem para ajudar muito, hoje em dia enquanto você transmite em tempo real ninguém consegue tirar isso. se alguém tirar o cartão de memória, aquilo já foi transferido. Acho que sem a tecnologia, sem a facilidade e o custo baixo dessa tecnologia, eu trabalharia muito menos. Porque o custo que a TV tem comigo hoje para fazer um direto é baixíssimo. Imagina o custo que ela ia ter antes num país que ela não considera essencial. Quando é que iam aprovar uma viagem? Nesse sentido é mais barato. E nesse balanço de 4 anos, lembra eu vim para cá fazer o mestrado, só tenho a agradecer, e faço um balanço mt positivo de tudo o que tive que fazer.

Tenho 32 anos.

Eu e Juliana somos os mais novos. Correspondente é normalmente o topo da carreira. Geralmente a Globo manda correspondentes que foram repórteres durante muitos anos na casa. Na minha tese existem 4 categorias de correspondentes acho eu, existe 1) o correspondente enviado 2) o correspondente que é da mesma nacionalidade, mas já está no país (caso do Leonardo) 3) correspondente da mesma nacionalidade do país que envia para lá (é o caso da Ivânia, brasileira que vivia em Portugal e foi enviada para Brasil onde é correspondente da Sic). Tem vários...

na Sic por exemplo não temos ninguém enviado (a RTP tem). Aqui na Sic ou são pessoas que decidiram por conta própria, já foi da SIC, mudou-se para outro país e oferece-se, e aí claro é mais fácil você já conhece e é conhecido (foi o que aconteceu comigo na Globo). Ou pedem diretamente a alguém de lá. No caso da correspondente em Bruxelas da SIC, ela usa equipamento da SIC etc., mas foi decisão dela ir pra lá. Depois conseguiu ser correspondente para a SIC, não foi a SIC que a enviou para lá. A RTP tem um escritório no Brasil é caríssimo. É custo de posto de trabalho, de ... São duas pessoas acho que estão lá.

O caso da Juliana é igual ao meu: veio para Portugal estudar, tb ja tinha sido da Folha de São Paulo, num jornal é mt mais fácil você ser freelancer no sentido que é menos cara, não precisa de equipamento. A gente já viu mesmo, desde que a Juliana trabalha aqui em Portugal, a Folha comprar reportagens de outras pessoas de cá na base do freelance.

Anexo 3 :

Entrevista Javier Martín del Barrio (El País). (Chamada videotelefónica)

1) quanto tempo jornalismo e correspondente?

área de jorn, desde 77 acho mais ou menos, no El País, desde nov 81, e corresp. em Portugal, primeira experiência, desde julho 2014

2) correspondente oficial ou freelance?

oficial

3) só trabalha para o el país?

sim, nos primeiros trabalhava tb com um jornal desportivo do mesmo grupo, era uma colaboração para distrair-me, era o grupo Prisa.

4) Portugal foi uma decisão pessoal ou El País enviou?

minha mulher já trabalhava em Pt, dirigia o grupo Capital, da televisão Tvi e Radio Comercial, primeiro grupo de com em Pt. Ela chegou em 2011, eu na altura não podia por questões familiares e cheguei em 2014, quando há casais de jornalistas, a empresa trata de que as pessoas trabalhem no mesmo país, mas em 2011 não podíamos, mas em 2014 vim por causa disso, a minha mulher estava ca a trabalhar e eu solucionei as questões familiares. Foi iniciativa da empresa.

5) dia típico, ritmo de trabalho...

Varia muito, não há uma norma, há meses que escrevo quase todos os meses, e noutros meses, duas vezes ou três por semana, questão de atualidade mas tb, depende, há países que têm muita atualidade por ex USA, é atualidade politica quase sempre, e no caso de Portugal, atualidade politica não é muito forte, então tinha que estar a procura de outros temas, mais virados para a cultura, deporte, economia, viagens... e então é mais engraçado (para mim), porque não é tudo politica, o que para mim é o mais aborrecido, ao final é sempre tudo parecido na politica. como o El país tem muitos suplementos, de viagens de cultura... assim podia trabalhar em temas e aspetos muito diferentes da política internacional, que no caso de Espanha não estavam muito interessados, ao princípio. eu cheguei no caso do Espirito Santo, depois com a detenção de Sócrates, enfim muita coisa de economia, na politica governava o partido conservador, não havia muito interesse. Mas

depois, ganhou o partido socialista e em Espanha estavam tb os socialistas a governar e fixavam se muito no que acontecia em Portugal e isso deu me mais trabalho em política internacional, mas foi em relação ao que estava a acontecer no país de origem, é uma das questões do teu trabalho não? é muito interessante isso, não fazemos o mesmo trabalho o corresp de Espanha e o de França e o de Alemanha. no meu caso, como em Espanha tinha ganho tb o partido socialista, mas com uma minoria muito pequena, tive muitos encontros com partido socialista português, para ver como faziam. tive que trabalhar muito com essa questão porque em Espanha estavam mt interessados, como o partido socialista português estava a conseguir fazer acordos e negociações, com outros partidos. e o partido socialista espanhol não conseguia, escrevia muito e sempre dizia o mesmo. em Espanha partidos nacionalistas, independentistas, é mt mais complicado que em Portugal, isso deu me muito trabalho. Mas no geral, nestes 6 anos, foi mt Sociedade, agr com o caso do coronavirus, mas tb com os problemas na saúde pública, com educação, são problemas que a Espanha tb tinha, então El País precisava de uma comparação, que esta a passar em outros países? como esta em Portugal esta questão? atualidade, sim, mas muitas vezes tb é sempre uma comparativa com o que esta a acontecer noutros países.

6) recorre frequentemente ao testemunho das pessoas comuns, civis?

sim, gosto mais de falar com pessoas comuns que com políticos, chefes de comunicação dos gabinetes, empresas ou sindicatos. Tive imensa sorte porque os meus primeiros amigos em Portugal foram portugueses, por casualidades da vida, vizinhos eram portugueses e jantava com eles muitas vezes e falávamos muito, então tinha referências, se precisava de falar com alguém ou com médicos... A primeira referência era falar com os meus amigos/vizinhos portugueses, dava uma seleção. era sempre uma visão (no início) muito portuguesa, de pessoas comuns com problemas comuns... e mais afastada dos políticos ou dos grupos de pressão, era mais interessante.

7) Mas de forma geral como descreve a disponibilidade das fontes governamentais e institucionais?

eeehh... é como em todas as partes: é fácil se eles estão interessados em falar. Se não, não é fácil. A diferença com outros países, com Espanha, é que em Portugal nunca dizem não. Falas com eles, eles "muito bem, muito bem, envia-me um email" e ficas interessado, ok wow que fácil é isto, que simples, envias só um mail com as perguntas e já esta, nuca há uma recusa... isto é típico em todo lado, quer com as empresas, quer com sindicatos,

nunca não. simplesmente não respondem aos emails, ao telefone... é uma atitude com que fiquei mt surpreendido e ainda fico. Dizem muitas vezes para ligar quando quiser, e ligas no dia a seguir e não respondem. porque não estão interessados. Então é sempre igual. É um comportamento mt educado, mas não quer dizer que seja fácil e simples. Se não querem falar, não dizem nada, é como noutros países. Se queres falar com um ministro ou um político, tens que passar sempre por um chefe de comunicação e nas empresas o mesmo, e sindicato tb. isso é terrível para o jornalismo claro.

8) De forma geral, como surgem as ideias para um artigo? Proposta que faz aos seus editores ou contrário? e quando é feita por si, como surge (fala com alguém, médias locais, redes sociais...)?

São as duas formas, algumas vezes é iniciativa de Madrid, da seção internacional. Hoje, por ex, estou em Barcelona, a descansar uma semana, depois de muitos meses confinado, e volto domingo. Pediram me para falar, escrever da famosa foto de Marcelo em fato de banho na fila do supermercado com a máscara, foi uma foto que vi domingo e que coloquei no Twitter do El País, mas não fizeram caso. No final, teve imenso sucesso em todos os países e hoje ligaram-me, de um blog do El Pais, para falar da atitude do presidente, e porque essa foto teve muito mais sucesso fora de Portugal que em Portugal, tive que explicar que em Portugal todos já estão muito habituados a essas coisas do Marcelo, que todos os dias vai à praia em Cascais, e faz selfies com a população, que é muito popular, etc..

A maioria das vezes sou eu que ligo para eles, proponho tema, se são importantes proponho no dia anterior às diferentes seções, internacional, sociedade, cultura, e no caso de internacional é sempre mt ligado à atualidade, no caso de cultura é mais subjetivo, é se gosta ou não o chefe responsável da cultura, porque são entrevistas a artistas ou temas que não são atualidade. eu apresento o tema, por ex. a retirada (a reforma?) do Carlos do Carmo (?) o fadista, o ano passado, propus o melhor fadista qua vai embora, vai fazer um recital em Madrid dentro de meses, se quiserem uma entrevista, então disseram que sim e eu começo a tratar da entrevista. Porque se eu começo antes de propor, e eles não querem, é muito feio para essas pessoas (entrevistadas), e já aconteceu muitas vezes, então dizem que sim e eu faço a entrevista ou reportagem.

No verão há coisas mais frívolas, proponho coisas, muitas viagens, para um suplemento especial de viagens, e cada mês publico um ou dois artigos de Portugal, há uma semana foi em Faro. Desporto, tb as vezes eles ligam, outras vezes eu ligo.

É uma comunicação.. mas a experiência depois de 6 anos é que 90% das vezes sou eu que proponho, e 10% propõem eles. Ou as vezes é uma atualidade que eu não vi e eles ligam para mim.

9) Muitas temas que constam frequentemente nos medias portuguesas e que a si/ao El Pais não interessam? Que género de temas são?

A ver... se me lembro... Claro, normal, aqui há muito de política local e estas coisas de negociações, claro isso não interessa. Em Espanha, interessa muito a Geringonça, por duas razões: porque são partido socialista e porque El Pais tb é um jornal próximo do socialismo, ou que apoia o socialismo, então a Geringonça teve muito sucesso. Depois, economia, é uma economia muito mais pequena que em Espanha, então não interessa a macroeconomia, pode interessar os casos de sucesso (como o Delta Cafe, a CGD porque tb estão em Espanha...) Quando não há uma atualidade e uma coisa certinha, são coisas intemporais e para os suplementos do El Pais, para o suplemento de negócios (como a EDP, ou, há uns meses fiz o caso dos vista/visto verde ?? que tb há em Espanha...). Depois há pequenas histórias (se a mãe do Ronaldo faz um anúncio publicitário, coisas assim que tenham menor importância) se eu não faço essas histórias eles lá em Madrid apanham-nas das agências.

O mais importante é a política, economia...

O trabalho de correspondente é muito interessante, porque está a pensar na atualidade do país onde vive, mas tem que pensar no que esta a interessar ao publico, neste caso espanhol. Então tens que ter uma missão dupla. olhar para atualidade portuguesa e pensar no que vai interessar em Espanha, ou transformar essa atualidade para torná-la interessante para o público espanhol.

10) Num dos seus artigos fala sobre as raspadinhas cá em Portugal (adição às raspadinhas, problema de saúde pública), queria saber, por ex, esse tema não tem ligação específica com a atualidade, como veio a ideia e qual o interesse do El País por esse tema?

Isso são coisas que eu proponho. Dantes, o trabalho do correspondente era só para o jornal, para o papel, agora temos (o el país) um site, então em principio cabe tudo, há diversidade e possibilidades imensas, dentro do site do el país, há muitos blogues, alguns com imenso sucesso, por exemplo "comedistas" (ele queria dizer comediantes, aqueles que fazem rir o público), ou gastronomia, e um desses blogues, tb com mt sucesso (3a posição acho) é "mundo global", são temas que não tem importância, que não vão ocupar nunca um canto da secção internacional, mas que na minha opinião são mais interessantes que a politica porque descrevem a realidade de um povo, povo português neste caso, saem coisas muito curiosas, que não estão em grande nas capas, mas representam a realidade da nossa sociedade, então, perguntavas há pouco qual é a minha rotina, quase todos os dias leio muitos jornais portugueses e sites, e demoro-me mais em coisas (assuntos, temas) como isso das raspadinhas, que tb nos jornais e media portugueses não é uma coisa muito visível, mas é uma coisa curiosa, para Espanha, porque em Espanha todas as apostas são do Estado, e aqui em Portugal são da santa casa da misericórdia, que promove o jogo e depois tem um serviço para curar os adictos (comment dire accro?), enfim, mas esse dinheiro tb serve para trabalhos sociais muito importantes. E isso para o espanhol interessa muito, e os meus grandes sucessos em termos de visitas sempre foram em artigos com estas características, no blogue Mundo Global, ou noutro blog que tenho com a minha mulher que se chama Lisboa a tua e a minha, que parei há uns meses, mt trabalho, mas tem imenso sucesso, mais do que no caso da politica, como entrevistas a António Costa ou Marcelo, tb o Marcelo tem imenso sucesso em Espanha, mas não pela sua politica e sim pela sua personalidade, outras vezes quando sai a fazer selfies, aquela famosa foto dos incêndios quando abraça um idoso que chora, essas fotos tiveram imenso sucesso em Espanha e tive que fazer outra vez artigo de quem é Marcelo, a sua popularidade, na tv, enfim tudo isso, e é interessante tb que apanhes esses meses de janeiro e fevereiro porque é mais interessante porque é mais rica a info, é mais diversa (como nos meses de julho agosto) nos outros tempos é tudo para a politica e a economia, enfim, e nesse períodos de verão e de natal eu escrevo muito mais porque precisam de manter o site e os blogues ativos, e às vezes tb escrevemos artigos sem data caducidade e

publicamos nesses períodos de férias natal ou verão. é muito mais engraçado esse jornal e esse site.

11) O facto de conhecer Portugal cada vez melhor muda a forma como trabalha?

Por ex, quando chegou a Portugal, não conhecia tao bem o país e talvez tivesse um olhar mais novo, mais fresco, mais curioso, e por outro lado não tinha tanto conhecimento. Hoje em dia conhece melhor o país, mais contactos, mas sera que perdeu distância e perdeu a ingenuidade que faz encontrar os temas originais...

Como vê essa questão?

Totalmente, estás certíssima, é assim. Por isso é que no El Pais existe uma política de mudar de correspondentes cada 3 anos. Por vezes não é possível porque o conhecimento do local que o correspondente tem pesa muito e é importante para a redação, por ex estou a pensar no caso de Washington e ????. Mas funciona assim. Ao início não conheces bem, mas tens uma frescura, estas fresco e tens mais reflexos, mais rapidez, mais ideias, tudo é novo, e eu escrevia cada dia de tudo. Depois, acontece que já não é tudo novo, começam a repetir-se as histórias e as notícias. Repetem-se mesmo. Eu escrevi várias vezes o mesmo, por cada dois ou três anos, um projeto de lei contras as festas das touradas, um novo imposto, etc. Então é assim, com o tempo ganhas conhecimento, mas perdes frescura, porque vês que já escreveste tudo, mas no país de origem (Espanha), os chefes não têm esse pensamento, então pedem mais coisas, para eles às vezes é novo, e a realidade é que, nos primeiros ano, eu sabia tudo, nunca tinha que ligar a Madrid e estes últimos anos tenho que ligar varias vezes a pedir coisas, porque eu penso "outra vez o mesmo, não pode ser, no ano passado escrevi sobre isso". É assim mesmo, ganhas sabedoria e perdes frescura.

12) Um estudo feito em 2008, por Ana Luísa Rodrigues, informa que os correspondentes têm “menos constrangimentos na elaboração de estórias” do que os restantes jornalistas. Concorda com esta afirmação e diria que o correspondente pode ter um papel mais interpretativo que os restantes jornalistas?

Sim, sim. Deve ter. Deve ter (um papel mais interpretativo), e ainda mais agora (atualmente) porque se é só uma questão de factos, para isso já temos as agências de notícias, então não precisam de um corresp, o corresp tem sempre um papel mais de crónica, mais interpretativo, mais de valoração. Portugal explicado para Espanha. Eu tenho sempre que explicar o que é o Centro Democrático Social e explicar que é um

partido de direita (é um exemplo), que o Partido Social Democrata (PSD) que o nome é tb um pouco engano, porque ´um partido de centro, centro-direita, também é um processo geracional: da última vez tive que explicar o que era o PC, escrevi simplesmente "pc" e ligaram-me de Madrid a perguntar o que era o PC... O editor era jovem, então tive que explicar que era o partido comunista. Ele era jovem, e eu acho que também era analfabeta, mas enfim... isso não disse. mas tenho que explicar essas coisas, é digerir a info para o público para quem trabalha, neste caso em Espanha. é verdade, tenho muito mais liberdade porque sou único corresp do El Pais, para um país inteiro (Espanha), então posso escolher os temas que quiser, proponho, claro, depois em Madrid, gostam ou não, e tens que conhecer a linha editorial, mas a liberdade é muito maior em relação/ com o chefe de Madrid, mas também com os políticos de Portugal, ou com os banqueiros, sindicatos, tb maior liberdade. e foi curioso porque um amigo português empresário da Renova, que inventou o papel higiénico preto, disse me que para saber as coisas de Portugal ele lia o El Pais, porque estas coisas estão escritas de forma clara. Eu não sei mais que os jornalistas portugueses (não estou mais informado que eles), mas eu tenho que escrever de forma mais clara.

13) Há pouco, quando dizia que o correspondente tem que ter sempre em mente a atualidade do país em que trabalha, e também a atualidade do seu país (porque tem que escrever notícias que interessem no seu país), quero saber se tem sempre em mente o momento da receção, por exemplo quando pensa que X poderia ser um bom tema para noticiar, tem sempre esse pensamento será que vai interessar os espanhóis, sera que vai interessar os leitores do El Pais. Até, se pensa num tema que você gosta pessoalmente, mas pensa que em Espanha não terá interesse e então decide não propor esse tema aos seus editores?

Sim, é a tua própria vontade, as vezes eu falho, e as vezes é um sucesso. é sempre uma falha ou um sucesso em relação aos outros. se outros noticiam que a madonna fez um passeio a cavalo na Comporta e eu não faça, e publicam nos seus sites e jornais, e têm imensas visitas e visualizações, depois ligam para mim, oi que está a passar que a Madonna esta de cavalo na comporta e nos não falamos disso. Atualmente já não interessa só aquilo que é "importante", tb interessa o que tem muitas visitas. por exemplo a foto de Marcelo de fato de banho, tem imenso sucesso, eu vi essa foto no domingo, mas ninguém achou que isso poderia ter alguma importância. é um detalhe mas estou orgulhoso disso (risos): há dois anos, um avião da Ucrânia acho eu, falhou a aterrissagem e não conseguia

aterrar em Lisboa, foram aviões do exercito português e mostraram-lhe o modelo de aterrar, e levaram-no até ao aeroporto do Beja, era um dia com muitas nuvens e tormentas, e não acontecia mais nada, então informei à secção internacional desse caso de emergência com aviões e no dia seguinte, o Publico publicou as conversas entre os pilotos do avião ucraniano e da torre de controlo do aeroporto de Lisboa e estavam a falar a dizer não vemos nada esta a chover muito e onde podemos ir, o melhor é em Beja que não chove, enfim, e a torre de controlo disse ao piloto do avião ucraniano "onde quer aterrar, no rio ou no mar?", e a conversa continuava. eu no dia seguinte, o meu título foi "torre de controlo a piloto de avião: "onde queres aterrar, no rio ou no mar?", e foram centos de milhares de visitas para essa tontaria. para mim foi um sucesso, estou orgulhoso disso porque é um título perfeito, e o Público tituló coisa completamente diferente como "leiam as conversas entre piloto e torre de controle", bom, isso é um título falhado, e o meu, nesse caso, estava bom. Foi a notícia (que não era notícia, mas enfim) foi a mais lida desse dia, de todo El País. Com o tempo e a idade ganhas experiência nisso, e ficas tu sozinho a pensar nisso, tens essa liberdade enquanto correspondente, que é fantástica.

14) Em relação aos novos media (internet, tecnologias de comunicação...), o que é que mais mudaram na sua vida de correspondente? Na fase da seleção noticiosa, por ex, recorre muito à internet, redes sociais para saber o que as pessoas falam e ter ideias de artigos a noticiar?

Essa é a minha falha enquanto jornalista. Idealmente, eu teria que consultar e estar ligado às contas por ex de Cristiano Ronaldo ou Madonna, ou de António Costa e não estou ligado a nada. É um erro porque muitas vezes são fonte de notícias, ou publicam uma fotografia do filho da Madonna a jogar ao futebol no Benfica, enfim é uma falha, mas eu não estou nas redes sociais, não estou conectado. Tenho conta do facebook e twitter do jornal (El País), e publico artigos e ponto, nada mais. É uma influência nova, porque antes da internet não havia controlo, agora sabemos se há sucesso ou não sucesso, o controlo das coisas que têm sucesso ou não é imediato. Em todas as redações observam sempre o que está a acontecer noutros jornais e sites, se funciona noutro lugar, que a madonna esta a cantar com uma fadista não sei onde, então ligam te a dizer hoje faz alguma coisa sobre a Madonna!, o El Mundo fala nisso e tem imensas visitas. Há um certo tipo de comportamento em função das redes sociais. é perverso. tanto fazes um trabalho sério com temas de política e economia, mas depois tens que fazer essas coisas do Cristiano

Ronaldo que esta no treino, o estilo do cabelo dele, porque senão o jornal vai perder muitas visitas, isso é novo e está por todo o lado, todos os jornais, todos os sites...

15) Portanto, condiciona também os temas que vai noticiar?

Sim, absolutamente, é assim, mas são coisas que fazes em cinco minutos. Há dias em que escrevo 5 artigos e neles, dois ou três estão trabalhadas, as outras são coisas sobre a Madonna que compra um palácio em Sintra. As vezes é mentira, mas tem visualizações, isto acontece. Isso acontece sempre, às vezes sou eu, outras vezes é outro, enfim, o caso do Marcelo, que no domingo vi a fotografia e não houve notícia (não era notícia), e hoje terça, como outros publicaram sobre isso, então também tenho que escrever sobre isso! no domingo disse lhes "há uma fotografia do presidente de calções no supermercado, querem?" e eles "não, não queremos", e hoje querem. porquê? porque outros publicaram e tiveram muitas visitas, é perverso...

há temas (ex Geco) que não cabe na economia, nao cabe na política, então se calhar, pode valer para o suplemento "viageiro" (??) ou para o Cultura, ou para o Mundo Global, para o suplemento Babelia... há imensos produtos. Antes era mais fácil, ou sobretudo mais aborrecido (para mim), era só política ou economia e já está, um correspondente tradicional. mas agr o correspondente tb tem maior liberdade para trabalhar sobre mais temas.

Anexo 4 :

Entrevista Marie-Line Darcy. Largo do Intendente.

1) Qual é a sua idade e há quanto tempo trabalha na área do jornalismo?

Explorar: Como iniciou a sua carreira? Empresas/locais onde trabalhou?

Explorar: Qual é a sua formação?

63 ans, une trentaine d'années au Pt, 28-29 ans dans le journalisme

Études en comm et sociologie mais pas directement journalisme/ et IUT d'information
option Documentation

2) Como e quando começou a ser correspondente?

Explorar: Estatuto (freelance, contrato)? Para quem trabalha? Foi correspondente noutros países?

→ j'ai commencé carrière de corresp. ici, après avoir arrêté un job à la radio Paris-Lisbonne, j'ai opté pour développer mon travail de corresp. Je travaillais ici pour une radio locale, j'avais quelques correspondances, déjà pour RFI et d'autres, et quand radio paris lib finit, j'ai misé sur le travail de corresp.

Je suis freelance dans le statut (pigiste, je travaille à la tâche, pas de salaire fixe) Je suis corresp dans le sens où le média fait appel à moi et uniquement à moi.

Base régulière pcq s'ils me proposent pas, c'est moi qui propose. d'ailleurs je propose pour tous mes médias. le fait d'être correspondante c'est moi qui travaille pour eux, ils ne vont pas demander à qlqn d'autre.

3) Porque é que se encontra em Portugal? (decisão própria ou dos superiores hierárquicos/o que motivou a decisão)

Explorar: Alguma especialização (política, desporto, cultura...)?

Explorar: Que zona de cobertura preferencial (Lisboa, Portugal...)?

→ je travaille de manière généraliste. je couvre tout le portu, sil se passe qq chose à Porto je dois en parler, mais surtout à Lisbonne.

4) Em que consiste, para si, um típico dia/(ou se preferir) uma típica semana de trabalho?

Explorar: Ritmo de trabalho: Quantos artigos, em média, por dia/ semana.

→ difficile de rép. il faudrait dans l'idéal que je fasse 3 productions par semaine, mais la encore ça depend enormement, pcq ya des medias qui payent tres bien, duatres non. je compte plutot en me disant que ce serait bien de vendre un article ou tel sujet qq part sinon pas payer mes factures a la fin du mois, apres ya des themes d'actu ou plusieurs articles sur la semaine, theme fort. en ce moment coronavirus a la fois intense et pas intense, pcq comme cest mondial, tout le monde entier est sollicité, portu est un petit pays, pas tres demande, oui jarriv a placer des sujets, ex le fait que le portu ait accordé la regularization temporaire aux immigrés ça ma ete tres demande jai fait encore un article sur ça auj, jai fait plusieurs appiers ou radio la dessus pcq cetait portugal tout seul la dessus, donc la devenait interessant.

ya des sujets ki moi me paraissent importants, mais par ex le tourisme jai du mal à le vendre la crise dans le tourisme (pdt coronavirus), pcq ya beaucoup de pays dans la meme situation et on ma repondu non pcq d'autres pays l'avaient deja traité ailleurs avec dautres pays, ou pcq cest pas representatif, jsuis pas daccord mais le chef c le chef.

5) Relativamente às suas relações profissionais: costuma trabalhar em equipa ou individualmente? Acontece colaborar com outros correspondentes?

travailler en équipe: ça peut arriver, mais ponctuellement.

Como descreve a relação com jornalistas portuguesas (muita ou pouca colaboração)?

(journalistes portugais) J'en connais pas mal, j'ai une bonne relation avec eux mais je ne travaille pas avec eux. On ne travaille pas du tout de la même manière.

Vous en travaillez pas ensemble, mais est-ce qu'il se peut que, par exemple, vous puissiez recourir à l'aide d'un de vos amis journalistes pour avoir une information, pour avoir un contact... Ça m'est arrivé, j'ai deux ou trois collègues journalistes en qui j'ai confiance, qui m'ont déjà aidée, à qui j'ai demandé des contacts ou des idées, ça m'est arrivé oui ça fait partie du travail des journalistes.

Il y a une très bonne relation entre tous les journalistes en général.

La relation (avec les journalistes pt) est bonne, par contre on ne se fréquente pas beaucoup. Je les fréquente si je suis sur un lieu de travail, je les connais, je les salue, mais ça ne va pas tellement plus loin. Il y en a deux ou trois qui sont des amis.

6) Como descreve a relação com as fontes locais (portuguesas)? abordagem fácil? as fontes oficiais e especializadas mostram-se disponíveis?

→ Très difficile. On a besoin d'avoir recours à elles quand on fait ce métier, de parler directement à la source. Je ne fais pas que de la répétition de ce que je lis dans les journaux. même si je sais qu'il y a certains articles de journalistes que je peux répéter en toute confiance mais c'est aussi à moi d'aller m'adresser directement, quitte à prendre la même source, mais c'est à moi d'aller m'adresser à la personne. Je n'ai pas forcément les mêmes angles, les mêmes questions à poser.

Ces sources, officielles et spécialisées sont très difficiles d'accès, j'ai pensé un peu à la question et l'analyse que j'en fais c'est que c'est un petit pays, les gens compétents, décideurs, ou hauts-placés, ayant de l'autorité pour parler, quelle qu'elle soit, c'est aussi des gens qui sont impliqués dans d'autres choses. Cad qu'un professeur compétent à l'université, il est aussi membre d'une entreprise ou task-force dans un certain dossier, ils ont plusieurs casquettes et ça complique la disponibilité des gens.

Je pense que c'est spécifique aux petits pays, mais je n'ai jamais travaillé ailleurs donc je n'ai pas d'éléments de comparaison, mais je pense qu'en France c'est plus facile de diversifier les sources, sur un même sujet vous avez X experts qui ont travaillé, de près ou de loin, sur la question. Vous allez trouver qlqn à la fac de paris mais aussi à lyon, à grenoble, à marseille..partout. ici, une fois que vous avez fait les universités de lisbonne et celles de porto il n'y a plus grand monde. c'est un exmple. pour dire que les gens souvent

ne sont pas disponibles. cest plus un prbleme de disponibilité et de changement de casquette dans leur tete ils ne savent pas trop sur quel pied danser.

Explorar: Fácil contactar o governo? Fácil ter um investigador ou professor universitário para comentar o acontecimento?

6.1) Les sources du gouvernement...Premièrement on s'en passe très bien, ils parlent tout le temps partout, sont sollicités tout le temps partout. Dans mes papiers, dans le meilleur des cas, je n'ai besoin que d'une citation, à ce moment la je la prends dans un journal ou a la tele. Les 3/4 du temps je n'ai aps besoin de courir derriere le ministre de leconomie. apres il y a des sujets ou j'ai besoin d'eux, par exemple, dans mes papiers de janv-fev, l'histoire du programme regressar, sur le retour des portugais, la j'ai fait plusieurs fois des interviews au secretaire d'état, suis allée a des conferences etc. La ct facile de parler avec eux pcq quand ils veulent communiquer cest facile. La ils avaient un gros interet a communiquer, c tres facile dans ces cas la.

Explorar: As fontes dizem aos correspondentes coisas que não dizem a jornalistas portuguesas? Têm interpretações diferentes?

6.2) Oui pcq souvent nous (corresp) posons des questions qui sont tres differentes dans le sens ou on sinteresse a leurope, le portugal dans leurope, au portugal avec les pays de langue portugaise, portu avec lafrique... pcq les correspondants cest des bresiliens cest des africains, cet des europeens, etc, on a des abords completement differentes qui ne rentrent pas, souvent, dans les perspectives des journalistes portugais. de maniere generale, nous on cherche a aborder des themes transversaux que les portugais ne vont pas faire. Dans des conferences ou des personnes importantes parlent, le sjournalistes portugais posent des questions qui sont tres liees au Portugal, ils demandent aux gens de commenter l'actualité ou ce que dit le premier ministre, cki va se passer etc.. alors que moi je suis venue la pour aprendre la perspective du Portu dans tel et tel contexte, si j'ai loccas de poser une question cest la dessus que je vais la poser

Eva: mais du pt de vue de votre interlocuteur.. esk si vous etiez a cote dun journaliste pt et tous les deux vous posez la meme question, esk la source aurait une reponse au correspondant qui serait differente de celle au journalist pt?

Si cest la meme question? Non.. Il répondrait de la meme façon. C'est surtout que je pense pas que je poserais la meme question. Je veux apprendre des choses qui m'interessent pcq

je vais les transmettre à l'extérieur. Je pense pas que l'interlocuteur en profiterait pour me faire passer qq chose particulier, a moi correspondant.. Je nai pas souvenir de ça. Par contre quand on est un groupe de correspondants étrangers, la oui, ils sont la pour faire passer des choses.

Explorar: É frequentemente contatada ou convidada por instituições/organismos/individualidades portuguesas?

6.3) On reçoit des infos, oui, dans l'espoir que l'on s'intéresse au sujet ou a la question, oui.. On est sollicités, sur des seminaires, rencontres internationales quil peut y avoir, des colloques.. des foires internationales...

Pour certains evenements, oui ils ciblent les correspondants, s'adressent au marché qui les interesse bcp dans le tourisme, aux corresp qui ont des debouches dans les pays qui les interessent.

7) De uma forma geral, como nasce a ideia de um artigo, ou de uma reportagem, ou outro trabalho: é uma escolha feita por si, uma decisão dos seus editores... ?

→ Les decisions sont prises dans les deux sens / les demandes/ propositions (l'éditeur lui propose, elle propose à l'éditeur). Mais il faut que je propose, souvent. C'est majoritairement moi qui propose, pcq le Portugal, encore une fois, cest un tout petit pays, c'est pas un centre ou il y a bcp d'information. Au niveau mondial cest tres petit, en termes de sources, devenements, dinformation qui meritent linteret des grandes capitales. ça n'a rien de dépréciatif, c'est une réalité, du coup il faut que je travaille des sujets qui sont décalés, que je propose des programmes, que je fasse des abords qui sont completement differents de ce qui est sorti à l'AFP par ex.

8) Geralmente, onde vai buscar ideias para os seus artigos?

Explorar: Geralmente, as ideias são-lhe sugeridas pelos editores ou vêm de si?

→ Ça arrive (que ce soit parce que les gens vous parlent de qq chose).. pcq on en a parlé, pcq je suis les réseaux sociaux, pcq je lis les journaux, je regarde un pti peu la tele portugaise, mais surtout les journaux, pour savoir ce qui se passe, ce que les gens font- et

puis ej vais chercher des themes qui ne sont pas vrmt abordés ou qui passent tres vite, des trucs rigolos, differents, décalés.. ça me permet de construire une histoire.

9) Quando realiza uma notícia, pode adaptá-la aos diferentes médias para os quais trabalha? ou faz a notícia para um só média?

Consoante o média que a vai divulgar (seja rádio ou imprensa), tem em mente critérios específicos quando pensa em temas/acontecimentos para cobrir?

→ Très souvent je fais une production pour plusieurs médias. D'abord, pcq ça permet de s'en sortir, pcq ça demande du temps, ça parait facile quand je le raconte mais pas facile dans la réalité. Les medias acceptent, il y a des regles a respecter. je tiens a ce que les choses soient bien faites, si je travaille pour plusieurs radios, je refais un montage pour plusieurs radios, par ex. je ne presente pas la meme chose, c peut etre les memes interlocuteurs, ou je change un peu, mais en general, je reconstruis completement. ça peut etre totalement la meme info, mais juste pas presentee de la meme façon, par ex, sur les immigrés (régularization des immigrés par le gouvernement, en temps de corona) je lai fait pour 2 ou 3 radios, pour jsais pas cmb de journaux.. mais ce nest jamais des copier coller. je reecris, je reconstruis, jelargis, langle est le meme, lhistoire est la meme pcq cest ce quils veulent. par exemple pour cet article jai fait une interview suplementaire, jen avais deja 3, deja utilisées, j'en ai fait une quatrième. Pour enrichir un peu, pcq je n'avais rien de nouveau à raconter et que ça date un peu, je l'ai déjà fait, faut que je relance un peu la machine. Mais je dispatche.. Je travaille en internet, en presse écrite traditionnelle, en radio.. Donc il faut que je décline, et c'est bien quand j'arrive à décliner des sujets un peu forts, c'est moins angoissant et difficile. Il faut savoir que 1m15 en radio ça veut dire 1 interview, voire 2, c'est du travail, et c'est payé 70-80euros, et ce n'est pas un truc que je fais en 5min, il faut que je puisse le rentabiliser.

Esk linverse arrive, cad, selon le media ou vous pensez divulguer l'article. Penser au thème en fonction du média, si cest radio, ou presse.. ? Penser d'abord par le média et non par le thème.

Oui, c une question interessante ça

Oui, ça arrive, pcq'effectivement on n'aborde pas la meme chose en radio qu'en presse écrite. Déjà en radio il faut que je me déplace (presse écrite je peux le faire par téléphone).

Il faut que je rencontre les bonnes personnes, c'est important pcq il faut que je rentabilise mon délacement, pas le droit à l'erreur. C bien que je ne me trompe pas pcq c ce personnage la qui va rentrer dans ma pièce, faut que ce soit la bonne pers, qu'elle soit interessante et quelle remplisse mon truc. Moins grave si cest à l'écrit, pcq la je pourrais tjrs compléter par une declaration que je vais trouver à droite à gauche, la fo que je ramene du son. faut que la pers accepte de parler. Parfois il y a des sujets, sur le moment, sur le vif, je ne trouverai pas la personne en lappelant au tel, cest en allant sur le terrain que je la trouverai, ou c pcq je suis sur le terrain que je trouve la pers.

A la radio faut que je pense si je peux faire ce sujet concretement, esk si je vais la je vais trouver ce son d'ambiance.. ou esk je vais le trouver..

Presse ecrite, trouver le sujet cest plus facile

A la radio ya une contrainte technique et de situation de face a face qui est completement differente, avec des obligations sur les sons d'ambiance. Cette contrainte la tu ne las pas à l'écrit, pcq meme si tu fais sur le moment, tinterview quelqun que tu rencontres comme ça tu ten fous du son kya autour, ten as pas besoin.

Si tu fais un sujet pour une radio, il faut que ton sujet soit realisable. Par ex, j'ai fait une propositions sur les Cantinas, sur la solidarite, elle a ete acceptée. J'ai presenté ça comme "la solidarite portugaise n'est pas un vain mot". Donc jai dans la tete ce que je veux faire, et en fait ça se revele bcp plus compliqué que je ne le pensais,

pour linstant je nai pas la moitie de mon reportage. Cest pour la radio suisse Je pensais que ça allait etre tres facile mais ça ne lest pas. Lá je n'ai pas de délai, ils m'en ont pas donné

mais faut que je maintienne mon rythme, là je l'ai deja commencé disons qu'il faut que je le rende la semaine pro, comme ça je peux passer à autre chose. Et je peux aussi le vendre à d'autres médias.

Esk vos éditeurs/supérieurs hiérar vous demandent quels interlocuteurs spécifiques ils veulent voir dans vos articles?

Non

Oui, sil se pass kek chose et qui a piere pol jak qui est la et quils le savent oui ils menvoient recueillir linfo

De façon plus générale, j'essaie de comprendre si vos éditeurs peuvent avoir une influence sur la façon dont vous faites et organisez vos reportages:

Oui, "j'aimerais bien que tu ne la joues pas trop institutionnel"/ ce serait bien si tu pouvais nous emmener sur un bateau, exemple! parce que je parle de trucs liés à la mer.. ils donnent des suggestions comme ça ou ils ont envie d'écouter, ils disent en passant "j'aimerais bien écouter cette grande chanteuse de fado que j'aime tellement"

Ils peuvent donner des suggestions, mais on est très très libre hein

On est vraiment maîtres de notre travail, même il y a des impératifs: il faut que tu ramènes du fond, c'est à toi de faire ton travail de recherche et de savoir que faut que tu sois sérieuse et que tu ramènes quelque chose de solide. c'est l'expérience, le travail qui te permet de faire- après ça arrive que tu fasses ton coup, ça arrive souvent

10) Quais são os media locais que mais costuma consultar? Os que mais gosta?

--> Je suis abonnée uniquement à Público, financièrement je ne peux pas m'abonner à tous. je consulte tous les jours c'est important pour moi, j'en suis abonnée pour mon boulot. je consulte Diário de Notícias. Observador parce qu'ils sont très bons sur les sujets de fond, société etc, source intéressante

Plus papier que radio, parce que radio ça prend beaucoup de temps, ça absorbe beaucoup, j'ai pas le temps d'écouter la radio. je regarde la télé, surtout des sujets importants, en ce moment je regarde tous les jours la télé (portugaise). s'il se passe quelque chose de très important je me mets sur la télé.

Je zappe beaucoup (parce que...c'est pas énormément fiable..ups) donc j'ai fait gaffe qu'il y a même ce que je vois/entends, je complète avec les autres, surtout ça que je zappe.

les médias français je les consulte beaucoup pour Mundo sem Muros, là je lis en français, je suis abonnée à Le Monde, sur internet, c'est important.

en ce moment je lis surtout les journaux portugais parce que je veux vraiment être focalisée sur ce qui se passe ici,

je donne priorité à l'actualité portugaise. après j'ai des alertes, j'ai ce qui est sorti en français à l'AFP, et ce qui se passe en Espagne, parce que l'Espagne couvre beaucoup le portugais, et parce que l'Espagne est très importante pour le portugais donc il peut y avoir des sujets transversaux portugais-espagnol qui

peuvent m'intéresser aussi. j'ai déjà fait des choses qui étaient traitées entre le Portugal et l'Espagne et je l'ai traité pour la France. la gestion de l'eau, la sécheresse, les incendies.. j'ai déjà fait des trucs qui étaient à cheval que j'ai suivis en m'intéressant à ce que l'Espagne faisait sur ça.

11) Qual é o papel e o peso dos novos média (internet, redes sociais, plataformas digitais) no seu trabalho? Quando procura ideias? Quando procura fontes de informação?

Internet et réseaux sociaux, oui ont changé ma façon de travailler. Ça me fait perdre beaucoup de temps (rires). Au début de ma carrière, quand j'ai commencé il n'y avait pas internet, ça me fait rire parce que ça me replonge dans une manière de travailler effectivement complètement différente. Il n'y avait pas de portable ni internet, ça existait, mais nous n'avons pas eu ces outils on ne les avait pas, depuis quelques 15 ans je travaille toute seule comme indépendante, j'ai vu l'importance que ça a prise, et c'est devenu très important pour moi, d'abord parce que je collabore avec des médias qui n'existent que sur internet, ce qui n'existait pas à l'époque.

Pour trouver des idées, je consulte beaucoup les réseaux sociaux pour savoir ce qui est dans l'air, les thèmes dont les gens parlent beaucoup, voir s'il y a des préoccupations, des choses qui me sont passées à côté et que les gens débattent. c'est important de suivre ce qui se passe sur les réseaux sociaux, oui. Beaucoup Facebook, peut-être pour d'autres raisons, mais Facebook essentiellement, même si j'aime aussi de voir les autres.

Je m'en sers aussi pour chercher des sources, ça aide énormément. c'est très très précieux pour les journalistes.

Ma manière de faire a beaucoup changé, avant il fallait passer directement par les gens, soit parce que ils étaient au gouvernement, soit parce qu'ils étaient à la fac, il fallait contacter les assistants, les assesses, les relations publiques, je le fais toujours parce que j'en ai besoin, mais c'était plus direct, alors que maintenant, c'est surtout plus facile pour les gens lambda, dont on veut le témoignage, c'est plus facile, si on veut quelqu'un qui est professeur dans une école, quelqu'un qui est au chômage, là j'utilise les réseaux sociaux pour les trouver et les contacter. Parce que là, Pierre connaît Paul qui connaît... Je fais marcher mon réseau aussi, les gens qui me connaissent lancent un appel, ce côté réseau fonctionne bien comme source. Avec les réserves habituelles, à

savoir, il faut trier énormément, pcq il y a de tout, je me méfie, je parle avec les gens une fois qu'on me contacte afin de savoir si ce n'est pas juste pcq on a envie de parler avec moi ou me faire perdre mon tps, il faut que ce soit vmt la personne que je recherche.. Cest un travail de recherche quil faut faire.

12) Quais são as fontes mais utilizadas nos seus artigos? (*fontes mediáticas, especializadas, governamentais, institucionais, civis, etc...*)?

Journaux en 1, reseaux sociaux 2

dans mes articles les sources principales sont les gens lambda, les analystes que je trouve interessant.. pcq cest ce qui mets du peps et de la vie dans les articles (gens lambda), on ne peut pas, parfois, passer au-delà de l'officiel, mais pa ex mon papier de ce matin sur les immigrés il a 2 immigrés et 2 responsables d'associations, il n'a rien d'officiel. j'ai demandé hein, mais ils ne m'ont jamais répondu. dans mon premier papier sur le thème j'avais cité le ministre de l'intérieur qui disait qu'il faut qu'on soit solidaire, se montrer humains.. je l'avais cite dans un de mes papiers pcq je trouvais que ça faisait bien, mais j'ai complètement laissé tomber. j'ai demandé info, mais ils ne mont rien donné.

Ce que j'aime c'est l'humain, et c'est la réalité du terrain (les témoignages de gens lambdas), cest les gens ki vont mettre en perspective, avec de la simplicité des mots, mais ki vont etre parlants, ki vont mettre de lemotion, qui vont raconter la realite, j'accorde de l'importance au temoin lambda qui va me parler de ce dont il a vécu. Là cest frustrant de ne pas avoir un immigré qui soit vmt dans la situation et qui aurait pu me dire Ouais trop content, je vais pouvoir, pdt les 3 mois... J'aurais adoré ça mais c extrêmement difficile, faut du temps, en temps de coronavirus cest encore plus compliqué..

Là ces immigrés je les ai trouvés par facebook, réseau facebook, (sa copine est rentree en contact avec moi en me disant, mon copain est bresilien, il est dans la situation..il attend son autorisation de residence) et par les associations.

13) Quais são as áreas em que há mais interesse em temas portugueses? (*política, cultura, sociedade, desporto...?*)

Explorar: *Há interesse, por parte dos medias para quem trabalha, em histórias portuguesas com regularidade, ou apenas em períodos específicos (eleições, crise da troika, etc)?*

Il ne faut pas perdre de vue que le Portu est un petit pays, qui nest pas a lorigine d'informations qui seraient supranationales ou qui seraient importantes pour leurope.. ça veut pa dire que ça narrive jamais, mais ce nest pas eux qui sont le moteur. c un pays tranquille, petit pays, qui nest pas fournisseur de grandes infos, si on sort des incendies, du tourisme, de la crise, etc. un discours de macron et un discours de Costa ne va pas avoir du tout le meme impact, meme si Macron na pas parlé de leurope. C une realité on ny peut rien. ça nempeche pas que, jai fait une intervention a la radio la dessus, recemment, Costa a reagi par rapport au hollandais et ça a ete tres repris en France pcq il a tape du poing sur la table et que ce nest pas tous les jours, donc cest devenu une info.

Dans une annee ça arrive tres rarement ce genre de choses. Cest a nous de trouver des manieres de parler du Portu qui deviennent interessantes (mais ki ne sont pas forcement pcq cest une demarche pro active du portugal, ou pcq ça va influencer le cours du monde, il faut que ce soit interessant sans ces element la, pcq ils influencent pas le cours du monde, ils ont aucun pouvoir, tres petit pouvoir).

Explorar: *O facto de conhecer Portugal cada vez melhor altera a forma como trabalha? (menos ingenuidade e portanto menos criatividade; ou conhecimento aumenta e possibilita mais descobertas?)*

Le fait de connaitre chaque fois mieux le Portu oui change tout aa fait la façon que jai de travailler. qd je suis devenue correspondante, il y a eu une obligation cest que je me mette au portugais, que je puisse etre en tete a tete avec des portu. Jai appris a comprendre comment les portugais fonctionnent, savoir comment les prendre et aborder mon travail en fonction de ça, ya une maniere de travailler qui est differente, les portugais sont des gens quil faut apprivoiser avant dobtenir koi ke ce soit d'eux, une fois k cest fait ça marche bien, mais il faut prendre le temps, cest pas a la parisienne ou cest a la rache et on ne prend pas le temps detablir une espece de confiance. cest super important de connaitre un pays et ses gens pour travailler. je te parle de l'humain pcq cest ça qui minteresse.

Plutôt correspondant qui connaît bien le pays mais peu de distance / ou envoyé spécial qui a un regard neuf?

mon opinion nest pas politiquement correcte. c anonyme les interviews? je vais te reprendre de maniere soft. je pense que cest en etant sur place quon comprend bien ce qui se passe. apres ya des gens qui sont dexcellents reporters/journalistes et qui auront sufisament de curiosité pour comprendre, elargir, et sadapter et voir comment aborder les choses

Mtn en Off: souvent les gens d'abord travaillent avec des fixers (travail de fixing). donc cest les fixer qui font le boulot dans la réalité (le fixers n'est pas tjrs un correspondant, ça peut etre un traducteur ou autre).

si lenvoye special est intelligent, il a lu, il a des idees, il sinteresse a des choses il peut faire un bon travail comme le correspondatn qui est la ça fait lgtps. mais les 3/4 du temps, le correspondant connait mieux ce dont il parle. que quelqun vienne pou faire un articles sur le tourisme (com ça a ete le cas dans le reportage pour france inter, ou MLD a fait fixer, aidant une journaliste qui etait venue pour loccas), moi je connais tellement bien ce sujet, j'ai fait tellement d'artciles sur ça.. elle etait interessante, je pense quelle ma bien ecoutee et pris en compte cque je lui ai dit, elle a bien monté son truc je pense. mais ce qu'elle savit sur ça c'est ce qu'elle en avait lu... et elle avait meme pas lu mes papiers donc heuu.. rires

C'est plutôt rare qu'un envoyé spécial vienne dans un pays et fasse un article complètement tout seul sans l'aide de personne, mais ça arrive. Ça donne parfois.... des résultats surprenants (pas forcément dans le bon sens...),

Par exemple, le sujet dont vous parliez tout à l'heure, sur France Inter, pour moi c'est typiquement un truc qui est fait à Paris, pas un truc qui est fait ici (elle parle des premières questions que j'ai posé, sur les articles parus dans la presse étrangère sur le Portugal en tant qu'exemple dans la lutte contre le coronavirus. elle a répondu non, ces articles ne se sont pas basés sur la production des correspondants présents à Lisbonne. Elle pense d'ailleurs que ce sont des conclusions faites à la hâte set sans fondement, avec lesquelles elle n'est pas d'accord.

C'est simplement, selon elle, que le Portugal a eu la chance d'avoir le virus avec des mois de retard par rapport aux autres pays).

Ces articles, pour moi, sont typiques de quelqu'un qui a lu depuis Paris, il ne sait pas de quoi il parle.

Il y a eu beaucoup d'articles sur les français qui habitent à Lisbonne, les retraités, tout ça, écrits par des journalistes qui sont venus exprès pour écrire sur ça, sans aide, sans fixer, etc. J'ai lu le résultat, et là, ces journalistes ont mangé ce qu'on a bien voulu leur servir. Derrière ça, il y a tout un travail de fond qui n'est pas fait, et ils ont parlé avec des gens qui étaient là pour se vendre. Tu fais un truc sur le tourisme, t'as l'agence immobilière qui vend son beefteck. La télé c'est ça, c'est ça, les rédactions leur demandent un truc et c'est ça qu'il faut qu'ils ramènent, s'il n'ont pas ça, ça ne passe pas. Donc ils viennent, et il y a des demandes de ces gens-là qui veulent travailler avec toi et c'est n'importe quoi (elle se réfère à leurs demandes, à ce qu'ils veulent faire et traiter, n'ont pas compris ce qui se passait, ne comprennent pas le sujet..) certains sont ouverts et acceptent de changer, d'autres pas du tout. Certains ne sont pas du tout préparés. Quand on regarde le résultat on s'aperçoit que la personne ne connaît pas le Portugal.

14) Que aspetos da sociedade portuguesa merecem especial atenção, na sua opinião? Conhece bem a totalidade do país? Por onde costuma viajar? Que regiões conhece? E aconselha? ... Que artista? Intelectual, político gostaria de entrevistar? Ou quem individualidade, empresa, instituição segue com maior atenção?

Je connais bien tout le Portugal, il paraît que je suis une des étrangères qui connaît le mieux le Portugal.

Je voyage pas énormément, je fais un peu plus de voyages depuis que j'ai le site pq j'ai besoin de l'alimenter donc j'ai besoin de voir des choses, faire les choses sur place. Ça n'a rien à voir avec les médias pour lesquels je travaille mais ça marrive de ramener des sujets. J'ai été invitée ou je me suis fait invter parce que je voulais connaître l'évènement culturel.

----> [INTERESSANT] Carnaval à Podence j'ai fait ça dans un Press Trip, qui était organisé. On m'a proposé de m'y rendre pour un Press Trip (QUESTION: QUI LUI A PROPOSÉ ÇA?) Ils invitent les gens qui veulent faire connaître une région par exemple, ou des activités, la ct une region quils voulaient faire connaître. Jy etais jamais allee la. Jai fait un travail radio, et un article internet. Jy suis retournee pour le travail radio. La jai rentabilisé le voyage, je nai pas fait que pour mon site. Ça cest genial, pq jai pas le temps, jai Mundo Sem Muros, plus mon programme tsf qui est hebdomadaire, faut que je sois

la, les deux me demandent du travail, pcq le petit travail hebdo me fait travailler que sur le portugsl, faut que je sache ce qui se passe, cest destine a un public français. et le mundo sem muros cest international pour parler en portugais, et en meme temps produire des articles, pcq cest ce qui me fait vivre, donc des fois je deviens un peu.. donc je voyage oui quand jai le temps, quand je peux, et tjrs avec ce souci de ramener qq chose que je vais pouvoir utiliser pour un media. si jai une v«bonne histoire, un truc a raconter, jai rencontre des gens qui avaient des choses a dire, la campagne cest pas la ville, cest autre chose, voila, .. cest bien pour moi.

ça marrive peu de me rendre a un endroit et de récolter des infos et des temoignages sans avoir pensé à l'avance a une idee d'article et de propositition à mes medias. ça mest arrivé bcp au debut, mais cest contre-productif. jenregistrais bcp de sons, mais javais du mal a ecrire apres, je netais pas encore habituee a travailler les angles, etc. mtn je sais comment je vais le vendre mon article

j aime bcp la tradition, la sociologie autour de la minteresse bcp.

15) Quais são os temas/ acontecimentos frequentemente abordados pelos media portugueses que não lhe interessam?

Explorar: É frequente escolher, como tema do dia/ou da semana, algo diferente da escolha dos media portugueses?

→ le foot (rires) les discours politico-politiciens, pcq au portu on aime bcp parler, repondre (rui rio repond a costa..) partout dans la politique mais ils aiment bcp parler et ça ça echappe complètement a mes medias, ça ne les interesse pas du tout, je le suis avec difficulté, cest tres politicien..un peu un abord provincial de la politique

- cest frequent que jaborde des sujets autres que ceux abordés par les medias portugais, pcq je travaille en programme hebdo ou en radio donc il faut du temps, cest des choses qui jouent sur le temps, je ne suis pas colée a ce qui sest passe aujourd'hui, c pas obligatoire pour moi d avoir un rythme quotidien et d'accompagner

mais fo que je fasse attention pcq sil se passe kek chose de tres fort du point de vue de lactualité, fo que je laisse tomber ce que je fais a cote pour le couvrir, tout virtuellement peut interesser.

je ne travaille pas sur le sport, emme si je fais qd meme des papiers lies au sport, ex CR7 qui achete le plus bel immeuble de LX, ça peut faire un sujet, pcq cest une figure super connue et ça interesse les medias dc souvent c sont eux qui me demandent

16) Os seus editores [CHEFES DE REDAÇÃO] pedem com frequência temas que não considera importantes/ interessantes?

→ oui ça arriev. ou que je ny connais rien ou je nai pas le temps, bien sur. on en discute vaut mieux pas refuser, en tt cas pas tout le temps, pcq je suis payee a la pige donc...voila.. mais parfois je conteste je dis "non non, ça ne sest pas du tout passé comme ça", je raconte lhistoire, ils me disent justement "cest toit qui sait, tu es sur place", cest toi la specialiste. donc parfois je peux refuser en disant ça non, ça ne fait pas un sujet, jsuis pas daccord, pas bon angle.

Quand les éditeurs proposent un thème, comment ils l'ont su/choisi/sont au courant

par les agences, comme france presse, ou reuters, parfois pcq ils ont une alerte.

Eux-mêmes font le boulot de chercher ce qui peut être intéressant à l'endroit où se trouve le correspondant? "J'ai un corresp à Lx, je vais ce qui s'y passe"

ça arrive, pcq ils ont besoin de boucher un trou, pcq le lendemain matin ya kelkun ki doit intervenir a lantenne et ils ont personne, ils ont trouve personne, donc ils appellent leur correspondant, et moi je suis dans le 2eme cerclcel (opinion perso), cad kils vont me proposer en depannage quoi

lautre jour jai refuse pcq ils mapellent à 5h de l'aprem et ct pour le lendemain matin, et ct un sujet que je ne connaissais absolument pas, un sujet faible. je ne peux pas monter 3min d'intervention en radiojv y consacrer plusieurs heures, au pied levé comme ça je ne peux pas.

RFI je ne suis pas tellement dans l'actu, je fais rarement des papiers d'actu, je suis sur les chroniques, les programmes... ça me permet de travailler différemment.

17) Com que frequência as suas propostas aos editores são aceites?

→ mes propositions refusées: souvent non, mais ça arrive

cas: ça ne les intéressa pas, l'ont déjà fait, ne trouvent pas pertinent.. récemment on m'a refusé un reportage 2m35, sur le restaurant syrien, un couple de syriens qui faisaient du take-away pour le personnel soignant (temps de coronavirus). RFI ne l'a pas pris. si je n'y tiens pas plus que ça, je ne me bats pas, sinon ça m'arrive d'insister, et de reconstruire, de me dire que j'ai peut-être mal présenté les choses, faut que je le représente, si j'y tiens bcp je re-fais une tentative, ça arriv et ça marche.

Ça vous arrive de faire un reportage même s'il a été refusé par vos éditeurs?

non, j'vois pas l'interet, j'ai pas le temps, et plus le meme enthousiasme peut etre. par contre ça m'arrive de parler avec des gens si je troive qq chose d'intéressant, de me dire que ça pourra revenir plus tard et servir et à ce moment je le garde en stock pour plus tard. Mais je ne le fais que si j'ai l'impression que je pourrai construire qq chose. les 3/4 du temps ça ne se révèle pas. il faut que j'aie vraiment une histoire, sur des sujets décalés, des moments de vacances où je sais qu'ils ont besoin de sujets légers par ex, des sujets d'animation où il y a dus on, il y a de l'ambiance.

18) A noção de atualidade é tão importante para o correspondente do que para o jornalista na redação? Precisa sempre de ter artigos com temas de atualidade?

oui, mais encore une fois, ce qui esta ctualité ici, ce nest pas actualité pour Paris.

Mais je peux travailler un sur un sujet qui n'est pas actuel ici, et le vendre en france.

je crois que cest lie toujours a cette histoire de limportance du pays (au niveau mondial, et pour les autres pays). les journalistes locaux sont plus attachés a cette notion d'actualité c'est pour ça quils sinteressent plus a tout ce que fait le gouvernement etc, alors que nous non.

nous on est pas dans cette actualité la en permanence (pas celle du Portugal, ou celle que les journalistes locaux cherchent). meme certains sujets que j'estime importants, en actualité, ne sont pas pris par mes sup. Faut vrmt qu'il y ait un impact, soit un cote different, riche par sa difference, par le fait que ça sort de l'ordinaire. Costa qui dit du mal de la Hollande, ça marche. Costa qui va dire on déconfine à partir du 4 mai, juska mtn personne ne m'a rien demandé.. Pcq tous les autres pays ont la meme situation de deconfinement. En plus le 4 mai cest aussi pour la grece, pour lespagne... dailleurs jai

l'impression que c'est la même date pour les pays du sud. d'ailleurs je pense que je vais proposer ça comme sujet, enfin, laxer comme ça : déconfinement des pays du sud.

19) Um estudo feito em 2008, por Ana Luísa Rodrigues, informa que os correspondentes têm “menos constrangimentos na elaboração de estórias” do que os restantes jornalistas. Concorda com esta afirmação e diria que o correspondente pode ter um papel mais interpretativo que os restantes jornalistas?

on a quand même besoin d'être rigoureux, objectifs, pca on rend des comptes à nos rédactions et à nos responsables, donc la rigueur est la même, elle n'est peut-être pas sur les mêmes critères mais elle est la même, on n'est pas moins rigoureux

En tant que freelance oui j'ai une liberté de choix dans mes sujets etc mais pcq je suis freelance, mais envers chaque média j'ai un nombre de constrangimentos, de comptes à rendre. je travaille pour pleins de rédactions, j'ai des contraintes encore plus compliquées que le journaliste spécialisé en politique et qui travaille dans sa rédaction pour une seule rédaction.

je suis plus souple pcq effectivement je suis obligée d'être originale dans mes sujets, fuir le truc évident. il faut que je bouge, que je trouve des idées, parfois souvent j'en ai pas. mais je travaille avec des gens et j'ai intérêt à faire gaffe à ce que je fais, c'est même épuisant, je ne peux pas me permettre de traiter un truc à la légère.

je pense que je me débrouille pas trop mal pour faire passer ce que je veux passer (comme message), en même temps j'essaie tjrs d'être souple, pcq j'ai mes opinions, mes convictions politiques etc et j'essaie de ne pas être influencée. d'un autre côté j'ai une prédilection pour les sujets sociaux, de société .. de ma formation et de ma personnalité. je travaille avec des gens qui sont aussi intéressés par ces sujets. je ne vais pas travailler avec des gens qui n'ont aucun intérêt dans les sujets sociaux.

20) Até que ponto é que se considera representante dos interesses do seu país/governo/população? Sente-se livre para interpretar esse interesse? ou orientado/forçado por interesses oficiais, políticos ou económicos?

→ les correspondants, je ne sais pas, mais moi non. je ne me considère pas représentante des intérêts du gouvernement de mon pays. je sais que je suis française et qu'on me regarde comme ça et qu'on s'adresse à moi, surtout dans les choses officielles, en tant que française, j'en joue aussi quand j'en ai besoin en disant "ne vous inquiétez pas, ça va sortir en france", mais moi je ne représente rien ni personne. je refuse d'ailleurs.

Avez-vous qd même une arrière-pensée en vous disant que votre article va sortir en France et donc il faut que je cherche ce à quoi la France s'intéresse par rapport au Portugal?

non, pas du tout.

vous pourriez être correspondante pour l'argentine et travailler de la même manière?

bah oui. moi je parle du Portugal, donc forcément. pour moi ce qui est important c'est que je puisse retransmettre et expliquer et donner à comprendre ce qui s'est passé ici, à des gens qui n'en savent rien, quelles que soient ces personnes. mes lecteurs sont lambda.

ex je travaille pour la croix, je suis anticléricale mais ils ne le savent pas (rires), je travaille seulement pour le service international, c'est un journal catholique tout le monde le sait, ils ont un excellent service international et ont des abords/abordages? très larges et intéressants sur l'humanisme, ils abordent des questions que très peu de journaux en France abordent. Donc c'est très intéressant de travailler pour eux pcq justement ils ont une manière d'aborder les choses extrêmement intéressantes et riches. mais peut être que quand ils reçoivent mes articles ils aiment pas ce que j'écris et se disent "putain c'est encore une gauchiste qui a écrit ça", je m'en fous totalement.

c'est mon opinion très personnelle, mais il me semble qu'un bon correspondant travaille de la même façon indépendamment des médias et pays pour lesquels il travaille. le choix des articles ne part pas d'une supposition de ce que les lecteurs dans un quelconque pays veulent lire, mais de ce qu'il pense qui est intéressant en soi dans le pays où il se trouve et travaille.

je te donne l'exemple d'un de mes collègues, João Carlos, black, il travaille en portugais pour la Deutsche Welle, qui s'intéresse bcp à l'Afrique. Donc dans ce département en portugais de la DW, pour l'Allemagne, ils parlent bcp de l'Afrique. il a énormément de sujets qui sont liés à l'Afrique, ici. Il a des sujets qui m'intéressent aussi de temps en temps, je les fais pour RFI, pcq'ils ont aussi un département africain.

Je représente les intérêts de la rédaction pour laquelle je travaille, qui s'adresse à un public spécifique. Si on traite tous les deux l'incendie, que ce soit pour la DW en portugais ou pour RFI en français, on peut et on va l'aborder de la même manière, avec nos différences, nos points de vue, nos angles, nos interlocuteurs.

je réfléchis plus à ce qui peut être intéressant ici, que ce qui peut intéresser un français. Je n'y pense d'ailleurs pratiquement jamais "esk ça va intéresser un français". À l'inverse, par ex, l'autre jour j'ai fait une proposition au Luxemburger Worst, assez factuelle liée à un événement, et Gaston, le chef de rédaction m'a dit "mais ML posez vous la question de ce qu'un lecteur du LW a envie de lire" et du coup je me suis dit, tiens c'est marrant pcq moi je ne me pose jamais la question comme ça, [INTERESSANT] je ne connais pas le journal, je ne connais pas le Luxembourg, je sais pas qui sont ses lecteurs, je crois que c'est lié à un truc catho encore, j'crois q c'est un truc catho mais moi ils ne m'ont jamais rien demandé là dessus

[donc dans ce cas, correspondant choisit ses thèmes à titre personnel, sans tenir compte du potentiel lecteur, du pays, du journal, etc]

alors j'ai compris, c'est peut être trop institutionnel pour les lecteurs.. et le fait qu'il me pose la question ça m'a remis.. effectivement c'est spécial (le Lux), c'est un petit pays, c'est un journal local, vision assez locale de l'info, alors esk je suis partie dans un grand truc, qui passe à côté de l'intérêt des lecteurs peut être

Je m'attendais à entendre, de la plupart des corresps, "quand je cherche une idée/thème de reportage, je me demande avant tout, kesk les français/autres veulent lire/savoir" et en fait je me rends compte q c'est possible de ne pas penser comme ça. (elle se demande simplement cki est intéressant au portu, pas du pt de vue du lecteur)

on narrete pas de me dire que quand je suis publiee sur internet, mes articles arrivent souvent en top des plus lus. (parcequ'elle s'interesse simplement a c'ki est interessant, particulier? et ne detourne pas ou se laisse influencer par les supposés interets de machin) alors esk c pcq j'ai parlé de l'humain par ex, esk c pcq les gens ont decouvert des choses qu'ils ne savaient pas et ça les interesse, esk c pcq cest des lecteurs portugais aussi en france, je sais pas ya pas danalyses qui sont faites

jme dis le Portu c super interesant, c une maniere detre super different de ce kon croit, ya des choses tres surprenantes qui continuent a me surprendre 30 ans apres, il faut en parler, fo ke je trouve un sujet, un angle..

par ex en ce moment le sujet sur la violence domestik a cause du coronavirus jv pas le faire (meme si c interesant) mais pcq tout le monde en parle au nivo mondial

- Quem são os principais concorrentes atualmente para os correspondentes estrangeiros? Porquê?

→ C une bonne question (réfléchit)... je dirais que, que ce soit pour les correspondants ou n'importe quel autre journaliste, la concurrence ce sont les reseaux sociaux effectivement, et ce qu'on appelle de plus en plus le journaliste-citoyen. Oh, ça ça me fait bondir!! comme tous les journalistes, pcq on s'aperçoit cmb c'est dangereux, pcq deja le journalisme en lui meme cest dangereux pcq il y a une telle pression pour faire du sujet sensationnaliste, du copier coller, une telle pression sur les journalistes qui sont de moins en moins bien payés, de moins en moins sûrs, ça devient difficile.. le journaliste cito, c'est un concept qui n'a aucun sens. par definition il n'est qu'un citoyen alerte, ok il est citoyen, mais l'associer et lui doner le caractère de journaliste, çad de source fiable, je suis contre. pcq je ne sais pas qui c'est ce citoyen. si je suis journaliste, qu'il y a mon nom et que j'ai signé l'article, on peut me demander des comptes, je dois être en mesure d'en rendre. si je bidonne et raconte n'importe quoi, si je mets une photo.. j'ai intérêt à pouvoir rendre des comptes. ça nous arrive d'ailleurs souvent. c'est ça un journaliste, c'est qu'il a un devoir de se responsabilizer sur ce qu'il transmet.

le journaliste citoyen (et le réseauteur) ne se mouillent pas/il ne se resopnsabilise pas. ils n'ont aucun compte à rendre. qui va venir lui demander des comptes? au pire il se fera assassiner sur facebook.

Par contre qu'il y ait un véritable travail fait par, et sur internet, si c'est par un journaliste, ça oui je suis d'accord.

Moi même je travaille en internet,

si tu fais tout par internet (même sans te déplacer, en étant corresp), mais que tu fais tout par internet dans les règles du journalisme, tout va bien

si j'écris pour l'internet c'est quand même un travail de journaliste, je suis journaliste, c'est différent d'un travail de blogueur

les nouveaux médias ne sont un danger que dans le cas où l'on accorde de la crédibilité et on puise sa source et on fasse référence uniquement aux journalistes citoyens

mais en soi-même les nouveaux médias ne sont pas un danger, c'est un média, c'est un "nouveau" média simplement.

Par contre beaucoup de gens considèrent que c'est gratuit, ce qui fait qu'il y a une dévalorisation de la production directement pour internet qui est extrêmement grave. On tend à considérer que la pige pour internet est moins chère. Pourquoi donc? je fais exactement le même travail. C'est parfois beaucoup moins bien payé. Ceux qui sont pressés à la base et on leur site sont généralement plus sérieux, ils établissent un barème et sont sérieux. Par exemple, RFI qui ne faisait pas du tout d'écrit, s'est mis à Internet parce que tout le monde utilisait Internet, et donc demandent à ceux qui veulent bien d'écrire directement pour internet, ils ont établi un barème au feuillet, comme pour un journal. Barème très correct, ils considèrent que c'est un journal, parce qu'il y a la même demande de travail qui est faite.

fake news/journaliste citoyen: le journaliste derrière est dévalorisé

Quand j'écris pour un site, j'y mets mon travail de journaliste, mais je n'ai pas besoin d'aller aussi loin. Mais je veux être rigoureuse parce que je me considère journaliste même là.

Pendant coronavirus: je chasse les fake news et j'y passe un temps fou, y'en a beaucoup. Je me suis mise à faire un point quotidien, pour les français vivant au Portugal, pour que ce soit clair ce qui se passe au Portugal, y'a trop de fake news. Je fais ça bénévolement.

Anexo 5 :

Entrevista João Carlos. Avenida da Liberdade.

Quanto tempo no jornalismo?

desde 1978- 42 anos

Comecei em S.Tomé, fizemos parte da primeira geração de são-tomenses que foram mobilizados para trabalhar na área da comunicação social, depois da independência, portugueses saíram e meios de comunicação social ficaram praticamente sem gente formada

fizemos formação local e aprendemos no terreno

depois: estudei em Portugal e fiz seminário na Alemanha

normalmente as pessoas vão para a universidade e depois é que ingressam na profissão. nós fizemos o contrário

saímos do liceu e preparávamo-nos para vir estudar fora, mas por imprevisibilidade da situação fomos mobilizados, ficámos a trabalhar e depois é que estudámos

comecei na imprensa escrita, jornal local, depois passei para a rádio nacional, e daí fiz parte do projeto da televisão experimental que foi implantado em São Tomé com cooperação portuguesa (tv experimental, hoje é TVS, antes era TVE, como a imitar Espanha - risos).

Como é que se torna correspondente, há quanto tempo?

quando trabalhava na comunicação social fui convidado para ser correspondente da Voz da América (em São Tomé, média dos estados unidos). VOA Voice Of America

fui o primeiro correspondente, depois da independência, da VOZ, em São Tomé. havia colegas da BBC... São Tomé começou a despertar interesse, as rádios internacionais procuravam sempre um ponto de contacto para esses países.

Isso foi há quanto tempo?

sai de São Tomé em 1991, digamos que foi em 1980...

Tornou-se então rapidamente correspondente, logo depois de começar a carreira de jornalista

exatamente

mas sem grande experiência, começámos a trabalhar no terreno sem ter formação universitária.

quando vim para Portugal em 1991, venho com objetivo de fazer formação mas acabo por decidir ficar, decisão própria porque não havia liberdade de imprensa em São Tomé, na altura ainda era um regime um pouco fechado, anos 80, ainda era regime de partido único, e tendo sido mt pressionado, como correspondente da VOA, acabei por decidir ficar em Portugal. (quando sai de São Tomé deixo de ser correspondente para VOA) eles arranjam outra pessoa se tu na tas la para fazer reportagens semanais, eles arranjam outra pessoa. tomei outra decisão, afastei me daquilo e vim correr o risco de trabalhar em Portugal. fiz formação, estive na RTP, estive tb no Cenjor, e depois comecei a colaborar com o Diário de Notícias, e fui convidado para trabalhar para a Voz da Alemanha, através de um amigo. o convite que recebo em Portugal para trabalhar como correspondente é para trabalhar para a Voz da Alemanha

Porque é que voz da Alemanha teve interesse, naquela altura, em ter um correspondente ca em Portugal?

Portugal na altura, e já antes disso, era considerado uma espécie de plataforma, por onde passam os dirigentes dos países africanos, de língua oficial portuguesa... plataforma tb porque muitas coisas que saem daqui (que acontecem aqui) tem a ver com Africa.

muitos eventos realizam-se aqui, mesmo a relação entre Portugal e os outros países era matéria que despertava interesse. radio por exemplo trabalhava muito em aspetos ligados à cooperação entre Portugal e Africa, Portugal Africa e Alemanha....

O interesse parte dai, pela posição que Portugal tinha como plataforma de ligação entre esses países

Na altura qual era o interesse da Alemanha em ter informações sobre continente africano?

A Deutsche Welle tem emissões internacionais, em 30 e tal línguas, uma delas é língua portuguesa, e o foco era os países de língua portuguesa pela relação que Portugal tem com

Africa e pelo interesse que Alemanha tem em africa. portanto especificamente em relação aos países africanos, o interesse da Alemanha está mais virado para angola e moçambique (porquê?) - interesses económicos não é, relações entre Alemanha e angola, moçambique justifica-se pelo potencial que esses dois países representam (ainda atualmente?) - até hoje. A DW mantém as emissões em língua portuguesa, a BBC acabou... a RFI não sei se ainda mantém... a VOZ da Alemanha continua a manter as emissões em língua portuguesa para Africa (Voz da Alemanha é então a DW!!!), portanto pelo interesse que esses dois países têm

Queriam então um correspondente em Portugal mais por um interesse focado em Africa (e Portugal sendo a ligação para Africa) do que propriamente Portugal?
exatamente

Também não tinha nada a ver com o fim da ditadura...?

...não, no meu caso concreto. houve colegas que trabalharam mt esse período, antes do 25 de abril e mesmo depois do 25 de abril houve colegas muito focados nesse aspeto. No caso da DW, o interesse era mais por aí (o que eu/Eva acabei de resumir) não passa tanto por aquilo que acontecia em Portugal.

mas há um período particular, vale a pena destacar, período da crise, 2011-12... aí começámos a fazer...por causa do resgate (troika?), fizemos muitas matérias sobre Portugal, por causa da conjuntura económica e social, mais por aí, os reflexos da crise... percorremos Portugal inteiro a fazer reportagens. portanto aí o foco era mesmo Portugal. claro que depois do fim do resgate, esse interesse diminuiu, mas foi um período muito produtivo, porque período em que fizemos mais reportagens, mais matéria sobre Portugal, claro sem deixar de fazer também sobre Africa.

Quando diz Africa... ?

quando digo Africa... são os países africanos de língua oficial portuguesa, com maior incidência em Angola e Moçambique, não quer dizer que não se fale dos outros países. há aí um grau de interesse qe se pode estabelecer por escala. Angola, Moçambique, depois Cabo Verde, Guine Bissau por causa do conflito, da crise constante que se vive naquele país, depois veem os outros. as emissões ganham outra dimensão quando se cria comunidades dos países de língua oficial portuguesa CPLP, portanto ai não falávamos só

de países africanos, falávamos tb de Timor-Leste, tínhamos correspondentes em Macau tb, porque Macau é uma espécie de plataforma económica também, (brasil?) sim brasil também... depois vais perceber porque é que se fala de Macau. Portanto as emissões passaram a ser mais abrangentes, mesmo o site... havia emissões em língua portuguesa para o Brasil, criaram um site só para o Brasil, separado de Africa, há uma divisão aí, e isso reflete o interesse que a DW tem pelos países de língua oficial portuguesa, incluindo Portugal.

Para além destes meios, trabalhou para outros, enquanto correspondente?

Voz da América em S. Tomé e Voz da Alemanha em Portugal, é claro que colaborando tb para alguns meios portugueses, o Diário de Notícias. Acho que já fiz coisas para o JN... mas coisas muito pontuais.

(Não trabalhou noutros países enquanto correspondente)

Correspondente oficial da DW / estatuto freelance?

estatuto freelance, mas sou dos mais antigos, o que não é coisa normal... talvez seja por reconhecimento ao trabalho que tenho vindo a fazer. agora com esta história da Covid estávamos a pensar que íamos deixar de trabalhar com a DW, mas numa conversa recente com o chefe de redação ele disse "não, não, vamos continuar a precisar de ti em Portugal. Não há aqui corte de emissões, há apenas redução da emissão, mas vamos continuar a precisar de ti", portanto acho que é um pouco na base da confiança....

não há um contrato oficial... porque na Alemanha tens os "livres", que aqui chamamos "independentes", que prestam serviços pontuais e os correspondentes são quase todos livres, não há um correspondente com contrato que eu saiba. tens as pessoas com contrato, mas que trabalham na redação, numero reduzido.

Tem alguma especialização, secção específica?

sociedade, política, economia e cultura. desporto não. porque desporto é feito por outra pessoa, é uma área específica, qualquer pessoa não faz desporto. mas já fiz coisas, acho que durante o mundial, aqui em Portugal, já fiz coisas muito pontuais, não é a minha área. mas por exemplo quando Portugal Alemanha jogava, nos fazíamos as reações, a partir de lisboa, são coisas mt pontuais, mas não é a minha área.

Como é uma semana/dia típico, em termos do ritmo de trabalho?

temos que tomar em conta que as emissões da DW são diferentes das emissões da RDP, que trabalham 24h sobre 24. A DW trabalha 24h/24h mas com emissões repartidas ao longo do tempo, ou seja, o bloco em língua portuguesa tem um espaço muito limitado. Nós temos emissão que antes era de 45min, foi reduzindo, passou a 30 e agora é 20min. tendo em conta esta condicionante, não é possível termos (os correspondentes) um ritmo mt intensivo. tanto mais que somos muitos. um trabalho de 20-30min não absorve o trabalho de todos os correspondentes. portanto há uma planificação semanal que é feita com base nas propostas que os correspondentes fazem. todas as segundas-feiras enviamos as propostas, há uma reunião de programação da redação (em Bonn? na Alemanha) e eles definem os temas que entram ao longo da semana, independentemente da atualidade. a atualidade está em primeiro lugar. todas as semanas tenho que fazer propostas (segunda-f), e se proponho 5 matérias, as 5 matérias não são aprovadas, eles fazem uma seleção porque a emissão não absorve tudo, e há que ter em conta o foco que é africa, moçambique, angola... onde há coisas muito mais interessantes.

há semanas em que posso não escrever nada. vamos por de parte aquele período da crise, em que havia muita coisa a relatar, e tínhamos uma missão e um espaço muito maior, podia fazer numa semana 3 ou 4 matérias, independentemente dos features. na altura tb tínhamos emissão ao fim de semana, embora mais virado para o desporto, e cultura, mas havia essa abrangência. com essa limitação hoje em dia, não vamos falar desse período do corona (risos), mas de janeiro até março, ao longo da semana podes fazer duas ou 3 matérias mas ... não há um ritmo acelerado, rigoroso e imposto pela dinâmica da emissão, porque essa emissão é limitada. mesmo assim o editor fica a braços, porque há muitas coisas a acontecer, e eles têm que fazer uma gestão do que é mais importante.

(essa emissão da W de que fala sempre é uma emissão específica direcionada para uma determinada região, nesse caso para africa).

Faz tudo sozinho?

faço tudo sozinho

em termos de radio faço tudo sozinho

nos como correspondentes estivemos em Bonn, a fazer formação como correspondentes, por causa dos digitais não sei que (anos 2014, 2013...2012 não sei exatamente), a DW

começou a apostar no online então tivemos que fazer formação, porque antes, as nossas matérias eram feitas por telefone. passamos ao digital e foi preciso fazer a formação.

Essa passagem mudou alguma coisa na forma como seleciona notícias? havia temas que tratava com facilidade e já não, ou que não tratava e agora torna-se mais possível?

não mudou... o que muda aqui é a forma de trabalhar. e há uma exigência, que é o correspondente ter que acompanhar essa evolução, quando se passa para o digital, para o online, tive que me esforçar para entrar no novo sistema, claro que fazendo mais trabalho. porque? porque não era só gravar as entrevistas e editar as entrevistas, além de gravar e editar, e fazer a reportagem, tb temos que fazer as fotografias, há matérias que tem que ser acompanhadas de fotografias porque vão para o online (são feitas por si tb as fotos? claro) quando fizemos a tal formação tb fizemos uma formação na área de fotografia, fomos todos dotados de equipamentos, para trabalhar tb na área da foto, tanto no estúdio, como na camara fotográfica, gravadores, microfones, e tivemos que nos desenrascar. há é mais trabalho, é um outro problema, não diminuiu a carga de trabalho, impôs mais responsabilidades e mais trabalho sobre nos, temos que acompanhar.

Tem relação profissional com jornalistas locais portugueses? colabora com eles? quando precisa de um contacto de uma dica, entra em contacto com eles?

e vice-versa (risos). é normal, é frequente. alias, ao longo destes anos todos fui conhecendo muitos colegas, fui trocando muitos contactos, encontramos-nos nos locais de serviço, de reportagens, trocamos impressões, muitas vezes ha jornalistas que tentam saber de ti o que há de novo, em relação a um determinado facto...

(réponse différente des autres correspondents, qui ne travaillent pas avec/sur des pays de langue officielle portugaise/anciennes colonies)

Mas diria que isso é específico ao seu caso? outros correspondentes disseram que se dão bem com jornalistas locais, mas que não há colaboração nem relação profissional. acha que por trabalhar sobre países de língua portuguesa tem uma relação mais forte com jornalistas locais?

é um pouco tb por isso, sim. mas acaba por ser uma fonte para nos. temos que colegas que sabem de determinados contactos que nós não temos, eu por ex, no meu caso, tenho contacto com alguns colegas que me facultam alguns contactos. e muitas vezes eles tb

precisam e estabelecemos diálogo... não é uma relação muito frequente, mas quando é necessário ... não há problema nenhum

Fazer uma peça juntos?

na na na... isso não, porque temos peças muito específicas com características que diferenciam daquilo que é a forma de trabalhar da imprensa local... alias, nos na DW, porque temos um espaço mais limitado e estamos confrontados com o problema da qualidade, a nossa velocidade é mais lenta no sentido em que, enquanto outros órgãos estão constantemente a emitir, e a noticiar, nos temos que estar atentos aquilo que vai acontecendo para fazer uma abordagem diferente. utilizamos muito a análise, digamos que há uma informação relacionada com "resgate" em Portugal, nós não vamos noticiar o resgate, vamos falar do resgate, mas comentando, por exemplo quais são os efeitos que isso tem para os portugueses, portanto dando sempre outra perspetiva.

quando a nossa matéria vai para o ar, já os outros a noticiaram. há essa preocupação de diferenciar sempre em relação aquilo que os outros já disseram. isso é uma das nossas características.

daí que fazemos muitas reportagens, e fazíamos muitos features, eram matérias de 10-11 minutos, aí era possível aprofundar. (Features são matérias que produzíamos e que saíam e que não têm nada a ver com o padrão da matéria noticiosa, a nossa matéria noticiosa e reportagens para emissão, para noticiário, são matérias de 2-3min. o feature demora 11min, é uma reportagem mais alargada.)

Recorre frequentemente ao testemunho da população no geral, das pessoas comuns?

Portugueses falam facilmente e abordagem fácil?

eu vivi essa experiência muito durante o período do resgate, era preciso ouvir as pessoas, era preciso fazer vox pop, etc. havia momentos em que as pessoas não falavam. ir a rua e fazer vox pop somos confrontados com essa situação de uns quererem falar e outros não. mas isso é uma coisa que o jornalista gere. se alguém não fala, vai sempre à procura de alguém que fala. mas nunca senti muita dificuldade em falar com as pessoas, e nem faço aqui qualquer termo de comparação com São Tomé. Estamos numa sociedade onde as pessoas têm outro nível de formação, são mais abertas, é um país onde se fala à vontade, pondo de parte casos muito pontuais, não enfrentei muitas dificuldades nesse sentido.

Mas usa essas fontes nos seus trabalhos?

sim, sim, sim. é uma das formas para enriquecer as matérias que fazemos, enriquecer diferenciando.

é um dos elementos que usamos para nos diferenciar daquilo que é uma notícia de rádio, de tv... temos que introduzir sempre um elemento novo. portanto, ou falamos com alguém na rua para ter a reação da pessoa, ou falamos com um economista, consoante a matéria, falamos com um sociólogo, depende do contexto.

mas vamos sempre à busca de alguém, e fugindo um pouco à abordagem oficial. não dependemos só das fontes oficiais.

Fontes governamentais e especializadas: como descreve a sua disponibilidade? procura-as muito?

uso muito, não... uso quando é necessário. a nível da imprensa estrangeira, temos uma associação, eu sou membro da associação (de correspondentes estrangeiros) desde que vim para Portugal. a associação sempre teve a preocupação de estabelecer relações com as instituições, com o poder político, com o governo...

Não é uma relação que se faz individualmente então?

não, não, é a nível de grupo. independentemente do contacto que possa ter com alguém, com um deputado, um político, ou alguém do governo. mas tratamos de estabelecer boas relações com o sistema, de forma a abrir-nos as portas. temos acesso à lista dos assessores de imprensa, quando há um governo que é nomeado, uma das coisas que organizamos é a lista dos assessores de imprensa, é o nosso ponto de contacto.

E eles falam facilmente, respondem facilmente?

hhhhmmmmmmmmmm..... em certos casos há uma espécie de bloqueio... casos muito pontuais, há um ou outro assessor de imprensa que não facilita, ou porque o ministro não está disponível, ou porque é uma matéria que não querem responder, não querem reagir, mas de um modo geral, não há muita dificuldade em falar com alguém do governo, ou com pessoas ligadas aos partidos políticos. na fase das campanhas, organizamos muitos encontros com pessoas ligadas a política, ou com as eleições. temos encontros aqui no Palácio Foz com candidatas... Portanto há esse esforço por parte da associação em estabelecer essa relação. É uma forma de quebrar essa dificuldade que muitas vezes temos se trabalharmos de forma isolada. uma coisa é trabalhar de forma isolada, outra coisa é

através de uma associação, o acesso é muito mais facilitado, porque a associação é reconhecida.

Há correspondentes que não fazem parte da associação?

Sim... não sei quantos. é livre. mas eu considero que fazendo parte da associação, muitas portas abriam-se porque é a associação que dá a cara. nós quando falamos com alguém que é convidado pela associação, o acesso é imediato. muitas vezes, se a pessoa faz esse contacto a título particular, por telefone, se não te conhecem a dificuldade pode ser maior. mas contornamos sempre isso.

No caso em que todos os correspondentes, em grupo, entrevistam a mesma pessoa, a produção dos correspondentes tem o mesmo conteúdo? acontece frequentemente haver entrevistas em comum?

acontece muitas vezes, não digo entrevistas, são conversas... Entrevistas normalmente é bilateral. São conversas em que cada um aproveita como quiser, consoante a abordagem que vai fazer. Tivemos, por exemplo, recentemente, um encontro com a Ana Gomes, mas foi para falar de Portugal de um modo geral. É claro que tudo aquilo que a Ana Gomes diz pode não interessar-me, mas ser interessante para o meu colega do lado. Eu só utilizo aquilo que me interessa. Ou seja, quando coloco uma questão nesses encontros, uma espécie de conferência de imprensa, o outro colega não se vai aproveitar da questão que eu coloco. (MAS PODE?) Mas pode. Tenho um colega alemão, que também trabalha matérias sobre África, de vez em quando, e aproveita. Mas aí não há conflito nenhum. Agora, se eu quero exclusividade, faço contacto à margem daquele encontro. Ou posso combinar para mais tarde, aliás há colegas que fazem isso, à margem do encontro pedem declarações, porque aí querem exclusividade.

A iniciativa parte geralmente da associação, a de fazer um encontro.

Temos um contacto permanente com a sociedade portuguesa, a nível da governação, a nível de parlamentos... com alguns deputados, políticos.

Nunca há essa iniciativa da parte de um político? que tem alguma informação que quer dar aos correspondentes, e organiza então um encontro?

Sim, também. Também já aconteceu. Estamos abertos a tudo. É claro que, por exemplo, na fase de campanhas, não podemos fechar a porta... Se há um partido ou candidato que

se quer apresentar à imprensa, não podemos fechar a porta. Se alguém recusa ir ao encontro... Pode fazê-lo. Lá está, há encontros onde eu não estive, não me interessa.

De uma forma geral, a população portuguesa (governantes e população local) tem uma atitude/interpretação diferente quando faz face a correspondentes e quando face a jornalistas locais? dizem coisas diferentes? por terem consciência de que o que dizem aos correspondentes vai para fora?

Não consigo avaliar isso (risos). Tanto podem falar para um jornalista de imprensa internacional como para um jornalista nacional... Esta precisão de que o que vem de fora tem maior impacto. Talvez esteja na cabeça das pessoas, mas isso não consigo medir. Mas quando alguém sabe que está perante um jornalista da DW, ah, tu notas que há simpatia.

No sentido em que um político fala com um jornalista local, sabe que a info vai ser espalhada a nível nacional. o mesmo político fala com correspondente de outros país e sabe que a info vai ser espalhada na Bélgica, isso pode orientar aquilo que vai dizer? dizer coisas diferentes consoante o média interlocutor?

Sim, isso tem a ver com o interesse que cada um define quando quer transmitir uma info, fazer uma comunicação... Vamos convidar os órgãos da imprensa internacional porque queremos que isto tenha impacto lá fora. Quando se quer fazer a promoção do turismo português lá fora... Já tivemos encontros com figuras ligadas ao setor do turismo, porque há uma estratégia de promoção do turismo português e então a imprensa estrangeira/internacional é um canal ideal para o fazer, e há esse contacto. Portanto depende muito dos objetivos. Isto não quer dizer que o jornalista esteja dependente de isso, ele pode conceber a sua matéria sem depender do secretário de estado de turismo ou do ministro da economia. posso decidir abster-me de qualquer figura de poder na minha reportagem. se precisar de uma declaração do ministro da economia ou do secretário de estado de turismo, vou à busca. Independentemente de momentos em que somos convidados para ouvir falar de uma estratégia de promoção do turismo português, fora de Portugal. Pode parecer que nós dependemos muito de políticos, de ministros, mas há aqui uma interação, tens que equilibrar, não depender disso, mas tb não virar as costas.

A maioria dos correspondentes que entrevistei disse que a grande parte das suas "testemunhas"/ fontes, não são políticos, mas sim população comum. não procuravam tanto a abordagem dos políticos

Sim, por vezes precisamos apenas de uma declaração e aproveitamo-la da televisão, da Lusa. Acontece. Isto para não transformar a peça numa peça muito ofensiva. É a tal questão da independência. Temos que ter alguma independência, sem virar as costas/fechar as portas quando somos procurados.

Seleção noticiosa: como nasce a ideia de uma matéria/peça?

Há aqui uma multiplicidade de fontes. As redes sociais passaram também a ser uma fonte, antes não dependíamos muito da agenda da Lusa, dependíamos muito daquilo que um amigo, ou um colega da imprensa portuguesa nos informava. Com o surgimento da Internet, as redes sociais passaram também, no meu caso, a ser uma fonte de informação.

Há então mais fontes agora do que antes?

Sim sim. Temos que estar também sempre atentos ao que se diz na rádio, na televisão... Não todas as televisões, as 3 fundamentais, a RTP, a TVI e a SIC. Há essa preocupação de diariamente acompanhar o noticiário. (acompanha tb muito a atualidade africana?) Por exemplo, eu vejo muito a RTP África, e oiço a RDP África, também por isso. No fundo, é para estar a par do que acontece lá e do que pode estar a acontecer aqui. Independentemente das evoluções que temos via amigos, ou pessoalmente, ou através das press-releases. Ainda hoje, já engoli na minha agenda um acontecimento que vai ter lugar na segunda-feira, mas foi através de um press-release que me chegou às mãos. Há uma coisa que vai acontecer segunda-feira na CPLP, então é uma fonte que nós temos.

Parece que no seu caso, a atualidade (a carga de trabalho) que tem de seguir é ainda maior que para os outros correspondentes (alemão que trabalha para Alemanha em Portugal).

Claro que isto demora mais tempo não é, mas não é uma questão de carga de trabalho, é uma questão de atualização, tenho que estar a par do que está a acontecer para depois fazer a seleção, a triagem. É uma coisa implícita, não é uma questão de carga de trabalho. Tenho que ter o máximo de informação depois para fazer a seleção. A tal agenda que fazemos todas as semanas, são agendas com coisas muito concretas e com perspetivas muito diferentes. Por exemplo, no fim de semana digamos que houve uma invasão policial

ao Bairro da Jamaica, onde vivem muitos africanos. Aparece lá a TVI, a CMTV, etc, a SIC, e dão uma perspetiva, e eu tenho que estar atento para perceber qual foi a abordagem que eles fizeram, para quando fizer a proposta na segunda-feira, tenho que ter uma abordagem diferente e incluindo a reação das pessoas, ir lá, se a matéria for aceite, ir lá e ter outra perspetiva, outra reação, outro ambiente atmosférico, em termos de rádio, para dar outra perspetiva.

Nesse caso tb acontece falar da reação dos médias de cá? por ex, no caso da invasão ao bairro da Jamaica, vai também noticiar que os médias locais tiveram tal reação etc.?

Não, não. (ele só está atento para ver que outra perspetiva é que pode dar à mesma matéria). Fazemos independentemente daquilo que dizem os média locais. O que nos interessa são as pessoas, que vivem o acontecimento. e não aquilo que dizem os média. Temos também uma matéria muito pequena, temos que focar no essencial para caber nos tais 3 minutos, ou 2m30.

Quem faz mais propostas: você correspondente ou os seus editores?

sim sim sim sim sim (acontece os editores pedirem-lhe assuntos/matérias específicas). Há aqui duas formas de trabalhar. Por um lado, faço eu as propostas. Mas não quer dizer que da redação não surjam ideias, muitas vezes aparecem ideias propostas por eles (“Olha nós achamos que podíamos fazer uma matéria assim assim, com foco neste ou naquele aspeto”), isto sempre foi assim. E funciona.

Consulta muito os media locais (voltando à questão de onde vêm as ideias)?

Sim, muito. Através da Internet, consulto os órgãos locais. Por exemplo, se eu falar de Angola, tens o Jornal Angola que é um jornal oficial, praticamente. Mas tens órgãos da imprensa privada que também têm outra perspetiva e que te ajudam a pensar melhor no que está a acontecer nesse país. Isso são feedbacks/pistas, para quando alguém de Angola passar por aqui ser confrontado com esse aspeto, com o que aconteceu em Angola. Muitas vezes funciona nesses moldes. Não quer dizer que, estando em Portugal, acontece alguma coisa em Angola e eu falo sobre Angola. Nós temos lá um correspondente que fala daquilo em Angola. Acompanho só por uma questão de estar informado. Por exemplo agora, neste encontro de segunda-feira, na CPLP (?), vai ser um encontro para credenciar a nova embaixadora de Timor-Leste junto da CPLP. Eu não vou lá falar da acreditação, dizer que

Timor-Leste tem um novo embaixador em Lisboa, não vou falar disso. Vou aproveitar o encontro e propor explorar outras coisas
mas ajuda mt se tiver um background daquilo que está a acontecer na Guiné-Bissau
vou ver destaques da imprensa local e tento pesquisar, há um trabalho de casa/de pesquisa que tem de ser feito para me documentar

Portanto consulta tanto jornais portugueses como estrangeiros/mais virados para o que tem a ver com esses países (CPLP)?

Há sites em Portugal que têm muita matéria sobre os países de língua portuguesa, coisas que tb saem na Lusa, a Lusa tem uma secção virada para a Lusofonia, e dá para confrontar, e permite confirmar (verificar as falsas notícias), confirmar se de facto estamos perante uma info verdadeira ou não.

Também consulta a atualidade alemã?

Não (responde sem hesitar). Não preciso. Tendo em conta a característica das emissões, viradas mt para África, eu não tenho que me preocupar com aquilo que acontece na Alemanha. Só se for do ponto de vista pessoal, pq entre os canais por cabo tens a DW TV...

Portanto se eu quiser saber o que acontece na Alemanha, no mundo, tb posso ir a DW TV. Assim como tens a BBC, a CNN, mas só a título pessoal é que o faço.

É uma questão de estares informado. Isso é uma característica de qqr jornalista que não quer ficar ausente do que está a acontecer no mundo.

Considero o seu caso atípico/diferente do perfil-tipo do correspondente. um correspondente típico, ex para Alemanha, que trabalha em Portugal, consulta atualidade portuguesa e alemã, para saber quais são os temas em consonância etc...? exatamente

e não é o seu caso?

Não. Não me posso dispersar por aí. Em termos objetivos, como correspondente, não me posso perder por aí. Mas a DW Alemanha tinha jornalistas cá (em Lisboa), éramos 3, e os outros jornalistas tratavam coisas que tinham a ver com Portugal, ainda há jornalistas que tratam da economia portuguesa, como a crise, agora com a história do corona devem ter feito reportagens sobre isso, sobre o turismo, etc.

Há jornalistas que fazem isso só para a imprensa alemã. Portanto eles tem que estar atentos, como dizes, aquilo que acontece na Alemanha pra ver se há algum ponto de ligação.

No meu caso, não cabe na minha emissão. Tenho que fazer a distinção as coisas.

Quando pensa nas matérias a propor, o facto de trabalhar em radio condiciona a forma como escolhe os temas?

Cada órgão tem a sua característica, cada meio tem a sua especificidade, quando estou a trabalhar para imprensa escrita tenho maior campo de ação.

A nível de radio tenho 2 ou 3min e tenho que ser mt objetivo e concreto, não me posso expandir mt porque depois não cabe e serei obrigado a cortar. Tenho que ser mt objetivo. Por isso é que falava dos features, os features já permitem essa abrangência. Tb têm que ter objetivos mt bem definidos, mas a abordagem é mt mais alargada e profunda, e tenho possibilidade de introduzir mt mais vozes.

Num feature posso ter 4-5 ou 6 vozes, já numa matéria de 3 min tenho que me limitar a 2 ou 3 vozes (posso ter 4, mas não mais que isso). É uma questão de precisão, o foco tem que ser mt bem definido, porque depois é um embaraço mt grande ter que cortar. É um exercício que fazemos sempre. Por experiência sei que em 2 ou 3 min vou poder falar com 2 ou 3 pessoas, mais a minha voz, portanto sei qual é o padrão que tenho que seguir.

Existe algum obstáculo pelo facto de trabalhar em radio? devido aos sons que tem que usar (por ex, não pode recuperar uma declaração do online, tv ou print porque precisa do som da voz, ao contrário dos correspondentes do print)?

Preciso da voz, tenho que ir para o terreno. Se é uma voz de alguém que deu uma conferência de imprensa e se esse material está disponível na Lusa, eu não preciso de ir ao terreno, posso não estar lá e aproveitar esse som. Mas, porque tenho que fazer uma matéria diferente dos outros, eu tenho que ir ao terreno para ter essa diferença. Por ex, estamos numa manif onde há muitos jornalistas, cada um a tentar recolher o seu som, eu vou buscar alguém que não tenha sido abordado/entrevistado por um colega. Ou, se falar com ele, a perspectiva será outra. Há sempre essa preocupação para impor diferença.

Ia dizer, trabalhei na imprensa escrita, no Diário de Notícias, e estive ligado a uma revista chamada Africa Hoje, aqui em Portugal, era uma revista portuguesa, de um empresário português, já desapareceu. Aí o espaço de manobra era mt maior, embora tb tenhamos de ser objetivos.

Quais são as áreas em que se verifica maior interesse em temas portugueses?

é conjuntural, e tem mt a ver com a atualidade. Tanto podes ter um tema na área da política como um na área da economia ou da cultura e serem temas interessantes, depende da conjuntura. Quando Lisboa foi capital europeia da cultura havia matérias que fazíamos que tinham mt interesse. Nesse contexto eram matérias com destaque. Quando Portugal pediu resgate, os temas económicos tinham relevância, depende do contexto. Quando há campanha eleitoral, os temas políticos ganham força, dependendo do enquadramento que fazemos. Por ex, vêm ai as eleições autárquicas, é possível que apareçam candidatos negros, ai o nosso foco vai ser esse, a presença de candidatos africanos ou negros porque é a área que nos interessa. Ai estamos a trazer à tona os temas de carater político, depende da conjuntura.

Estas 3 áreas, economia, política e cultura têm sempre interesse, só que não com a mesma intensidade todo o ano, ou todo o mês, não há uma regularidade.

É frequente escolher como materia temas que não são abordados nos media portugueses, ou que não sejam temas principais?

Convém! Para fazer diferente. Muitas vezes os colegas perguntam “Oh João Carlos, como é que soubeste disso?” é aquela tal coisa, estar atento ao que esta a acontecer, seguir a imprensa, perceber o que se diz e ir à busca de coisas que não são conhecidas.

Os seus editores pedem frequentemente temas que não acha que sejam interessantes? recusa?

Na na na, não recuso. Isso tem a ver com a tal colaboração que há entre o editor e o correspondente. Mtas vezes eu estou aqui e posso não me aperceber de um determinado facto ou posso não achar que esse acontecimento é interessante, e eles proporem, e faço. Acho que nunca recusei. Se há uma matéria que não tenha feito é por dificuldades de acesso a fontes.

Por ex ultimamente pediram me uma matéria sobre uma cantora rap angolana, que está cá em Portugal, só não fiz porque houve dificuldades de falar com ela, ela estava em digressão. Antes desta coisa do coronavírus, e até hoje não consegui falar porque ninguém respondeu. Mas são coisas muito excepcionais, de um modo geral, o que eles propõem é sempre interessante. É um colega que está lá e leu qqr coisa, ouviu falar de qqr coisa.. e

na tal reunião de programação propõe certo tema: “achamos que esse tema tem que ser tratado pelo João Carlos que está em Lisboa”.

Como é que eles próprios chegam a esse tema (a tomar conhecimento dele), seguem a atualidade portuguesa pelas agências ou nos medias locais?

Medias portuguesas. Porque têm acesso na internet, ou alguém recebeu o jornal Público, ou o Diário de Notícias. Ou porque viu uma info interessante na internet, tudo serve...

O facto de conhecer Portugal cada vez melhor muda a forma como trabalha? pensa que perdeu a frescura de um olhar exterior dos primeiros momentos, ou que ganhou em experiência? mais ou menos ingenuidades?

Quando cheguei tinha um olhar fresco (ahahah). Quando cheguei comecei pouco e pouco a percorrer Portugal como correspondente, fui conhecendo. Mas a minha perspetiva sobre aquilo que é o país não muda muito. Posso é estar muito melhor informado. E ir por exemplo a Bragança fazer uma matéria como se estivesse pela primeira vez em Portugal. Há uma ligação mais longa com aquilo que é a realidade portuguesa, comparativamente com alguém que chega e que, pode ter uma perspetiva... de quem chegou, mas não ter um conhecimento profundo daquilo que é a realidade do país.

Hoje eu conheço melhor Portugal, embora não conheço tudo, e o meu feeling é outro quando estou a abordar uma determinada matéria. Há mais facilidades quanto melhor se conhece. Quando cheguei ainda era um pouco ingénuo, havia coisas que abordava com alguma superficialidade porque não conhecia bem, fui conhecendo e acho que as matérias que faço hoje têm mais sustentabilidade porque tenho conhecimento mais aprofundado daquilo que é a realidade portuguesa. Tb conheço as pessoas e as pessoas já me conhecem. Portanto mesmo nas relações pessoais é outra coisa. Tenho mais facilidade atualmente em aceder às pessoas, no início tinha mais dificuldades, independentemente de ter uma perspetiva de quem chegou ou outro olhar (que para mim, podia ser um olhar mt superficial), hoje tenho outra visão.

Também facilita na procura das matérias a tratar? sente-se mais informado?

Sim, sim sim. Nos distribuímos muitos cartões de visita. E por vezes as informações chegam porque sabem que somos correspondentes para a Voz da Alemanha e querem mandar essa informação, porque podemos precisar dessa info. Portanto há um maior conhecimento, maior contacto.

Qual considera que é o seu país? (risos)

(risos) Eu se pudesse respondia que sou cidadão do mundo, não tenho país... Pronto o meu país é São Tomé e Príncipe porque nasci lá, e é Portugal porque o meu pai é português, embora não o tenha conhecido, cheguei cá e acabei por cá ficar. Tenho um pé aqui e um pé lá, e depois podia ainda juntar a Alemanha, por razões profissionais. (estudou em R..., antes da queda de Berlin, antiga RDA).

Relatório de Sambrooks (Reuters) sobre a questão do interesse do público pela atualidade estrangeira, explicando que até agora, a cobertura internacional sempre seguiu os interesses dos governos, com questões comerciais, relacionadas com conflitos, etc... Sambrook diz que deveria haver maior interesse pelos temas relacionados com a vida quotidiana das pessoas, relatos mais próximos das pessoas e não tao ligados ao governo.

Até que ponto é que um correspondente se deve considerar como representante dos interesses do país para o qual trabalha?

Pois aqui no meu caso a questão é a proximidade. As matérias que produzo têm que ser matérias com interesse para Alemanha. A DW é uma estação pública, mas que representa os interesses do governo alemão, embora em termos editoriais haja a preocupação de distanciamento. Não há colaboração entre a DW e as políticas do governo alemão. Mas aquilo que a DW produz tem que ter a ver com os interesses do governo alemão. Por exemplo quando a DW vai fazer uma reportagem a Angola e Moçambique, embora não tenha a ver com interesses económicos, mas tem a ver com interesses políticos e estratégicos em relação a Africa. É inevitável.

O que diz Sambrooks no relatório é então um pouco verdade?

É, é inevitável. Eu não estou aqui para fazer propaganda da estratégia ou da política do governo português, mas eu não escapo a falar das iniciativas do gov português quando achar que isso é relevante e de interesse público, não posso é ser instrumento de propaganda do governo português.

Há aspetos que não podemos deixar de abordar pensando que estamos a fazer propaganda do gov português, ou estamos a fazer algo em benefício do gov alemão. Se é do interesse da Alemanha, porque não...

Se fosse correspondente de um media de outro país seleccionaria temas diferentes?

Seleccionaria temas que têm a ver com aquilo que são os interesses do órgão para o qual eu trabalho, para Alemanha, ou Angola ou São Tomé e Príncipe. Se trabalhasse para São Tomé e Príncipe de certeza que iria abordar temas que tem interesse para São Tomé e Príncipe. E esses temas podem ser do interesse do governo são-tomense, o gov se calhar estaria interessado em saber como vive a comunidade são-tomense em Portugal. Portanto pode ser uma reportagem da minha iniciativa, mas que pode despertar interesse ou ser útil ao gov são-tomense se é do interesse são-tomense definir uma politica de emigração, pode ser uma pista, pode ser um instrumento de apoio a uma ação que queiram desenvolver em beneficio dessa comunidade.

Posso falar de Portugal, Portugal é um parceiro importante para a Alemanha, por ex. Temos aqui a câmara de comércio luso-alemã, que as vezes promove coisas, o Instituto Goethe. Na altura da crise, muitos portugueses começaram a sair de Portugal, à procura de alternativa fora de Portugal, e muitos saíram para a Alemanha, e o Instituto Goethe era uma das instituições por onde passavam, porque tinham que fazer cursos de alemão antes de ir. Acaba por ser uma matéria, nós produzimos, e tem interesse implicitamente para o governo alemão. E para a população.

Aliás, se fores ao site do Instituto Alemão, tens um link da DW.

No site da embaixada alemã não sei se está, nos não nos colamos muito à embaixada alemã. Não quer dizer que estamos de costas viradas, mas não recebemos ordens da embaixada alemã, há aqui um distanciamento.

Se não houvesse comunidade portuguesa importante na Alemanha, a DW teria a sua versão portuguesa?

O facto de a DW ter uma secção portuguesa, é pela expressão que tem a língua portuguesa no mundo. Não é só pelo facto de haver na Alemanha uma comunidade portuguesa. Porque as emissões da DW, emissões internacionais, não são ouvidas na Alemanha. Hoje em dia podes ouvir porque tens internet, mas quando eram feitas por onda curta, a onda curta era fora da Alemanha, ouvias no radio fora da Alemanha, não eram emissões direcionadas para Alemanha. Imaginemos que as emissões eram para Africa, a DW tinha antenas lá, que emitiam para Kigali, e havia outros retransmissores que faziam a distribuição do sinal para facilitar a receção nos países africanos. A DW tem mais de 50 anos, sempre foi um media internacional.

Com o surgimento da internet, esse problema da recepção ficou ultrapassado, seja onde estiveres, podes ouvir a DW, indo ao site e ouvindo a emissão. Além das matérias online, os textos que produzimos, adaptados para online, mais foto e vídeos.

Diz-se muito que o surgimento da internet/novos media põe em risco a profissão dos jornalistas (jornalista cidadão). o perigo é o mesmo no caso dos correspondentes estrangeiros?

De certo modo sim. Ainda na semana passada estive num debate sobre esse tema, mas aqui há que reinventar, e tentar acompanhar esta evolução tecnológica. A DW conseguiu acompanhar este processo, evolução, e o risco é não termos capacidade para acompanhar este processo de transformação.

Artigos podem ser escritos à distância, sobre o mundo e a partir do país de origem. a necessidade do correspondente é posta em causa?

Sim de certa maneira! Eu já tive algum sentimento de fraqueza quando um colega que esta na Alemanha é estagiário, chegou e tem que mostrar trabalho, porque conhece um contacto em Portugal, é-lhe pedido um trabalho e ele pega no telefone e liga, muitas vezes sem consultar o correspondente que está no terreno. Quando vou ver no site e encontro uma matéria feita sobre Portugal, por alguém que lá está, acaba por ser um pouco constrangedor.

Acontece muito?

Não tanto, mas acontece. Estás aqui em Portugal e de vez em quando há uma matéria sobre a Isabel dos Santos, porque alguém que está na Alemanha teve um contacto, ligou diretamente para o advogado e falou com ele... Acaba por ser constrangedor. E coloco essa questão de avaliar se o trabalho do correspondente é útil ou não. Mas são coisas mt pontuais. Ou então quando alguém da redação telefona para ti e diz “João Carlos, tens o contacto do fulano tal, estou a fazer um trabalho sobre Portugal?” e eu digo “bom”, (risos), não faz sentido.

Sente que nos últimos anos tem havido de repente mais concorrência nesse sentido?

Sim sim sim sim sim. É um sentimento que prevalece. Independentemente do impacto que esta crise sanitária está a ter. Agora falando concretamente desse período, o volume de trabalho que tínhamos antes diminuiu. Além da rádio ter diminuído as emoções, vai

retomar nos próximos tempos, tb teve impacto na nossa atividade. Tudo o que está a acontecer é sobre o coronavírus, se bem que a pouco e pouco vai abrindo. O tal princípio de fazer diferente impõe-se até nesta altura. Ainda não há temas que sejam diferentes do coronavírus (risos). A DW não falou do coronavírus em Portugal. Em algumas matérias que estou a fazer agora vou fazendo referência ou alusão a alguma coisa, mas não é o aspeto relevante. Portanto vamos esperar que as coisas voltem à normalidade e que... haja atividades que justifiquem mais matérias.

Não há um interesse específico por Portugal da parte da DW, é tudo relacionado com países de Africa? o coronavírus em Portugal não interessou como tema?

Não é isso, isso faz parte das medidas que a DW teve de adotar, com o estado de emergência que foi decretado, tanto em Portugal como na Alemanha. Acabaram por reduzir as emissões e reduzir o pessoal. Acho que aqui o fator principal tem a ver com o espaço de antena, o espaço de emissão, que como era curto e eles tinham menos gente, tinham que se centrar em Africa. E porque o coronavírus estava tb a emergir em Africa, era então preciso focar no continente africano, e havia muita informação, e continua a haver. Mas como retomamos a emissão, voltámos ao espaço de antena anterior, então eles vão diluindo um pouco a abordagem sobre o coronavírus, sem deixar de acompanhar a situação em Africa, e vão abrindo a emissão para outros temas, para diversificar. Em março, abril, maio era só corona, eu até desligava. Irritava. Abrias a imprensa portuguesa e vias televisão era aquilo do princípio até ao fim. às tantas comecei a ficar saturado, psicologicamente. Agora vamos introduzir outros temas com alguma gradualidade, ao retomar a emissão. Vamos falar na segunda-feira da Guiné-Bissau, na sequência do encontro que vai haver aqui, para ir variando.